



O Projeto Educativo da cidade de Americana: políticas públicas em diálogo com a vida cotidiana das escolas



Catálogo na Publicação (CIP)
Elaborada por Maria do Carmo de Oliveira – CRB-8ª/4623

O projeto educativo da cidade de Americana: políticas públicas em diálogo com a vida cotidiana das escolas / Roberta Rocha Borges, Murilo Braga (organizadores). Campinas, SP: NEPP/LEPED/UNICAMP/ Prefeitura de Americana, 2025.

224 p.

ISBN: 978-65-84193-09-3

Vários autores.

Publicação digital (e-book)

1 Políticas públicas em educação. 2. Projeto educativo. 3. Educação municipal. 4. Gestão educacional. I. Borges, Roberta Rocha (org.) Braga,

Murilo

(org.)

Ficha técnica

Americana, 25 de novembro de 2025

PREFEITURA MUNICIPAL DE AMERICANA

Francisco Antônio Sardelli

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO MUNICÍPIO DE AMERICANA

Vinicius Ghizini

**DIRETORA DA UNIDADE DE DESENVOLVIMENTO PEDAGÓGICO
DA SECRETARIA MUNICIPAL DE AMERICANA**

Ana Cristina Barbieri Bertaiolli Zoca

**DIRETORA DA EDUCAÇÃO BÁSICA DA SECRETARIA MUNICIPAL
DE AMERICANA**

Graciete Pereira da Silva

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor Prof. Dr. Paulo Cesar Montagner

NÚCLEO DE ESTUDOS DE POLÍTICAS PÚBLICAS

Coordenadora Profa. Dra. Ana Maria Alves Carneiro da Silva

**PROGRAMA DE ESTUDOS DE POLÍTICA PÚBLICA PARA A
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Coordenadora do Programa e do Projeto Profa. Dra. Roberta Rocha
Borges

**GRUPO DE ESTUDOS POÍESIS - O PAPEL DO ATELIÊ E DO
ATELIERISTA NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL**

Coordenador do grupo de estudos Prof. Me. Murilo Braga

**GESTÃO ADMINISTRATIVA DE PROJETOS DO NÚCLEO DE
ESTUDOS DE POLÍTICAS PÚBLICAS / UNICAMP**

Patrícia Fernanda de Andrade Romeira

Ana Paula Santos

TEXTOS INTRODUTÓRIOS DOS CAPÍTULOS INTERNOS

Profa. Dra. Roberta Rocha Borges

Prof. Me. Murilo Braga

REVISÃO PEDAGÓGICA E TEXTUAL

Leticia Araujo Ferrão Maeda

PROJETO GRÁFICO

Prof. Me. Murilo Braga

Carta aberta à comunidade de Americana

Às educadoras e educadores, às famílias e a todos os cidadãos de Americana,

É com profunda alegria e renovada esperança que compartilhamos uma das mais significativas transformações em andamento em nossa rede municipal de Educação, resultado da formação "Espaços da Infância", que qualificou mais de 500 profissionais que atuam diretamente com nossas crianças. Esta iniciativa representa não apenas um marco, mas um verdadeiro compromisso com a excelência na educação para a primeira infância, alinhando nossas práticas pedagógicas às mais reconhecidas e bem-sucedidas experiências educacionais mundiais.



Vinicius Ghizini
Secretário de
Educação
de Americana

Inspirados pela revolucionária experiência educativa de Reggio Emilia, na Itália - amplamente reconhecida como uma das mais inspiradoras e eficazes abordagens para a primeira infância em todo o mundo -, mergulhamos profundamente nas propostas pedagógicas apresentadas na obra fundamental "As Cem Linguagens da Criança". Esta formação nos convidou a repensar radicalmente o modo como compreendemos, acolhemos e valorizamos as crianças em nossas creches, EMEl e Casas da Criança.

A filosofia reggiana nos apresenta uma visão da criança como ser potente, competente, criativo e detentor de múltiplas linguagens para expressar seus pensamentos, emoções e compreensões sobre o mundo que a rodeia. Mais do que uma metodologia específica, é uma filosofia de vida, um modo particular de estar e de se relacionar com a infância que valoriza profundamente a escuta atenta, a documentação cuidadosa dos processos de aprendizagem e a compreensão do ambiente escolar como elemento educador, conceito que transforma completamente nossa percepção sobre o espaço em nossas escolas.

Para nós, educadores, esta abordagem significa transformar nossos espaços físicos em ambientes vivos, acolhedores e intencionalmente provocadores, onde cada cantinho, cada material, cada disposição de móveis convida genuinamente à exploração, à descoberta e à construção colaborativa do conhecimento. Significa aprender a observar com olhos renovados, valorizando não apenas o que as crianças verbalizam, mas também suas outras formas de expressão: através do desenho, da modelagem, da música, do movimento corporal, das construções tridimensionais e das complexas relações que estabelecem com os colegas e com o mundo ao seu redor.

Para as famílias e para a sociedade em geral, esta abordagem educacional inovadora representa a garantia concreta de que nossas crianças estão sendo educadas para desenvolver integralmente todo seu potencial criativo, crítico e social. Estamos plantando hoje as sementes mais férteis para a formação dos cidadãos do amanhã - cidadãos mais sensíveis, questionadores, éticos e capazes de pensar soluções inovadoras para os complexos desafios do futuro que os aguardam.

A educação de qualidade que acontece hoje em nossas escolas constrói diretamente a sociedade justa e desenvolvida que almejamos para o futuro. Ao investir decisivamente na qualificação continuada de nossos educadores e na adoção consciente de práticas pedagogicamente comprovadas em âmbito internacional, Americana reafirma seu compromisso histórico com a construção de um futuro mais justo, criativo e verdadeiramente humano para todos os seus cidadãos, começando por nossas crianças.

Com esperança, determinação e confiança no trabalho desenvolvido juntos, agradeço quem se engajou verdadeiramente na formação e quem, a partir dela, começa a reescrever o cotidiano em prol de novas histórias de vida para nossas crianças.

Vinicius Ghizini,
Secretário de Educação de Americana.



Prefácio

Esta publicação é fruto de uma experiência formativa construída entre o Núcleo de Estudos de Políticas Públicas da UNICAMP (NEPP) e a Secretaria Municipal de Educação de Americana, orientada pelos valores que fundamentam o Projeto Educativo da Educação Infantil: a escuta das infâncias, a prática democrática, o direito à pesquisa, a valorização das cem linguagens e o compromisso com o conhecimento que emergem do cotidiano escolar.

Mais do que compreender o que as escolas produzem, esta formação buscou revelar como constroem sentido e identidade, articulando teoria e prática em um movimento permanente de investigação e criação. A experiência reafirma a escola como espaço de cultura, ética e estética, onde aprender e ensinar se entrelaçam no cuidado com o outro, na reflexão coletiva e na curiosidade que move o pensamento.

O percurso constituiu-se como um processo de pesquisa colaborativa entre universidade e rede pública, em que diretores, coordenadores, pedagogos e professores assumiram papel protagonista. Cada encontro e cada registro foram oportunidades de pensar a escola como território de experimentação e autoria. A gestão escolar, junto às equipes docentes, documentou o vivido e sustentou as transformações, garantindo que a formação se tornasse cultura institucional.

A formação, desenvolvida ao longo de dois anos, configurou-se como um campo de investigação vivo, em que o fazer e o compreender se retroalimentam. Nos grupos de estudo, o coletivo exercitou a observação, a escuta e a documentação como modos de pensar e de formar-se.

O projeto educativo da Educação Infantil, em perspectiva pós-moderna, consolidou-se como eixo articulador de princípios que orientam o trabalho pedagógico: a pesquisa educativa; a criança como protagonista; o aprendizado como processo individual e coletivo; a prática democrática; o currículo emergente; a projeção; a organização estética dos espaços; a documentação pedagógica; e as cem linguagens como expressão da multiplicidade do pensamento infantil.

Os ambientes escolares tornaram-se mediadores da experiência e do pensamento. Entre eles, o ateliê se firmou como pilar da pedagogia sensível — um espaço de encontro entre arte, ciência e imaginação, onde cada material convida à investigação e à criação. O parque, por sua vez, revelou-se laboratório de ciência e encantamento, lugar em que o corpo, o olhar e o brincar se tornam instrumentos de pesquisa sobre o mundo natural.

A música emergiu como linguagem de pensamento e escuta, ampliando as formas de expressão e compreensão. O ritmo, o som e o silêncio se transformaram em caminhos para construir sentido e criar vínculos. As famílias participaram como parceiras fundamentais nesse processo, contribuindo com narrativas, observações e registros que ampliaram o olhar sobre a infância e fortaleceram o diálogo entre casa e escola.

As documentações pedagógicas reunidas nesta obra — fotografias, narrativas e reflexões — foram produzidas por professores e gestores que assumiram a pesquisa como parte de sua prática formativa. São registros interpretativos que revelam a potência da educação infantil como campo de conhecimento e criação. Esta publicação não encerra um ciclo: ela o torna visível. É testemunho de um percurso coletivo que compreende a escola como espaço de investigação e autoria, e a docência como prática reflexiva e compartilhada. O trabalho desenvolvido demonstra que a qualidade da educação se consolida quando diretores, coordenadores e professores compartilham um mesmo horizonte ético, estético e formativo, sustentado pela escuta e pela curiosidade.

Que a leitura destas páginas inspire novas escolas e redes a fazer da pesquisa um princípio educativo e das cem linguagens uma forma de pensar o mundo — reafirmando que educar é investigar, e investigar é criar.

Profa. Dra. Roberta Rocha Borges

- Coordenadora do Programa de Estudos em Políticas Públicas para Educação Infantil (PEPPEI) / Núcleo de Estudos de Políticas Públicas (NEPP);
- Coordenadoria de Centros e Núcleos Interdisciplinares de Pesquisa (COCEN)/Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP);
- Professora do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação (FE/UNICAMP)

Apresentação

Ao olharmos o percurso trilhado pela Rede Municipal de Americana e nos depararmos com os frutos de um trabalho sonhado, planejado e cultivado ao longo do tempo, o coração se acalma e se aquece.

É a certeza de que a infância, com sua doçura e encantamento, traz consigo uma potência única, o olhar curioso, inquieto e ávido por conhecer, sentir e viver novas experiências.

Somos tomados pela alegria e pelo privilégio de acompanhar de perto esse florescer das infâncias nas escolas públicas municipais, fazendo valer, em cada gesto e proposta, os direitos de todas as crianças, sem distinção de origem, cor ou condição social.

É reafirmar que a educação pública de qualidade é, antes de tudo, um propósito, é direito, é ação, é pensar a escola a partir das infâncias, é reconhecer suas especificidades, respeitar seus tempos, acolher suas vozes e oferecer o melhor que o espaço educativo pode proporcionar.

Construímos esse documento sob o olhar da criança, de como enxerga esse mundo no qual faz parte, sente e percebe, dinamicamente e amorosamente.

Ana Cristina Barbieri Bertaiolli Zoca
Graciete Pereira da Silva

Introdução: Sobre encontros, aprendizagens e continuidades.



***“De tudo ficaram três coisas...
A certeza de que estamos começando...
A certeza de que é preciso continuar...
A certeza de que podemos ser interrompidos antes de terminar...
Façamos da interrupção um caminho novo...
Da queda, um passo de dança...
Do medo, uma escada...
Do sonho, uma ponte...
Da procura, um encontro!”***

Fernando Sabino

É chegado o momento de materializar o vivido.

Momento de a(colher) generosamente o passado, puxando os fios das muitas memórias, na busca de tecer um percurso formativo.

O projeto “Espaços da Infância” coordenado pela Prof^a Dr^a Roberta Rocha Borges do NEPP - UNICAMP, teve seu início em abril de 2024 e dentro desse espaço temporal foram mais de 35 encontros formativos para toda a rede municipal de educação infantil de Americana/SP - diretoras(es), coordenadoras(es), pedagogas(os), professoras(es) e supervisoras.

Uma trajetória que priorizou a pesquisa e a prática democrática na gestão escolar e no trabalho pedagógico cotidiano com os bebês e as crianças, valorizando uma pedagogia em participação efetiva.

Um projeto que procurou garantir em seu percurso o respeito à história da cidade de Americana e de suas escolas de educação infantil, incentivando e empoderando por meio de estudo dentro do caminho da pesquisa, uma prática coletiva para o reconhecimento da identidade singular de cada uma das 37 unidades escolares, seus percursos de investigação e pesquisa, o protagonismo de bebês, crianças e professoras(es), fomentando a importância da documentação pedagógica e da visibilidade do trabalho educativo realizado.



O Projeto Espaços da Infância nos apresentou a proposta de uma escola: ***“(...)que acolhe a prática democrática em uma forma de governança participativa, onde busca promover o envolvimento de todos, a partir do contexto real das escolas. Trata-se de uma prática que acolhe a diferença e a singularidade de cada ser humano. Ao assumir esse projeto educativo, a escola oferece a real possibilidade às famílias e aos professores de exercitarem a cidadania na escola e, aos bebês e às crianças, o direito de viver relações democráticas, desde muito cedo. A opção pela prática democrática se revela também nos entremeios das dimensões pedagógicas e da didática do professor. Ao conceber crianças e bebês como cidadãos competentes, seres ativos, produtores de cultura, protagonistas de sua própria história, possibilitamos também uma escuta responsiva.”*** (Livro novo olhar - pág 13. NEPP UNICAMP)



Há de se dizer que no caminho houve muitas pedras, pois almejar que o discurso se torne ação, não é uma estrada asfaltada em linha reta.

Há de se dizer que houve tropeços, troca de sapatos, desvios, dias de chuva e dias de sol.

Há de se dizer que houve a possibilidade de conhecer-se dentro da caminhada, num gesto de incômodo, de indignação, de acolhimento, de curiosidade, de descoberta.

Há de se dizer que houve a possibilidade de despir-se do costumeiro, para tentar novos caminhos, novas aprendizagens, novos saberes, novas maneiras de pensar e fazer educação.

Há de se dizer que houve a possibilidade de saber-se incompleto e ter a necessidade de ser outros, como bem nos ensina Manoel de Barros.

Os encontros presenciais ou remotos nos convidavam a revisitar nossas práticas, nossa maneira de estar e conviver com os bebês e as crianças nos espaços da escola cotidianamente, a ser presença no ato de educar e cuidar.

A escola, além de ser um espaço de construção de conhecimento, precisa ser um espaço de esperança, de aprendizagens significativas, de histórias compartilhadas, um lugar de vida.



O projeto Espaços da Infância nos apresentou uma ideia de escola:

Que acolhe bebês, crianças e famílias.

Que dialoga, escuta, troca ideias.

Que tem ambientes que provoca.

Que trabalha com muitas linguagens... (a matemática, o desenho, a escrita e a leitura, a tecnologia, a argila, a construção, o faz-de-conta e a imaginação, a música, a ciência...).

Que valoriza os interesses, as dúvidas, as ideias e as investigações da criança.

Que tem materiais inteligentes.

Que pesquisa, descobre, busca a verdade.

Que apoia as brincadeiras ao ar livre e com a natureza .

Que considera todos os momentos ricos de aprendizagem.

Que guarda a memória e a história das crianças.

Que tem a família como corresponsável.

Que crianças e famílias trabalham em um mesmo projeto de pesquisa.

Que celebra momentos juntos.

Que acredita na potência do professor pesquisador.

Que o professor maravilha-se com as descobertas dos bebês e das crianças.”

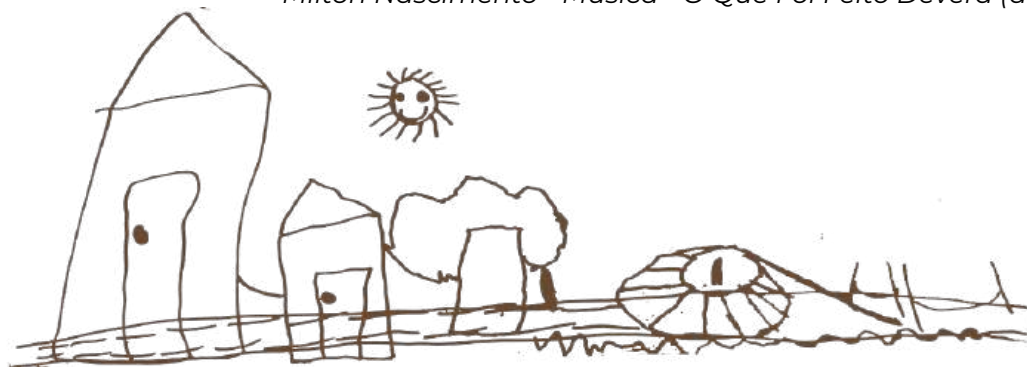


É no envolvimento de tudo o que foi vivido que agora continuamos caminhando, estudando, na busca incessante de uma escola que sabe de sua identidade, que conhece seus espaços e as pessoas que os habita, sejam elas, bebês, crianças ou adultos, que entende o valor das relações e almeja viver a teoria e a prática, a natureza, a cidade, as descobertas, a cultura, a arte, o tempo da infância.

“Se muito vale o já feito, mais vale o que será.

E o que foi feito. É preciso conhecer para melhor prosseguir.”

Milton Nascimento - Música - O Que Foi Feito Devera (de Vera)



desenho de Anna Beatriz

Leticia Araujo Ferrão Maeda

Supervisora de Formação da Educação Infantil
Unidade de Desenvolvimento Pedagógico
Secretaria Municipal de Educação de Americana

Sumário

Capítulo 1 - O nascimento de um projeto sensível, ético e coletivo----- 16

- A transformação dos espaços na EMEI Bacuri: um palco de aprendizagens

----- 18

- Espaços de descobertas e possibilidades ----- 27
- Caminhos da Infância: memórias que transformam ----- 35

- A ação de olhar e escutar: um relato da nossa jornada de transformação dos espaços

----- 42

- Infância em foco: o protagonismo que investiga e encanta - 50
- Construindo o saber com as crianças: do planejamento ao interesse contagiante

----- 57

Capítulo 2 - A resignificação dos espaços escolares como lugares de escuta, pesquisa e encantamento ----- 65

- Ressignificando os espaços ----- 66
- Ressignificando o Espaço de uma Escola de Período Integral - Emei Carandá

----- 72

- Organização e criação de novos espaços além da sala de aula

----- 80

- O Refeitório Escolar Como Espaço Educativo ----- 89
- Reestruturando o ambiente e o nosso olhar ----- 100
- O espaço e a estética:

ambientes que semeiam aprendizagem ----- 108

Capítulo 3 – Ateliê como pilar de uma pedagogia sensível—----- 129

- O ateliê está pronto, pode entrar!
-----130
- Não é só um espaço: é a arte em transformação—-----136
- Aracati: Uma escola em transformação. —----- 143
- Estação das Artes: Um laboratório de saberes e o processo de transformar uma sala de recursos em um espaço de aprendizagem com infinitas possibilidades! —----- 169
- Ateliê na escola: Um lugar de infinitas possibilidades----- 174

Capítulo 4 – Infância e natureza: O ateliê como espaço de encontros entre o natural e o simbólico----- 179

- Do quintal ao ateliê: Um mundo de possibilidades ----- 180
- A Arte através da Natureza. Seguindo por um rio de descobertas. Descobrimos rios de conhecimento. A arte e a Natureza em nós----- 185
- Do ateliê aos quintais: Sensações e Infinitudes—----- 206
- A arte e o Mundo —----- 214

Capítulo 5 – Música: essência, beleza e criação ----- 219

- Projetos “Canta Encanta Taraguá” e “Cantando e brincando” —----- 220
- A música para além da audição —----- 226

Capítulo 6 – Natureza como linguagem de investigação e relação----- 246

- Plantando pesquisas, semeando aprendizagens----- 247
- JOÃO-DE-BARRO, o construtor da floresta----- 252
- A Natureza e seus encantos: Olhares sensíveis do Maternal II da Creche Municipal Chuí----- 258
- Manga aromas, cores e sabores----- 266
- Espaços de convivência que estimulem a pesquisa----- 274
- Brincadeiras e pesquisa:
O desenho de um nova infância ----- 283
- O Abrigo que se Faz no Tempo:
Narrativas de um Pergolado----- 292
- Crianças-passarinhas que voam por aqui!
onde a Imaginação encontra o mundo.----- 299

Capítulo 7 – Tecendo vínculos: a escola que abraça a família----- 308

- Brincar a linguagem da infância:
onde a Imaginação encontra o mundo.----- 309
- Colcha de Retalhos: Tecendo Memórias,
Afetos e Aprendizagens na Comunidade Escolar ----- 317

Palavras finais ----- 331



Capítulo 1

O nascimento de um projeto sensível, ético e coletivo

Projeto Educativo da Educação Infantil

1. A Educação Infantil

A Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica. Ela é dividida em dois momentos importantes: a **creche**, que atende bebês e crianças de 4 meses até 3 anos, e a **pré-escola**, para crianças de 4 a 5 anos.

Mais do que um lugar de acolhimento, a creche e a pré-escola são espaços de aprendizado, cuidado e formação, onde as crianças vivem experiências importantes para sua formação integral. Neles, os bebês e as crianças têm a oportunidade de brincar, explorar, fazer descobertas, conviver com outras crianças e aprender com o mundo ao seu redor.

A escola de Educação Infantil valoriza a **cultura da infância**, reconhecendo que a criança tem saberes próprios, é curiosa, criativa, e tem muito a ensinar também. Por isso, os espaços são preparados com muito cuidado para oferecer experiências ricas, seguras e cheias de significado.

2. A Educação como um Direito

Todos os bebês e todas as crianças têm **direito à educação de qualidade**. Esse direito deve ser garantido pela sociedade e pelo Estado, com a participação das famílias. A escola tem o papel de **acolher, cuidar, aprender, educar e formar** cidadãos desde pequenos.

Mais do que um espaço de cuidado, a creche e a pré-escola fazem parte de uma comunidade educativa, onde crianças, educadores e famílias constroem, juntos, vivências marcantes e aprendizagens significativas.

Acreditamos que a Educação Infantil deve ser um espaço de **respeito, escuta, diálogo, amizade e solidariedade**. É aqui que começam a se formar os valores que levaremos para a vida toda. Por isso, a convivência, o trabalho em grupo e o respeito às diferenças são fundamentais.

3. O Papel do Professor e da Escola

Na Educação Infantil, os professores são também pesquisadores. Eles observam, escutam e registram os momentos vividos pelas crianças – como brincadeiras, conversas, desenhos e interações. Esses registros ajudam a entender melhor o que cada criança está aprendendo, e também a planejar novas atividades que façam sentido para ela.

Esse processo chama-se documentação pedagógica, e é uma forma de mostrar às famílias e à comunidade tudo o que é aprendido no dia a dia da escola.

A escola é planejada com carinho para oferecer espaços organizados, materiais diversos e oportunidades de vivência com a natureza, a arte, a música, a linguagem, a matemática e muito mais.

4. A Importância da Família e da Comunidade

A parceria com as famílias é essencial para o desenvolvimento das crianças. A escola convida todos a participarem ativamente, trazendo ideias, opiniões e construindo juntos esse caminho. Acreditamos que educar é um ato coletivo, feito com diálogo e respeito.

A escola também é um espaço de convivência e troca de saberes com toda a comunidade. Queremos que ela seja um lugar acolhedor, aberto ao debate de ideias e à construção de um mundo mais justo e humano.

5. Uma Escola Democrática e Viva

Nosso Projeto Educativo se baseia na prática democrática, ou seja, na escuta de todos os envolvidos: crianças, professores, famílias e comunidade. Acreditamos que cada criança é um ser único, competente, curioso e cheio de potencial.

Na nossa escola, queremos que cada criança se sinta respeitada, amada e valorizada, e que viva experiências que contribuam para a sua formação como pessoa, cidadã e parte ativa da sociedade.

Essa é a escola que sonhamos: viva, afetiva, participativa e transformadora, onde se aprende com alegria e sentido, todos os dias.

Mais do que um espaço de cuidado, a creche e a pré-escola fazem parte de uma comunidade educativa, onde crianças, educadores e famílias constroem, juntos, vivências marcantes e aprendizagens significativas.

A transformação dos espaços na EMEI Bacuri: um palco de aprendizagens

Cássia Busch Molon
Izileidy de Andrade Chagas



“O espaço físico isolado do ambiente só existe na cabeça dos adultos para medi-lo, para vendê-lo, para guardá-lo. Para a criança, existe o espaço-alegria, o espaço-medo, o espaço-proteção, o espaço-mistério, o espaço-descoberta, enfim, os espaços de liberdade ou de opressão.”

Mayumi Watanabe De Souza Lima

Pâmela, 4 anos



Helena, 5 anos



Davi, 5 anos

Introdução

Encontrar possibilidades de aprendizagem em cada canto da escola exige um olhar desautomatizado e reflexivo. Foi com esse espírito que iniciamos 2025 na Bacuri: professoras movidas pelo desejo de reinventar os espaços. Assim, nos lançamos à tarefa de organizar ambientes que convidem à investigação, que acolham as curiosidades das crianças, transformando os espaços em ambientes ricos e propositores de aprendizagens.

A transformação de espaços em ambientes vem sendo abordado em estudos sistemáticos há algum tempo. Entretanto, passamos a nos empenhar nas mudanças de forma mais efetiva no presente ano. Inspiradas pela abordagem de Reggio Emilia, assim como fundamentadas em práticas nacionais, temos buscado tornar o nosso fazer mais consciente e intencional.

Entendemos que o ambiente não é um cenário passivo, mas é um potente coautor, que provoca curiosidade e promove vivências. Cada espaço foi pensado a convidar a criança ao protagonismo de sua própria aprendizagem, ofertando múltiplas linguagens para a expressão e adaptando-os aos interesses de suas investigações. Essa abordagem é reforçada por Hoyuelos, para quem:

“O ambiente [é] entendido como uma escolha consciente de espaços, formas, relações, cores, vazios e cheios, mobílias, decorações etc. Um ambiente que deve ajudar a refletir a convivência pedagógica e cultural que se constrói nas instituições educativas.”
(HOYUELOS, 2020, p. 73)



***Nossa escola pelos olhos
de Letícia, 6 anos***

Nosso início

Antes de mergulharmos em nossa reflexão, gostaríamos de apresentar o palco onde essa história se desenrola. O prédio da nossa escola foi construído em 1962, concebido na época como um Parque Infantil do município. Funcionava como um espaço de acolhimento, vinculado à Assistência Social, e é a primeira escola de Educação Infantil da cidade.

Em 1978, a história da escola ganhou um novo capítulo. O prefeito promulgou um decreto que extinguiu os Parques Infantis e criou as Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEI). Foi então que nosso prédio foi oficialmente nomeado Bacuri, uma palavra de origem tupi-guarani que significa "criança". Desde então, a escola passou por três reformas e ampliações importantes, nos anos de 1980, 2000 e 2023.

Nesse cenário de constante evolução, o ano de 2025 marcou o início de uma nova jornada para a EMEI Bacuri, com a chegada de uma nova direção e de uma nova professora. Foi com esses dois novos atores que demos andamento à organização do nosso palco, onde a criança é a artista principal e a aprendizagem se torna a grande estrela.



Nossa escola pelos olhos de Giovanna , 5 anos

Transformações

Em nossas conversas e reflexões sobre a prática, percebemos um constante desassossego em relação à organização e à sustentação dos espaços. As perguntas ecoavam: Como deixar a segurança das práticas tradicionais para adentrar na incerteza das Pedagogias Participativas? Como identificar as práticas de uma pedagogia transmissiva para, de fato, proporcionar experiências e aprendizagens significativas? E, acima de tudo, como conciliar o que estudamos, os documentos oficiais e as nossas práticas?

Este desassossego, longe de ser um impasse, tornou-se o motor de nossa investigação. Compreendemos que a transição de um modelo para outro não é uma substituição, mas uma ressignificação. A segurança não estaria mais na previsibilidade das atividades idênticas para todos, mas na profundidade de nosso olhar atento para as individualidades e no planejamento intencional de um ambiente que as acolhesse.

Nossa escola até 2024:



Iniciamos a transformação com a reorganização da salas de referência, um movimento que se traduziu na retirada de móveis, mesas e cadeiras. Esse processo inicial exigiu que reorganizássemos também o almoxarifado, acomodando os materiais realocados. Mesmo que o resultado inicial não estivesse "perfeito", a cada mudança sentíamos um aumento na confiança para avançar na busca por um “terceiro educador” (EDWARDS, 2016), que no nosso caso, seria o segundo.



A inspiração nas práticas de professoras brasileiras nutriram o nosso olhar para continuar a arquitetar possibilidades de contextos, deixando de sermos apenas transmissoras de conteúdos e deslocando a nossa atenção para desenhar organizações do espaço e dos materiais que convidassem à exploração e à pesquisa. Materiais naturais, como galhos, sementes e madeira foram incorporados, trazendo texturas, cheiros e temperaturas que os recursos de plástico não oferecem.



Essa busca por novas formas de estruturar o nosso trabalho tem sido guiada pela metáfora da escuta da criança. Encontrar caminhos nas diferentes linguagens que se manifestam no espaço escolar é o que direciona nosso planejamento. Conquistamos a ampliação dos contextos de trabalho para fora das salas, levando-os ao pátio, um ambiente que se tornou de responsabilidade compartilhada por todos. Dentro desse ato de expansão, sentimentos precisaram ser domados, sobretudo o medo, em função do histórico de aparecimento de escorpiões no local.



No espaço externo, as transformações também foram significativas, culminando na instalação do pergolado, dos bancos e das redes. Ficamos confiantes em armazenar os materiais na casinha, já que em anos anteriores a escola foi vítima de roubos.

Cada uma dessas intervenções reflete a intencionalidade de criar ambientes que convidam à exploração, ao descanso e ao encontro, reconhecendo o potencial pedagógico de cada cantinho da escola.

“Quando entramos em uma escola, as paredes, os móveis e a sua distribuição, os espaços mortos, as pessoas, a decoração, etc., tudo nos fala do tipo de atividades que se realizam, da comunicação entre os alunos(as) dos diferentes grupos, das relações com o mundo externo, dos interesses dos alunos (as) e dos professores(as)...” (FORNEIRO, 1998, p. 232)



Considerações finais

Muitas vidas passaram por este espaço - coordenadores, pedagogos, equipe de apoio, professores, estagiários e centenas de crianças. Todos deixaram um pouquinho de si e levaram um pouquinho de cada um.

Ser Educador passa pela oportunidade de mudar vidas, alterar percursos da jornada de cada criança. Cada um, com seu modo de ver, seu jeito de vivenciar a vida, seu amor pela educação

Quem chega traz a preciosidade do olhar novo, do encanto. Quem sai, deixa experiências, vivências preciosas. Todas e cada uma dessas pessoas são importantes e formam as vivências da EMEI Bacuri.

Assim, a jornada de transformação ultrapassa a reorganização física de móveis e materiais. Ela se fundamenta no valor de cada pessoa que compõe esta história e na potência de um olhar desautomatizado e reflexivo. Encerramos este relato com a certeza de que o espetáculo vivido e protagonizado pelas crianças, dia após dia, é um ato contínuo. É nessa busca persistente que seguimos escrevendo a próxima cena, mantendo a criança como centro de nosso palco e o ambiente como um coautor em constante, e necessária, evolução.



Nossa escola pelos olhos de Giovanna , 6 anos

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, 2010.

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança**: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Tradução de Dayse Batista. Porto Alegre: Penso, 2016.

FREIRE, Madalena. **Observação, registro e reflexão**: Instrumentos Metodológicos I. 2ª ED. São Paulo : Espaço Pedagógico, 1996.

FORNERO, L. I. **A organização dos espaços na Educação Infantil**. In: ZABALZA, M. Qualidade em Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 1998.

HORN, Maria da Graça de Souza. **Sabores, cores, sons, aromas**. A organização dos espaços na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004.

HOYUELOS, Alfredo. **A estética no pensamento e na obra pedagógica de Loris Malaguzzi**. Tradução de Fernanda Landucci Ortale. São Paulo: Phorte Editora, 2020.

KRAMER, Sônia. **Com a pré-escola nas mãos**. São Paulo: Ática, 2000.

RINALDI, Carlina. **Diálogos com Reggio Emilia**: escutar, investigar e aprender. Tradução de Vania Cury. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

Espaços de descobertas e possibilidades

Milene Cristine Gobbo Barreira
Cássia Busch Molon

Passava os dias ali, quieto, no meio das coisas miúdas. E me encantei.
Manoel de Barros



João Miguel, 6 anos



Rillary, 5 anos



Alice, 6 anos

Introdução

No processo contínuo de formação, o trajeto de sensibilizar o olhar não é novo. Há algum tempo, ele vem sendo construído e desconstruído em nossa prática diária. Mas, o ano que se passou foi um exercício constante de (re)aprender a olhar. O ato de observar foi ampliado, adicionando novos contornos à paisagem, captando murmúrios, aguçando os sentidos.

É por meio dessa observação que a beleza escondida nos detalhes aflorou, que os espaços ganharam voz e as histórias se revelaram. Com este artigo, convidamos você a caminhar conosco e a se encantar no meio das coisas miúdas, como disse Maneco.



“Essa é minha escola” João Miguel, 6 anos)

Nosso caminho

Próximo à Gruta Dainese, na cidade de Americana, está localizada a Casa da Criança Juriti, escola de Educação infantil, que atende crianças de 4 meses a 6 anos de idade.

Nessa escola distante do Centro Urbano, a equipe escolar dirigiu seus olhares para os “Espaços da Infância” e nossa narrativa começa com um momento congelado no tempo.

Fotos. Espelhos da sala de aula, mas espelhos embaçados, para onde não se olha por estar sempre com pressa, com atividade por fazer, rotina a cumprir e imagem que está perdendo a beleza de tanto se ver e pouco parar para se admirar.

Foi o que em reuniões com a Equipe Gestora combinamos a fazer, fotografar cada sala de aula e com a imagem em mãos refletir como tal espaço “serve à criança”, tornando-a investigadora, curiosa, protagonista de seu fazer e aprender, sem perder o encanto do brincar da infância, a oportunidade de conviver com os seus pares e de apoderar dos saberes humanos dos quais é herdeira.

Assim o fizemos, nos baseando nos estudos realizados, partimos para reuniões individuais com a equipe docente, onde apresentamos a foto da sala de aula e pedimos que analisassem o espaço.

Espaços organizados inspiram descobertas. A forma como o ambiente é concebido afeta diretamente a qualidade da interação e da aprendizagem. Um espaço não é neutro; ele comunica. Quando organizamos com intencionalidade, estamos enviando uma mensagem de respeito pela capacidade e pelo potencial das crianças.

Ao disponibilizar materiais de forma acessível e esteticamente agradável, estamos valorizando a pesquisa e a autonomia. É nessa relação que o ambiente deixa de ser apenas um lugar e se torna um parceiro pedagógico, provocando o pensamento, o diálogo e a construção de conhecimento de forma natural e profunda.

“O ambiente é visto como algo que educa a criança, na verdade ele é considerado um terceiro educador, juntamente com a equipe de dois professores. A fim de agir como um educador para a criança, o ambiente precisa ser flexível, deve passar por uma modificação frequente pelas crianças e pelos professores a fim de permanecer atualizado e sensível às suas necessidades de serem protagonistas na construção de seu conhecimento. Tudo o que cerca as pessoas na escola e o que usam - os objetos, os materiais e as estruturas - não são vistos como elementos passivos, mas, ao contrário, como elementos que condicionam e são condicionados pelas ações dos indivíduos que agem nela.” (GANDINI, 2016, p.148)

Baseadas nos estudos realizados, partimos para reuniões individuais com a equipe docente, onde apresentamos a foto da sala de aula e pedimos que analisassem o espaço.

Ocorreu um estranhamento, pois ao se distanciar do local diário de trabalho pareciam não o reconhecer, relatando frases como:

- “Nossa, é minha sala?! Quanta coisa tem nela! Esse armário polui a sala de tanta coisa que tem!” (Professora Paula)
- “É uma bagunça, tá fora de ordem, tem muita cor e esse chão vazio!” (Professora Graça)
- “Minha sala; tem muita coisa nesse armário! Acho que preciso de mais armários e uma janela, está sufocante!” (Professora Leandra)
- “É, na sala tem mesas, cadeiras e armários... muitos!” (professora Elisângela)

E nas falas da pedagoga nos atentamos que a escola “era a escola do plástico”, pois era a matéria-prima da maioria de nossos brinquedos e até de nosso parque!

Na época dessas reflexões estávamos no final de 2024 e dedicamos duas reuniões internas para que as professoras pudessem conversar com suas parceiras sobre a reorganização das salas de aula, com a seguinte advertência, organizaríamos o designer da sala, mas não iríamos adquirir móveis ou brinquedos, mas sim usar a criatividade, o bom senso e o aprendizado.

E assim trabalhamos com todo o cuidado para que espaços se tornassem ambientes investigativos.

Eis um pouco dos resultados, em foto, claro, novos momentos congelados no tempo...



Além dos espaços internos, voltamos nosso olhar para a área externa, enxergando nela um vasto campo de possibilidades. Com a intenção de enriquecer as brincadeiras ao ar livre, criamos cestos temáticos, cuidadosamente organizados. Eles se transformaram em convites à ação, repletos de atividades como ludo e jogo da lata a cenários de faz de conta como cozinha e salão de cabeleireiro. Criamos também momentos de concentração e desafio com quebra-cabeças, e de conexão com a natureza, com cestos de jardinagem e brincadeira com água. Tudo isso, somado ao novo espaço da rede, que se tornou um convite ao relaxamento e à leitura, alargando as possibilidades de brincar e aprender.

Além dos espaços internos, voltamos nosso olhar para a área externa, enxergando nela um vasto campo de possibilidades. Com a intenção de enriquecer as brincadeiras ao ar livre, criamos cestos temáticos, cuidadosamente organizados. Eles se transformaram em convites à ação, repletos de atividades como ludo e jogo da lata a cenários de faz de conta como cozinha e salão de cabeleireiro. Criamos também momentos de concentração e desafio com quebra-cabeças, e de conexão com a natureza, com cestos de jardinagem e brincadeira com água. Tudo isso, somado ao novo espaço da rede, que se tornou um convite ao relaxamento e à leitura, alargando as possibilidades de brincar e aprender.

Apreciando fotos, a fala do olhar!

Depois...



Antes...



Considerações Finais

Olhar para trás nos força a encarar as nossas práticas antigas com o olhar atualizado. Onde havia lugar para práticas pedagógicas tradicionais, hoje podemos ver propostas de vivências que fazem sentido para as crianças. Onde antes havia majoritariamente apenas um tipo de material, hoje podemos encontrar diferentes texturas, temperaturas, composições. Os espaços, que estamos tentando mudar o nome de “cantinhos” para contextos, têm demandado um tempo maior de planejamento e atenção, já que são organizados a fim de promover aprendizagens e autonomia.

Também pudemos notar um impacto profundo e real nos Berçários: o choro diminuiu, proporcionando um lugar de segurança e descobertas. Já para as crianças com deficiência, notamos uma maior permanência junto à turma e uma redução nos comportamentos disruptivos, uma vez que o ambiente se tornou aliado, não um obstáculo. E além de tudo o que já mencionamos, observamos as crianças mais sabidas e curiosas, questionadoras e participativas, protagonizando as suas aprendizagens.

Este percurso nos mostrou que, ao transformar o espaço, transformamos também a experiência de ser criança, abrindo caminhos para o aprendizado e para o florescer de cada um. O caminho, sabemos, em muitos momentos, é árduo e pedregoso. Em outros, ele se transforma em uma subida íngreme, ou mesmo se estreita, exigindo paradas para recuperar o fôlego.

Contudo, que não nos falem coisas miúdas para nos encantar e encantar o caminho.

Terminando (o artigo, mas não o percurso)

A fala das crianças...

“Gosto de molhar as plantinhas” Lorenzo, 3 anos

“Gosto dos brinquedos “perigosos!” Kimberly, 3 anos

“Eu gosto de lápis, de desenhar, de massinha, do parque, de histórias e dos amigos” Aurora, 4 anos

“Gosto de ver a cenoura crescer. Vou ficar aqui esperando até ela ficar muito grande!” Melissa, 3 anos

Falas miúdas e cheias de encanto!

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL, **Referencial Curricular Para a Educação Infantil**. Vol. 1. Brasília: MEC/SEI, 1998.

GANDINI, Lella. **Espaços Educacionais e de envolvimento pessoal**. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança**. Porto Alegre: Penso, 2016.

FIGUEIREDO, Leonardo Henrique Franco de; SOUSA, Rafael Rossi. **Ambientes de aprendizagem para além do espaço: desenvolvimento, implicações, perspectivas e o método montessoriano**. Revista Educação Pública, v. 21, nº 36, 28 de setembro de 2021. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/36/ambientes-de-aprendizagem-para-alem-do-espaco-desenvolvimento-implicacoes-perspectivas-e-o-metodo-montessoriano>.

FORNERO, L. I. **A organização dos espaços na Educação Infantil**. In: ZABALZA, M. Qualidade em Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 1998.

HORN, Maria da Graça de Souza. **Sabores, cores, sons, aromas**. A organização dos espaços na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004.

KRAMER, Sônia. **Com a pré-escola nas mãos**. São Paulo: Ática, 2000.

WOLFF, D. **Lugar de existência, lugar de aprendizagem: a importância do ambiente na Educação Infantil**. CEDUC, 2020.

CAMINHOS DA INFÂNCIA:

MEMÓRIAS QUE TRANSFORMAM

Paula Aparecida Morelato Gallo – Diretora

Eliana Cristina Verrengia de Oliveira – Pedagoga



INTRODUÇÃO



Na Casa da Criança Graúna, o dia a dia se constrói nas relações. Compartilhar brinquedos e conhecimentos ensina a conviver, conversas em grupo ampliam a compreensão do mundo, e brincar e trabalhar juntos fortalecem as amizades e a colaboração.

Cada olhar, abraço, sorriso, palavra e experiência contribui para o desenvolvimento de todos na escola, onde aprender e se relacionar acontecem juntos. Nesse ninho chamado “Graúna” há muitas coisas boas acontecendo.

Em reuniões com a equipe, emergiu uma clara necessidade: fortalecer os laços com as famílias. A partir dessa inquietação, surgiu a ideia de um projeto que não apenas envolvesse os pais e responsáveis, mas que também resgatasse a história e a cultura da própria escola. A proposta era conhecer mais a fundo o espaço que compartilhamos diariamente, mergulhando nas memórias coletivas.

A pesquisa se iniciou com o objetivo de desvendar como era a escola em tempos passados. Questionamentos sobre a estrutura física, os espaços de sala de aula e as famílias que já fizeram parte da comunidade escolar começaram a guiar os passos da equipe. Essa imersão no passado, na busca por resgatar memórias e compreensões sobre a evolução da instituição, deu origem a um projeto grandioso: "Caminhos da Infância: Memórias que Transformam".

Este projeto se propõe a ser um elo entre o passado e o presente, utilizando a riqueza das lembranças para transformar e enriquecer a experiência educativa oferecida às crianças da Casa da Criança Graúna.

2- Desenvolvimento textual e apresentação de resultados

A partir do projeto da unidade "Caminhos da infância: memórias que transformam", almejamos um ambiente onde sonhos, relações e boas experiências se entrelaçam, promovendo reuniões acolhedoras, leituras inspiradoras e eventos celebrativos.

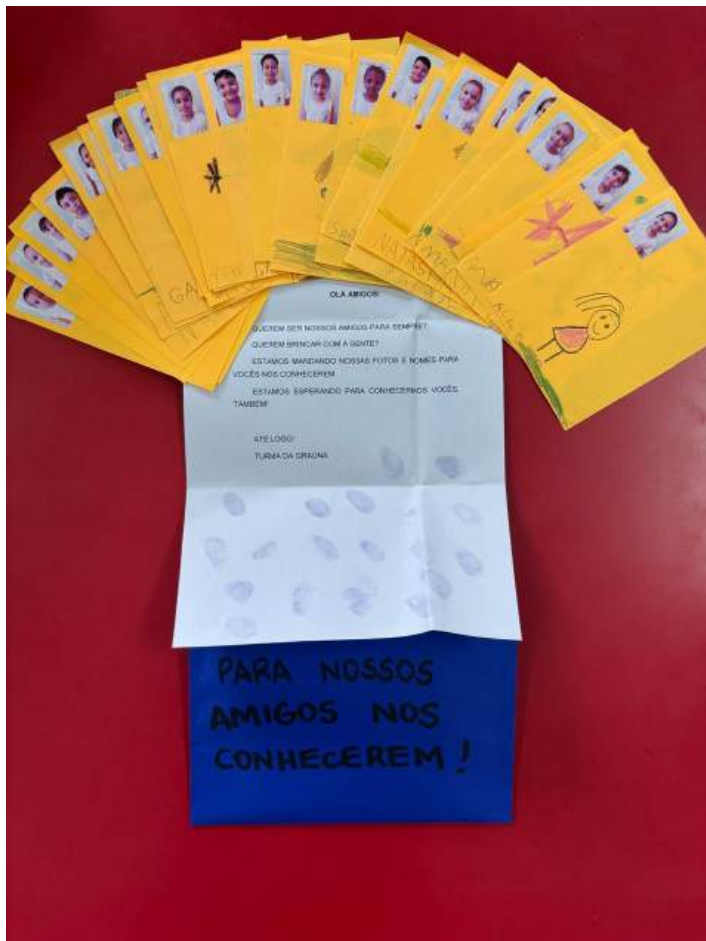
Para dar vida a essa visão, voltamos nosso olhar para a história adormecida em memórias. Iniciamos uma **pesquisa** minuciosa, coletando relatos de pais, contos de avós, lembranças de antigos mestres e aprendizes. Buscamos resgatar essas preciosas memórias em álbuns de fotos, exposições de tempos idos e gestos que desvendam o encanto do nome de nossa escola, criando assim uma identidade duradoura.

O primeiro passo concreto desta investigação envolveu os pais, com quem realizamos reuniões para compreender o que a Casa da Criança Graúna representa para as famílias. As respostas ecoaram um sentimento unânime: a escola é vista como um lugar onde as crianças vivenciam experiências que promovem aprendizado, conhecimento e desenvolvimento integral. É um espaço onde se sentem bem, desejam retornar, são acolhidas e, acima de tudo, podem simplesmente ser crianças.

Simultaneamente, o trabalho se desdobrou nos grupos, buscando enxergar a perspectiva das crianças sobre a escola. Suas palavras, carregadas de pureza e percepção, revelaram a essência do que a "Graúna" significa para eles:

- "A Graúna é cheirosa como uma flor." – Helena, 4 anos.
- "Gosto de brincar, pintar e fazer atividades." – Helena, 4 anos.
- "Nossa escola é arrumadinha." – Nicollas, 4 anos.

Depoimentos, tão simples quanto profundos, são o alicerce sobre o qual continuaremos a construir um futuro repleto de descobertas e transformações, honrando as memórias que nos guiam e as experiências que moldam a infância em nossa escola.



2.1 - PROJETO: UMA REDE DE AMIGOS



As crianças do nível IIB, sob a orientação da professora Miriam, embarcaram em uma aventura emocionante: desvendar o universo que os acolhe a cada dia – a própria escola. Com curiosidade aguçada, eles percorreram cada canto, reconheceram os rostos familiares da equipe atual e mergulharam no passado, folheando fotos antigas e decifrando os segredos guardados em placas, paredes e janelas que ecoam histórias de outros tempos.

Foi nesse ambiente de descoberta que uma pergunta genuína e profunda surgiu: "Será que todas as escolas são como a nossa?" – questionou Gabriel Link. Essa inquietação plantou a semente para o florescimento do projeto "Uma Rede de Amigos".

A partir dessa indagação, os pequenos exploradores iniciaram um intercâmbio repleto de carinho, trocaram cartas, fotos, desenhos e pequenos "tesouros" com as crianças da Casa da Criança Jaguari.

"Como foi mágico ver os olhos brilhando a cada chegada de uma carta e, principalmente, da Caixa dos Tesouros!", relatou a professora Miriam, emocionada.



Esse intercâmbio culminou em visitas presenciais à Casa da Criança Jaguari, encontros repletos de afeto, trocas de mudas cultivadas com carinho, sorrisos sinceros e surpresas que encantaram a todos. O contato com outra escola expandiu os horizontes das crianças, reforçando a importância da empatia, do respeito e do pertencimento, pilares essenciais para o desenvolvimento integral e humano.

"Como essa escola é grande, a nossa é pequenininha", observou Gabriel, demonstrando a percepção ampliada após a experiência. Tanto dentro quanto fora dos muros da escola, cada passo dessa jornada foi enriquecido por pesquisas, memórias e histórias de infância. Muitas vezes, essas descobertas revelaram que pais e avós também haviam trilhado os mesmos corredores, fortalecendo assim os vínculos familiares e a construção da identidade dos pequenos exploradores.

Essa experiência, repleta de aprendizados e emoções, nos faz refletir sobre a importância de valorizar o espaço que nos acolhe e as conexões que criamos ao longo da vida.



3- CONCLUSÃO

A escola, para muitas crianças, é um lugar onde a alegria floresce, o amor acolhe, a segurança se instala e o aprendizado se entrelaça com as brincadeiras entre amigos. Como Alice, de apenas seis anos, descreve com singeleza: "Quando estou na escola sinto alegria, amor, segurança, posso brincar e aprender com os amigos".

Essa essência é o que se busca preservar na Educação Infantil: um espaço vibrante de acolhimento, onde a criatividade e a descoberta florescem através de olhares curiosos e mãos pequeninas que, com seu encanto, moldam o mundo ao seu redor.

Na Educação Infantil, cada gesto, cada descoberta, cada palavra dita ou mesmo silenciada, tece um intrincado universo de significados que culmina na construção do aprendizado. As experiências vividas nesse período não apenas expandem os horizontes das crianças, mas também cultivam pilares essenciais para o desenvolvimento humano: a empatia, o respeito e um profundo senso de pertencimento.

Ao abrir caminhos para novas explorações e projetos, a semente da curiosidade, uma vez plantada, germina incessantemente, alimentando um ciclo contínuo de aprendizado e crescimento.



A ação de olhar e escutar:

um relato da nossa jornada de transformação dos espaços

A ação de olhar e escutar é um sair de si para ver o outro e a realidade segundo seus próprios pontos de vista, segundo sua história.

Madalena Freire

Cássia Busch Molon
Rita de Cássia Cabral Chavari



“A Creche CAIC é legal, muito divertida e eu gosto de desenhar, pintar, e de panelinha no parque”. **Emanuely, 5 anos**

Introdução

A construção e a organização dos espaços escolares vão muito além da mera seleção dos materiais: elas espelham a forma como a comunidade educativa compreende e valoriza o processo de aprendizagem. O espaço, quando pensado de maneira intencional e participativa, torna-se um ambiente acolhedor, seguro e desafiador, que possibilita vivências significativas para as crianças.

Embora o nosso estudo e a reflexão sobre o ambiente já viessem de outros anos, em 2025, nos dedicamos a uma jornada de sensibilização e transformação com um olhar mais apurado e focado. Sentimos a necessidade de sair do campo teórico e, de fato, migrar para a prática. Deixamos de fazer as coisas de forma automática e passamos a olhar para os nossos espaços não apenas como locais onde as crianças permanecem, mas como verdadeiros ambientes que favorecem a aprendizagem.

Com a ajuda de toda a equipe e o envolvimento da comunidade, intensificamos nosso processo de olhar e escutar com o intuito de sair de nós mesmos e passar a ver a realidade do outro; tentar mapear ações cristalizadas a fim de modificar a prática pedagógica.

Assim, este relato é uma tentativa de levar ao conhecimento do leitor um pouco da nossa caminhada, apresentando o que foi desenvolvido por meio de fotos e narrativas. Compartilhamos o nosso olhar para o potencial dos espaços e as transformações que eles desencadearam no trabalho com as crianças.



“O parque é meu lugar preferido na Creche CAIC. Gosto da sala de aula e do tanque de areia também”.
Lorenzo, 5 anos

Olhar e escutar

Quando nos deparamos com uma estrutura de paredes frias, erguidas de blocos de concreto, onde portas e janelas são apenas buracos vazios, podemos imaginar uma cena fria e sem vida. Entretanto, estamos em uma escola de Educação Infantil e é justamente a vida o que move o nosso cotidiano.

Olhar para os espaços e identificar possibilidades nele é um grande desafio. Especialmente quando estamos tratando de bebês e crianças em um espaço que tem a função social de promover aprendizagens. O ponto é: como transformar um espaço em ambiente? A resposta, em parte, está no que Fornero afirma:

“O termo “ambiente” diz respeito ao conjunto desse espaço físico e as relações que nele se estabelecem, as quais envolvem os afetos e as relações interpessoais do processo, os adultos e as crianças, ou seja, em relação ao espaço, temos coisas postas em termos mais objetivos; em relação ao ambiente, as mais subjetivas.(..) Podemos dizer que o “ambiente fala”, transmite-nos sensações, evoca recordações, passa-nos segurança ou inquietação, mas nunca nos deixa indiferentes”
(Fornero, 1998 apud Horn, 2004, p.35)



Turma Berçário 2 B



Turma Maternal 2 A



Turma Maternal 1 A



Turma Nível 1

Nossa escola, nosso quintal

Mas antes de introduzir você, leitor, na nossa reflexão, cabe aqui uma apresentação da escola. A Creche e EMEI Caic foi fundada em 02 de fevereiro 1995 e seu significado é Centro de Atendimento Integral à Criança.

O terreno onde foi construído o complexo é composto por dois espaços: um que atende às crianças/ adolescentes do 6º ao 9º ano e outro que, originalmente, atendia a demanda de creche (dos 4 meses até 3 anos). Entre idas e vindas na faixa etária das crianças atendidas, atualmente, crianças de creche e pré-escola frequentam o espaço, entretanto, a sua natureza jurídica ainda não foi alterada e continuamos sendo apenas creche.

A escola é cercada por um espaço verde que é carinhosamente chamado de “quintal”, onde as crianças podem se encontrar, brincar e compartilhar experiências. Além disso, há várias árvores frutíferas - goiabeira, abacateiro, pitangueira, entre outras.



“É a creche CAIC, tem vários meus amigos, a gente passa por três lugares pra entrar pra nossa sala, perto do parque”. **Melissa, 5 anos**



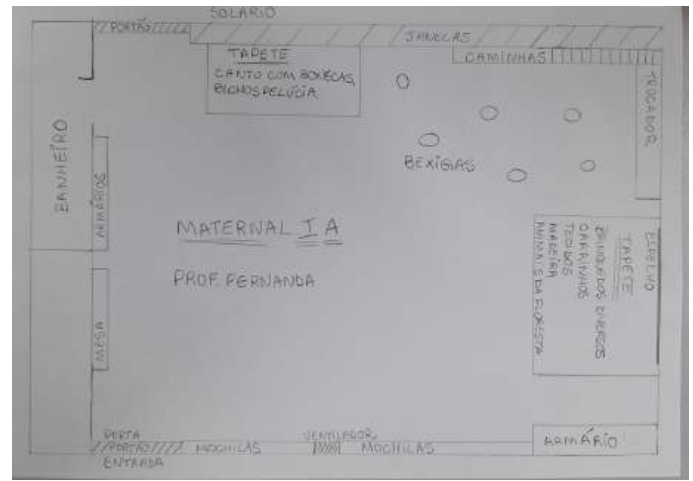
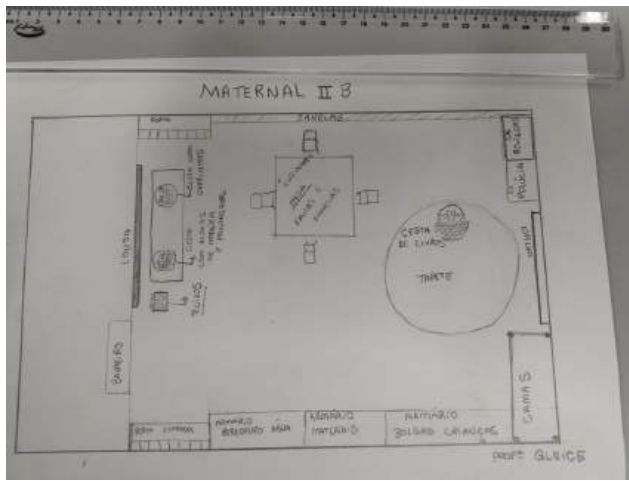
Exercício de Presença

As discussões sobre a organização dos espaços e a curadoria dos materiais já fazia parte de nossas formações em Americana. No entanto, as mudanças não se mantinham, e as práticas pedagógicas tradicionais acabavam por prevalecer. As propostas com o intuito de desenvolver a autonomia esbarravam em ambientes onde os materiais eram fixos, o que gerava pouca exploração, escassa curiosidade e dependência constante do adulto para iniciar uma nova brincadeira ou descoberta.

Outro fator importante foi a mudança na direção da escola. Com a notícia da transição, o corpo docente ficou temeroso e muitas transformações foram pausadas de um ano para o outro. Contudo, a nova direção abraçou as ideias de transformação e procurou entender e contribuir para que elas acontecessem.

Nos períodos de estudo dentro da escola, propusemos um exercício de presença: as professoras foram convidadas a desenhar a planta baixa de suas salas. Mesmo com as mudanças já em curso, esse movimento provocou uma busca mais apurada sobre como, de fato, transformar o espaço em um ambiente propositivo de aprendizagem.

O exercício revelou um ponto crucial: algumas professoras relataram não se recordar de detalhes ou do que havia, por exemplo, "dentro do armário que ficava no banheiro". Esse movimento de voltar o olhar e a escuta, saindo de si para ver o outro, como preconiza Madalena Freire(1996), tornou-se um convite para ir além do superficial. Abriu-se, assim, um caminho para a busca de formas mais orgânicas de habitar os espaços, revelando o significado e o potencial de cada cantos.



Em transformação

Com duas portas, as salas de referência ligam o pátio principal ao nosso quintal. Nesse mundo muito apreciado pelas crianças, duas estruturas de madeira foram construídas para viabilizar mais um espaço de exploração e de descobertas. Aqui, literalmente, entramos por uma porta e saímos por outra, convidando as crianças a uma jornada contínua de expansão das experiências.



Para enriquecer ainda mais esse ambiente, contamos com a colaboração das famílias, que nos presentearam com utensílios de cozinha. Com a ajuda da comunidade, o espaço se tornou um convite constante para que as crianças cozinhem, misturem e criem, unindo a natureza aos cenários imaginários.



Considerações finais

As fotos que costuramos ao texto testemunham a jornada vivida por nossa escola: uma transformação contínua por meio do olhar e da escuta. As mudanças aconteceram em ritmos diferentes: algumas salas começaram o ano com uma nova organização, enquanto outras se transformaram aos poucos. Nesse processo, as experiências bem-sucedidas contagiaram a equipe, e as tentativas que não deram certo trouxeram novos aprendizados.

O que se consolidou foi um movimento de constante evolução em nosso fazer pedagógico. Essa jornada nos trouxe aprendizados essenciais, como o fortalecimento do vínculo entre crianças e ambiente, a valorização das produções infantis e a percepção coletiva de que a sala de aula é um organismo vivo, em constante transformação. Com isso, compreendemos que a organização dos espaços vai muito além de uma tarefa prática; ela é um ato pedagógico que promove o cuidado, o diálogo e a identidade.

Acreditamos que a formação continuada é a chave para ressignificar nossas práticas e para abrir espaço a novos fazeres. Unir a teoria e a prática sempre foi um desafio complexo, mas em nossa caminhada, o nó se desfez e deu lugar a laços que harmonizam com o ambiente, aproximando o saber e o fazer. O legado dessa experiência reside na certeza de que cada reorganização traz consigo novas possibilidades de aprender e conviver, consolidando a escola como um espaço de vida e de construção compartilhada.

Assim, chegamos ao final deste artigo, mas não ao fim de nossa jornada. Ela é, e sempre será, uma aventura contínua, cheia de descobertas que se revelam a cada novo olhar e a cada nova escuta. Esses são, afinal, os instrumentos que se somam ao que já temos construído em nós. É verdade que o percurso tem seus altos e baixos, seus dias de dificuldades e seus momentos de leveza, repletos de risadas e diversão. Contudo, é na diversidade desse caminho que encontramos a força para seguir em frente, sabendo que a beleza do processo está, justamente, em seu movimento constante.



Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL, **Referencial Curricular Para a Educação Infantil**. Vol. 1. Brasília: MEC/SEI, 1998.

GANDINI, Lella. **Espaços Educacionais e de envolvimento pessoal**. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança**. Porto Alegre: Penso, 2016.

FREIRE, Madalena. **Observação, registro e reflexão: Instrumentos Metodológicos I**. 2ª ED. São Paulo : Espaço Pedagógico, 1996.

FIGUEIREDO, Leonardo Henrique Franco de; SOUSA, Rafael Rossi. **Ambientes de aprendizagem para além do espaço: desenvolvimento, implicações, perspectivas e o método montessoriano**. Revista Educação Pública, v. 21, nº 36, 19 de setembro de 2025. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/36/ambientes-de-aprendizagem-para-alem-do-espaco-desenvolvimento-implicacoes-perspectivas-e-o-metodo-montessoriano>.

FORNERO, L. I. **A organização dos espaços na Educação Infantil**. In: ZABALZA, M. Qualidade em Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 1998.

HORN, Maria da Graça de Souza. **Sabores, cores, sons, aromas**. A organização dos espaços na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004.

KRAMER, Sônia. **Com a pré-escola nas mãos**. São Paulo: Ática, 2000.

FREIRE. Madalena. **Educando o olhar da observação**. Aprendizagem do olhar. [s.d.]

WOLFF, D. **Lugar de existência, lugar de aprendizagem: a importância do ambiente na Educação Infantil**. CEDUC, 2020.

Infância em foco: o protagonismo que investiga e encanta”

“A criança possui cem linguagens, cem mãos, cem pensamentos, cem modos de pensar, de jogar e de falar.”
— Loris Malaguzzi

Eugênia Aparecida Cezarin
Janeth Maria Evangelista



Nível 2 B

Introdução

Na infância, cada gesto, cada olhar e cada pergunta carregam a força de quem descobre o mundo pela primeira vez. Ao reconhecemos a criança protagonista, passamos a enxergá-la como sujeito ativo, cheia de potencialidades, capaz de inventar caminhos e de construir saberes. O protagonismo infantil revela uma infância curiosa, investigadora e criadora, que deixa marcas por onde passa e transforma o espaço em território de aprendizagens.

Ao lado dessa criança está o professor pesquisador, aquele que, mais do que ensinar, aprende a escutar, observar e se deixar surpreender. Ele caminha com a criança, registra seus percursos, valoriza suas hipóteses e se permite olhar o cotidiano como um campo fértil de descobertas. Sua prática não é apenas ensinar, mas investigar com delicadeza e intenção, dando visibilidade aos processos de aprendizagem.

Nesse encontro, surgem as cem linguagens da criança, expressão poética e potente da ideia de que cada criança possui infinitas formas de comunicar-se e expressar o que sente e pensa. Pinturas, palavras, gestos, músicas, movimentos, construções e silêncios: todas essas linguagens se entrelaçam, revelando a riqueza da infância e sua capacidade de criar mundos.

Assim, quando reconhecemos a criança protagonista, o professor pesquisador e a força das cem linguagens, nasce uma prática pedagógica mais humana e significativa. O professor não guia sozinho, nem a criança caminha isolada: ambos trilham juntos, em diálogo constante, um caminho de descobertas e encantamentos. É nesse encontro que a educação infantil ganha poesia, sentido e vida.



Nível 2 A



Explorando o Quintal - O protagonismo da criança!

Era manhã e o sol tocava o chão com delicadeza. No quintal da escola, a estrutura colorida ganhava vida nas mãos e nos passos dos pequenos.

Ali, onde o mundo não tem paredes, o corpo vira guia, e o chão vira caminho.

Alguns engatinhavam com curiosidade, outros firmavam os pés no chão como quem diz: “eu posso”.

Mãos pequenas agarravam os tubos com força e coragem, olhos atentos buscavam o outro lado da estrutura – o que há além do que já se alcança?

Era mais que uma brincadeira ao ar livre. Era experimentação de espaço, de equilíbrio, de possibilidades.

Era treino de coordenação, fortalecimento muscular, percepção do próprio corpo no mundo.

Entre um apoio e outro, entre o chão e o tubo, eles desenhavam trajetórias invisíveis, tecendo os fios da autonomia, da convivência, da escuta.

Na simplicidade da grama e no colorido do brinquedo, a infância se expressava em sua forma mais pura: brincando com o corpo inteiro, descobrindo que crescer também é se mover.



Turma Bercária 1 B

Pendurando descobertas!

Na calma da sala, um fio atravessava o espaço como quem costura possibilidades.

Nele, prendedores coloridos esperavam mãos pequenas, olhares atentos e intenções em construção.

Três crianças se aproximaram — cada uma com seu corpo, seu tempo e sua maneira de se relacionar com o mundo.

Isis, em pé, sustentava o varal com firmeza e encantamento. Seus dedos pequenos deslizavam entre os prendedores com precisão, como quem já compreende que o gesto pode organizar, criar e transformar. Não era apenas o movimento das mãos, mas o fortalecimento da coordenação motora fina, a construção da autonomia e da intenção clara:

Levi, sentado, mergulhava com o corpo inteiro na vivência. Segurava os prendedores com as duas mãos, girava, puxava, olhava com atenção. A repetição dos gestos mostrava persistência e foco — habilidades que nascem no tempo da experiência e da escuta sensorial. Enquanto manipulava, explorava a coordenação bilateral, a organização viso-motora e o planejamento de ação. No ritmo tranquilo dos seus gestos, ficava claro: cada tentativa era também uma conquista.

Isaac, de pé, observava o movimento do colega. Com delicadeza, tocava o tecido pendurado, atento ao que acontecia ao lado. Sem pressa, seus olhos acompanhavam, e suas mãos se aproximavam aos poucos. Na escuta do outro e na curiosidade silenciosa, exercitava a atenção compartilhada, o desejo de interação e a preparação para a ação.

Mesmo sem tocar diretamente os prendedores, sua presença era ativa — um aprendizado que começava pelo olhar.

Na simplicidade de uma proposta com prendedores, as crianças revelaram suas potências: expressaram seus corpos, exercitaram suas habilidades e afirmaram seus jeitos únicos de explorar o mundo.

Entre fios e gestos, foi possível ver que o aprender começa assim: no brincar que se estende como varal, e nas mãos pequenas que, ao explorar, penduram conquistas invisíveis aos olhos, mas imensas aos sentidos.



Bercário 1 B

Entre Abelhas e Mangangavas: a infância que pesquisa e encanta

No coração do parque, entre tantas descobertas possíveis, foram as abelhas e o mangangava que despertaram o brilho nos olhos das crianças. Esse encantamento não surgiu por acaso: nasceu da curiosidade que pulsa na infância e do olhar atento que transforma pequenos detalhes em grandes investigações.

As pesquisas se desdobraram em múltiplas formas de expressão: desenhos, conversas, observações diretas, gestos e hipóteses levantadas pelas próprias crianças. Cada vivência revelou uma maneira singular de compreender o mundo, mostrando a força das cem linguagens como caminho de aprendizado e criação.

Nessa jornada, o papel do professor se fez ainda mais essencial: um professor, que não se contenta em apenas ensinar, mas que observa, registra e se deixa guiar pelas perguntas que brotam do grupo. Foi pelo exercício da escuta e da atenção às manifestações nos diversos espaços da escola que se tornou possível compreender com mais profundidade os interesses e desejos da turma.

Assim, a criança pôde conduzir o percurso, dando sentido às experiências e transformando o parque em laboratório vivo de descobertas. O encontro com a natureza e com os insetos revelou não apenas conhecimentos científicos, mas também a delicada poesia de aprender junto: professor e criança, lado a lado, costurando saberes no tecido da infância.



Nível 2 B

Considerações finais

Ao longo dessa caminhada, foi possível perceber que a educação infantil ganha força e sentido quando reconhecemos a criança como **protagonista de sua própria aprendizagem**. O encantamento diante das abelhas e do mangangava no parque mostrou que os interesses infantis são janelas abertas para o conhecimento, capazes de transformar o cotidiano em um território fértil de descobertas.

Nesse percurso, o papel do **professor pesquisador** se revelou essencial: um educador que observa, registra, interpreta e se deixa guiar pelas perguntas e hipóteses que emergem do grupo. Mais do que transmitir conteúdos, ele constrói junto, compartilha e se torna também aprendiz, lado a lado com as crianças.

As experiências vividas confirmam a potência das **cem linguagens**, pois cada criança se expressou de maneiras únicas — por meio de desenhos, falas, gestos, observações e até pelo silêncio atento. Reconhecer essas múltiplas formas de expressão é valorizar a riqueza da infância e garantir que cada sujeito tenha voz no processo educativo.

NÍVEL 2 B



Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL, **Referencial Curricular Para a Educação Infantil**. Vol. 1. Brasília: MEC/SEI, 1998.

FREIRE, Madalena. **Observação, registro e reflexão: Instrumentos Metodológicos I**. 2ª ED. São Paulo : Espaço Pedagógico, 1996.

FORNERO, L. I. **A organização dos espaços na Educação Infantil**. In: ZABALZA, M. Qualidade em Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 1998.

HORN, Maria da Graça de Souza. **Sabores, cores, sons, aromas**. A organização dos espaços na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004.

KRAMER, Sônia. **Com a pré-escola nas mãos**. São Paulo: Ática, 2000.

FREIRE. Madalena. **Educando o olhar da observação**. Aprendizagem do olhar. [s.d.]

WOLFF, D. **Lugar de existência, lugar de aprendizagem**: a importância do ambiente na Educação Infantil. CEDUC, 2020.

CONSTRUINDO O SABER COM AS CRIANÇAS: DO PLANEJAMENTO AO INTERESSE CONTAGIANTE.

CASA DA CRIANÇA TAHIRA



PREFEITURA MUNICIPAL DE AMERICANA
Estado de São Paulo
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

“PRÔ, AS ABELHAS SÃO BEM PEQUENINHAS.”

- Disse o Isaías! - 5 anos

“MAS, TEM MEL AQUI DENTRO.” - Completou

a Laura. - 6 anos

“PORQUE ELAS ESTÃO NESSA CAIXINHA?” -

Perguntou o Bernardo - 6 anos

“TEM ASINHAS... QUE LINDINHA!!! - Apreciou

a Carolina - 6 anos



“Os papéis de adultos e crianças são complementares; fazem perguntas uns aos outros, ouvem e respondem” (Artigo de JR, 2021, Citado por 16-)



*Sandra Aparecida Bonganha
Juliato
Diretora de Educação
Infantil
2025*

"COMO FAZER O PLANEJAMENTO DAS AULAS? COMO SAIR DA SALA FECHADA PARA OS INÚMEROS ESPAÇOS DA ESCOLA?"



Reunião Interna dos Professores, para reflexão e vivência no concreto.

Essas são algumas das perguntas cruciais levantadas pela busca por concretizar o protagonismo infantil no cotidiano escolar. Explorando essas e outras indagações, a equipe escolar tece reflexões e aponta possíveis caminhos para que a criança participe ativamente do seu aprendizado, desde o planejamento até a vivência de cada experiência educativa.

Além disso, contribui para uma mudança, mostrando como os professores podem se tornar pesquisadores e criar abordagens inovadoras para incentivar seus alunos a caminharem de forma conjunta no aprendizado. Refletindo e encontrando caminhos, o trabalho em equipe, a resolução de dúvidas e a busca por estratégias adequadas trouxeram a transformação no trabalho pedagógico.

Compreender e implementar o protagonismo infantil na aprendizagem passa pela observação atenta do cotidiano escolar, nas observações das rotinas no dia a dia, buscando perceber as necessidades dos professores, da equipe de apoio e de serviços prestados junto às crianças, onde constrói-se um caminho para que a criança assuma um papel ativo no seu aprendizado, envolvendo a todos nesse processo.

A curiosidade das crianças!



Vivências da creche



Começando a ver mudanças na rotina...



Vivências da creche



O início das mudanças no ambiente escolar da Tahira, de forma mais acentuada foi com a assessoria junto à UNICAMP/NEPP/Espaços da Infância, a qual a Secretaria da Educação proporcionou a toda a Rede Municipal de Ensino Infantil, o trabalho das ideias e da educação inspiradas em Loris Malaguzzi, na abordagem de Reggio Emilia, levando a todos reflexões sobre a criança como protagonista de sua própria aprendizagem, conforme consta na BNCC, (2018). Passamos a refletir sobre como fazer com que a educação traga boas aprendizagens, bons questionamentos, boas pesquisas, partindo de uma escola participativa. Foram oferecidos a todos textos, vídeos, lives e encontros presenciais, nos quais a reflexão esteve presente para que pudéssemos mudar o olhar frente à educação das crianças de 4 meses a 5 anos, a nossa educação infantil. Além dessas oportunidades, a diretora e a pedagoga proporcionaram estudos reflexivos com vários temas pertinentes ao assunto, de forma prática, para auxiliar as professoras em momentos individuais, em duplas e no grupo. As reuniões internas foram utilizadas com o objetivo de obter um maior conhecimento dessa escola mais aberta, onde o aluno está em aprendizado o tempo todo e o professor precisa estar atento a tudo o que acontece, desde o momento da entrada até a saída, proporcionando movimentos de aprendizagem contínuos e muitas vezes imperceptíveis pelas crianças, pois elas estão inseridas no contexto de aprender com brincadeiras e prazeres no dia a dia escolar.



Vivências EMEI

O PARQUE SE TORNANDO "O NOSSO QUINTAL"!

O que era apenas um parque para que as crianças brincassem de forma livre, passou a ser um ambiente cheio de descobertas. As professoras, atentas aos movimentos diários, começaram a perceber a riqueza de vivências que poderiam ser planejadas de acordo com os interesses de cada turma.

"O que será essas cascas? Parecem um bicho!" Pegando na mão, sem medo ou repulsa, diz a Cecília

"Não... e se ele for bicho mesmo? Pode te picar. Comenta a Lorena ao seu lado.

"Nada não, acho que se for bicho, tá morto. Nem se mexe." Retruca Cecília.



Bernardo - MII A

O parque começou a se transformar no nosso quintal, porque as investigações, as descobertas, os cuidados com a natureza, e o aproveitamento dos espaços livres foram aumentando e se transformando em algo prazeroso na rotina de cada grupo. As falas, os gestos e os movimentos das crianças mostravam claramente a intencionalidade do fazer, do estar, do cuidar, como se realmente estivessem em suas próprias casas.



"Hoje foi dia de encontrar os bichinhos na escola! Primeiro, o grilo na nossa sala e agora uma borboleta no parque!" Falou sozinho o Gabriel. - 5 anos

O OLHAR SE MODIFICA E AS DESCOBERTAS AUMENTAM!



“Lu, olha tem um buiaquinho aqui, cheio de teia!” Mostra o Ezequiel (3 anos) para a Professora Luciete.

“É mesmo! Quem será que fez isso?” Pergunta a Professora.

“Foi as fomigas...” Diz o Lorenzo (3 anos) que estava ouvindo tudo do lado do Ezequiel.

“Veidade. É fomiga, Pô.” Retruca novamente o Ezequiel.

“Porque será que as formigas fazem esse buraco e este monte de terra?” Levanta a questão instigadora junto às crianças a Professora.

MATERNAL I A

Um novo olhar vem acontecendo em todos os movimentos do dia a dia das crianças, dos professores e de toda a comunidade escolar. Passamos a nos envolver nas vivências das crianças, planejadas pelos professores por meio das observações, falas e acontecimentos instigantes. Sendo assim, as aprendizagens vêm acontecendo a todo instante, se renovando e, algumas vezes, se repetindo, de acordo com as motivações apresentadas pelas crianças, por meio da curiosidade, da pesquisa, da intencionalidade e de algumas surpresas dentro do tempo passado na escola.



“Coruja Buraqueira” - Multi PRA



VALORIZANDO CADA TRAÇO, CADA VIVÊNCIA!

E ASSIM, A ROTINA ESCOLAR SE MODIFICA, COM NOVOS MOVIMENTOS, NOVOS OLHARES E NOVOS AMBIENTES PLANEJADOS PARA QUE A DESCOBERTA, A CURIOSIDADE, O PRAZER, A ALEGRIA E APRENDIZAGEM SEJAM CONSTANTES.

NOVAS REPRESENTAÇÕES...



ÁRVORE CECÍLIA - 3 ANOS

COLETA E OBSERVAÇÃO DAS PENAS NO MICROSCÓPIO



PENA - MARINA 6 anos



AMARELINHA - MARCELA 6 anos

OS AMBIENTES SE MODIFICAM



CULMINÂNCIA EQUIPE TAHIRA

Culminamos nosso projeto com a 1ª Mostra Cultural no Jardim Botânico de Americana, com a prancha contendo um pequeno relato do nosso dia a dia. E para finalizar essa narrativa, nada melhor do que a frase do nosso mural que foi pensada com muito carinho pela equipe Tahira:

*“AINDA HÁ INÚMERAS
DESCOBERTAS A SEREM FEITAS,
BASTA CONTINUAR COM A
PESQUISA, A INTENCIONALIDADE
E A VONTADE DE APRENDER EM
QUALQUER TEMPO E LUGAR.”*



UM NOVO OLHAR NO NOSSO GRANDE QUINTAL



No início tudo tinha o mesmo movimento...

Mas, ao refletir sobre a aprendizagem das crianças, um novo movimento em outro compasso aconteceu e a curiosidade "picou" a todos.



Prô, aquilo é uma toca? Na nossa árvore?

Será que é uma toca de coruja? É **redonda!**

Se for mesmo, a coruja tá lá dentro. **Mas onde**



Quantas coisas foram sendo descobertas com esse novo olhar.



Ainda há inúmeras descobertas a serem feitas, basta continuar com a pesquisa, a intencionalidade e a vontade de aprender em qualquer tempo e lugar.

CASA DA CRIANÇA TAHIRA



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. (Org.). As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Vol. 1. Trad. Dayse Batista. Porto Alegre: Penso, 2016.
- JR Pereira · 2021 · Citado por 16 - A Abordagem Educacional de Reggio Emilia para a Primeira Infância - Uma Visão de Pedagogia Participativa e da Escuta.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.



Capítulo 2

A resignificação dos espaços escolares como lugares de escuta, pesquisa e encantamento

Espaços que ensinam: o ambiente como terceiro educador

O espaço de uma escola diz, silenciosamente, quem somos e o que acreditamos sobre as crianças. Antes de qualquer palavra, é o ambiente que fala: no modo como a luz atravessa as janelas, na textura das paredes, na forma como os objetos convidam à curiosidade e à convivência. Cada detalhe revela uma concepção de infância e de educação. Projetar uma escola é mais do que erguer um prédio — é criar um território de pertencimento. É desenhar lugares que acolham o corpo e a imaginação, que permitam ao pensamento se expandir e ao encontro acontecer. Uma escola nasce do diálogo entre arquitetura e pedagogia, entre o traço do arquiteto e o olhar do professor, entre o sonho da cidade e o direito da criança de habitar o mundo com dignidade.

Nessas escolas, o espaço não é cenário, mas parte viva do ato de educar. As salas se abrem como praças, as janelas se tornam pontes para o mundo, e os corredores se transformam em caminhos de descobertas. Cada espaço se renova com o movimento das crianças — ora lugar de descoberta, ora de criação, ora de encontro. A estética, aqui, não é adorno — é linguagem: uma forma de dizer às crianças que elas merecem beleza, tempo e escuta. A escola é, assim, um organismo sensível, que respira junto com as infâncias que acolhe. Seus móveis, cores, plantas e sons compõem um universo onde aprender é também perceber, imaginar e criar. A cidade, quando abriga uma escola assim, se torna mais justa — porque reconhece na infância o seu próprio futuro. Habitar uma escola é viver a experiência de pertencer a um espaço que educa sem pressa, que desperta perguntas e oferece caminhos. É compreender que o aprendizado também nasce das formas, dos gestos e dos silêncios que habitam o cotidiano.

Um ambiente escolar pensado com escuta e intenção transforma-se em poesia concreta: um lugar onde o aprender floresce, onde o cotidiano se faz experiência e onde cada criança descobre modos próprios de contar o mundo que observa e reinventa.

RESSIGNIFICANDO OS ESPAÇOS

Alessandra Fontana, Camila Lopes de Carvalho e Equipe de Profissionais da EMEI Patativa



Introdução



O canto que saía de meu seio era como o da patativa ao pôr-do-sol, quando se recolhe em seu ninho de paina macia (JOSÉ DE ALENCAR, UBIRAJARA).

A Patativa, um pequeno pássaro de tonalidade cinza-chumbo, que em seu canto fino e melodioso flutua no ar com seu tamanho entre 10 e 11 centímetros, empresta seu nome à nossa escola. Assim como o pássaro que sobrevoa cantando por entre as décadas de alterações sociais, culturais e educacionais, a EMEI Patativa também tem se reinventado, acompanhando a cadência de transformações para a implantação de uma pedagogia democrática e participativa. Aprofundamos essas reflexões nas palavras de Aldo Fortunati, quando nos diz:



A velha ideia de educação como a transferência de competências de um vaso cheio para um vaso vazio - isto é, do adulto para a criança - abre espaço para a ideia de uma dimensão dialógica de troca e confronto entre diferentes identidades (do adulto e da criança) a fim de determinar, através de uma relação cooperativa, a possibilidade de construção de novos pontos de vista, novas perspectivas interpretativas e, em geral, novos conhecimentos e aprendizagens (RIBEIRO, 2023, p. 171).

A pedagogia participativa nos convida a redescobrir a relação entre criança e adulto, reinventando os modos de interagir e mediar o aprendizado.. Nessa nova perspectiva, a criança torna-se o centro do processo educativo, enquanto o educador passa a atuar como facilitador da exploração da criatividade infantil, fomentando a atuação ativa dos pequenos e a expressão de suas múltiplas linguagens, como seres pensantes e reflexivos.

A criança como sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2009).

Os espaços, as ações e as propostas pedagógicas de nossa escola vêm sendo continuamente ressignificados, com o compromisso de assegurar que crianças, educadores e famílias compartilhem uma educação democrática e de qualidade. Desde a fundação da EMEI Patativa, em 1982, o tempo tem deixado suas marcas em forma de transformações. Diversas reformas buscaram aprimorar a infraestrutura da escola, entre elas a construção da sala de recursos e a renovação da pintura, realizadas em 2001. A intervenção mais recente, em 2023, trouxe novos caminhos para os pequenos ao alterar a entrada principal para a Rua Maria Cavalcante Proença. Também foi instalado um balcão de acolhimento à comunidade e o pátio, antes amplo, foi dividido para abrigar duas novas salas: uma dedicada à lavanderia e outra ao almoxarifado.

No último ano, a EMEI Patativa atravessou um período de transição, marcando um novo capítulo em sua história. Ao deixar o regime de turno parcial e abraçar o tempo integral, foi necessária uma reestruturação da equipe pedagógica e a transformação de seus espaços, moldando-os com intenção para acolher as novas exigências e possibilidades desse modelo educativo mais amplo e presente no cotidiano das crianças.

Em busca de escutar com sensibilidade a voz da comunidade escolar, foram enviados questionários a profissionais e familiares, além de estabelecidos diálogos atentos com as crianças, revelando o desejo e a necessidade de ressignificar os espaços da nossa unidade. À luz da legislação e dos documentos educacionais atuais, a Educação infantil assumiu novas responsabilidades, reafirmando seu papel fundamental na formação dos sujeitos desde os primeiros anos de vida. Assim, nasceu o projeto de Ressignificação dos Espaços, pensado a partir das demandas das crianças em tempo integral, mas também atento às necessidades de suas famílias e dos profissionais. As salas de referência foram reorganizadas, dando forma a novos ambientes que acolhem e dialogam com os interesses dos pequenos.



Contudo, a equipe percebeu que para que os professores pudessem atender melhor às necessidades das crianças, elaborar experiências pedagógicas e promover pesquisas a partir da escuta atenta dos pequenos, seria necessário um espaço adequado e bem equipado para esses fins.

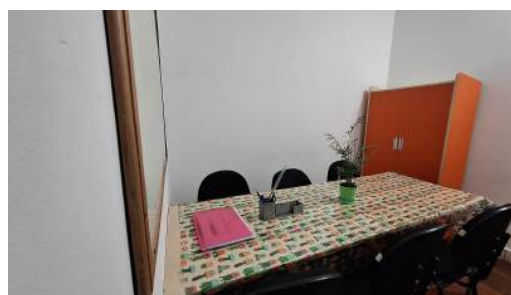
Uma formação verdadeira e plenamente adequada é principalmente aquela formação que nunca acaba, que não se esgota no básico e que cultiva a reflexão, a verificação e a perspectiva de mudança e inovação por meio de oportunidades que acompanham a vivência do trabalho e da prática educativa, oferecendo oportunidades e tempo para isso. [...] A estrutura organizacional dos serviços educativos deve, portanto, proporcionar tempos e espaços para esta atividade formativa que não termina nunca (RIBEIRO, 2023, p. 174-5).

Dessa maneira, a equipe da EMEI Patativa decidiu criar uma sala pedagógica que não apenas atendesse às necessidades de estudo e planejamento dos profissionais, mas também fosse um local de acolhimento para as famílias e para as reuniões com a equipe escolar. Observou-se que as famílias frequentemente procuravam a unidade, apontando a carência de um espaço específico para esse atendimento.

Continuamente, com esse espaço organizado e garantido para o estudo e planejamento dos profissionais, a escola poderá prosseguir também uma ressignificação dos seus demais espaços e ações pedagógicas.

O surgimento de uma sala pedagógica

A sala escolhida para se tornar o novo espaço pedagógico foi uma antiga sala de almoxarifado, repleta de materiais estocados e mobiliário inadequado. O primeiro passo foi remover esses itens, substituindo-os por instrumentos de estudo e móveis confortáveis para os profissionais.



Cada membro da equipe participou da reorganização, sugerindo mudanças e ajudando na movimentação dos móveis. A professora Ana Maria, por exemplo, doou um móvel adequado para o microondas, permitindo que substituíssemos um móvel grande até então utilizado para esse fim e liberássemos o espaço para outros usos. Materiais que antes eram armazenados, como grampos, fitas, tintas e argilas, foram transferidos para a Sala Alternativa, onde as crianças pudessem utilizá-los em suas experiências artísticas. Materiais mais adequados ao planejamento pedagógico foram organizados em armário de fácil acesso nesta sala, e móveis foram colocados para garantir o acolhimento dos professores e das famílias.

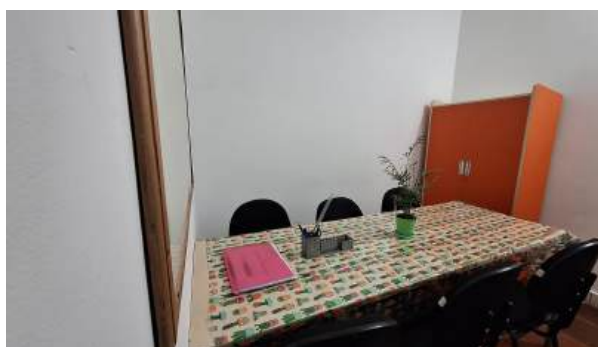


Na sequência, os professores selecionaram materiais significativos para o estudo, com o intuito de aprofundar pesquisas e vivências junto às crianças. Livros, cadernos, lápis e canetas foram cuidadosamente organizados em um armário de fácil acesso, facilitando o dia a dia dos profissionais. Uma mesa ampla, com altura adequada e cadeiras confortáveis, foi incorporada ao ambiente, tornando os momentos de estudo, planejamento e acolhimento às famílias mais convidativos.

Além disso, a equipe tem buscado aprimorar o acesso à internet no novo espaço, reconhecendo a importância das tecnologias — como o Google Drive e o sistema digital da rede municipal — para o acompanhamento sensível e eficaz da rotina escolar.

Essas ações nasceram de reflexões inspiradas pela Pedagogia Participativa, que valoriza a pesquisa como caminho de descoberta — tanto para a criança, em sua curiosidade natural, quanto para os professores, que investigam sua própria prática em diálogo com a teoria. Nesse movimento, compartilham saberes, dúvidas e olhares com colegas, gestores e famílias, tecendo juntos uma educação mais significativa.

Essa atuação pesquisadora dos professores abarca a organização de ambientes e espaços que acolham os seus estudos, para que seja desenvolvido o papel do professor pesquisador, entendido como coconstrutor do conhecimento, criador do ambiente como terceiro educador, intercambista de entendimentos, apoiador da criança competente, documentarista e observador, parceiros dos pais, ouvinte, provocador e negociador de significados.



*“Tem sido um local que nos permite estudar, planejar e desenvolver nosso trabalho!” - **Silas, Professor.***



Neste ínterim, entendemos que um espaço de estudo é de significativa importância para toda a comunidade escolar:

A atualização se delinea como um direito de cada professor e, ao mesmo tempo, de todo o pessoal presente em uma instituição escolar: é um direito individual e do grupo que trabalha junto. Ao mesmo tempo, a atualização corresponde também a um direito da criança: ter um professor competente, ou seja, capaz de entrar em uma relação de escuta recíproca, capaz de se renovar dinamicamente, com atenção às mudanças da realidade na qual as crianças vivem (RINALDI, 2024, p. 52).

Refletimos sobre a contribuição deste espaço para a aproximação com as famílias, já que, “a situação com os pais também pode representar uma importante situação de atualização”, como ao compartilhar documentações, pontos de vistas e culturais diferentes e construir ações conjuntas (RINALDI, 2024, p. 54).

Assim, o espaço pedagógico não é apenas um local de planejamento e estudo, mas também um espaço de fortalecimento dos vínculos com as famílias e de construção conjunta das práticas educativas, como preconizado pela BNCC, ao afirmar que “para potencializar as aprendizagens e o desenvolvimento das crianças, a prática do diálogo e o compartilhamento de responsabilidades entre a instituição de Educação Infantil e a família são essenciais” (BRASIL, 2018, p.36).



*“A pedagogia participativa exige um espaço propício ao estudo contínuo da equipe pedagógica.” - **Camila, Pedagoga.***

*“A sala dos professores auxiliou no atendimento aos pais, dando maior privacidade e acolhida” - **Aline, Professora.***

*“Tornou-se um espaço relevante e contributivo para receber e acolher as famílias!” - **Ana Maria, Professora.***

Na nossa comunidade, há uma parcela de familiares que já haviam estabelecido vínculo com a unidade anteriormente, por meio de outros frequentadores, como pais que já estudaram na EMEI Patativa, irmãos ou tios. Dentre estes familiares, ainda estão presentes na memória as celebrações pedagógicas ocorridas com a participação da família, as brincadeiras no parque, as professoras, amigos e passeios. Ter um espaço para que essas famílias retornem à unidade reforçam os vínculos e alimentam a construção de ações conjuntas para favorecer o aprendizado das crianças.

Considerações finais

A partir desta ação inicial, outras foram projetadas, como a organização de eventos culturais na unidade para estreitamento do vínculo com as famílias, reestruturação de outros espaços da escola, como a sala alternativa e revitalização de parques. Assim, finalizamos a narrativa com uma breve descrição das ações iniciais, mas intervenções contínuas serão projetadas, explorando a união contínua entre a teoria e a prática. Este é apenas o início de um processo contínuo de transformação, em que a teoria e a prática caminham juntas, enriquecendo a vivência escolar e a formação de todos os envolvidos.



Referências

- Brasil. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI)*. Brasília, 2009.
- Brasil. *Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.
- Ribeiro, Bruna (org.) *Abordagens participativas na educação infantil: saberes necessários para nos manter em voo*. São Paulo: Passarinho, 2023.
- Rinaldi, Carlina. *Diálogos com Réggio Emília: escutando, pesquisando e aprendendo*. 2.ed. Porto Alegre: Penso, 2024.

Ressignificando o Espaço de uma Escola de Período Integral - Emei Carandá

Lidia Elias - Diretora da Escola
Katia Aparecida Serraglio Vieira -
Pedagoga

Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar”. Paulo Freire.



Início de tudo...

Desde que começaram as formações com o NEEP, nossa equipe vem conversando sobre os conceitos estudados: contexto, escuta, investigação... Quando chegou até nós a proposta de olhar para o espaço da escola e pensarmos em algum ponto para reestruturação, discutimos de que forma poderíamos começar a colocar, agora, as nossas conversas em prática, a “mão na massa”. Focamos, então, o nosso olhar, para um espaço que temos no pátio, e que praticamente, não era utilizado.



Participação das crianças na organização do espaço

Ficou decidido inicialmente, que cada semana um grupo de crianças, juntamente com seus professores, trariam para o espaço pensado 3 contextos: o primeiro seriam vivências relacionadas a uma investigação que a turma realizou, o segundo escolheriam o brinquedo ou a brincadeira preferido do grupo, e o terceiro ficou fixo para a leitura (que depois de um tempo de exploração foi trocado pelo jogo simbólico, roupas e materiais).



Depois das primeiras semanas, os professores observaram que seria mais proveitoso que os contextos ficassem por duas semanas, pois dessa forma as crianças poderiam ter um tempo maior de exploração dos mesmos. A alteração foi realizada e deu muito certo.

Exploração dos contextos

Iniciamos com os materiais que tinham na escola, contando com a habilidade e envolvimento de todos,.



Gostei muito do jogo, achei fácil, mas o Enrico ganhou, mas fiquei feliz porque ele é meu amigo.” Yuri, 4 anos.



Representou no desenho os contextos montados.

Arthur, 4 anos

Depois fomos nos aventurando, pela mesa de luz, construída pelo professor Diego, pela argila e pelo brigadeiro de banana realizado no contexto da culinária.



Quero amassar as bananas. Alice 4 anos



Nossa professora, brigadeiro de banana!!!

Maria Heloisa, 4 anos.

As experimentações vividas pelas crianças nestes momentos foram muitas; delas saíram novas investigações, pois a curiosidade foi despertada.

Sensibilidade, interação, cooperação, ludicidade, foram palavras presentes durante todo o processo, onde percebemos que as crianças estavam investigando, aprendendo, se divertindo e, principalmente sendo felizes.



O uso desses espaços, promoveu momentos de integração, cooperação e imaginação criativa, reforçando aprendizagens sociais, cognitivas e motoras. Prof. Elisângela.

Para finalizar, uma citação de Beatriz Trueba Marcano, sobre como deve ser o espaço escolar “lugares interessantes: lugares para as crianças e das crianças, espaços que permitam desenvolver sua cultura, que sugiram brincadeiras maravilhosas, que não estejam cobertos por nossos objetivos adultos, que não estejam fechados ao imprevisto,; que suscitam o interesse, a curiosidade, a emoção, que permitam desenvolvimento tranquilos, sem pressa...”. (Marcano ,2022). É esse o espaço que queremos dentro da escola. Espaço em que as linguagens da criança sejam contempladas, onde o professor, sendo um constante pesquisador, possa auxiliar a criança a ser a protagonista da sua aprendizagem. Continuamos estudando e refletindo sobre a nossa prática, para que este espaço se faça presente em nossa cotidiano, sempre.



BIBLIOGRAFIA

RINALDI, Carla. Diálogos com Emilia: Escutar, Investigar e Aprender. São Paulo: Paz e Terra, 2012

Brasil. LDB: Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2007. pg.22.

Conteúdo: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei n. 9.394/1996

BRASIL. Ministério da Educação (MEC) Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil/ Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 20218.

EDWARDS, Carolyn GANDINI, Leila; FORMAN, George. As Cem Linguagens da Criança: a Abordagem de Reggio Emilia na Educação da Primeira Infância. Porto Alegre: Artmed, 1999.

MARCANO, Beatriz Truebas. Espaços em Harmonia - Propostas de Atuação em Ambientes para a Primeira Infância. São Paulo: Phorte, 1999.

ORGANIZAÇÃO E CRIAÇÃO DE NOVOS ESPAÇOS ALÉM DA SALA DE AULA

Autores:

Equipe Emei Ceci 2025

“A educação é um processo natural que se desenvolve espontaneamente no ser humano. Ela não é adquirida apenas pela escuta de palavras, mas por meio das experiências nas quais a criança age sobre o seu ambiente.”

(Maria Montessori, *The Absorbent Mind*, 1999)

Espaços que contam histórias.

A escola, inspirada pela abordagem que reconhece a criança como protagonista, é compreendida como um organismo vivo, em que cada espaço possui intencionalidade pedagógica e comunica um modo de olhar para a infância. Neste contexto, a organização e a criação de novos espaços além da sala de aula assumem papel essencial, pois ampliam experiências ricas, múltiplas e integradas ao cotidiano das crianças.

Olhamos de forma crítica e sensível para os diversos espaços da escola compreendendo que cada um deles é um território de aprendizagem e descobertas.

Esses ambientes – cantinhos de leitura, ateliês de artes, jardins, pátio, áreas de convivência– oferecem oportunidades e exploração, investigação, interação, criação, divertimento e aprendizagens.

O ateliê de artes se transforma em um convite à experimentação estética, um lugar onde cores, texturas, aromas e formas dão corpo às cem linguagens da criança.



“As crianças têm cem linguagens, cem mãos, cem pensamentos, cem modos de pensar, de jogar e de falar... mas roubam-lhes noventa e nove.”

(Malaguzzi, 1999)

No jardim, cada folha, flor ou inseto é uma possibilidade de descoberta: ali, as crianças aprendem a observar os ciclos da vida, exercitam a responsabilidade coletiva e cultivam encantamento pelo mundo natural.

Nos cantinhos de leitura, as narrativas despertam imaginação, hipóteses e diálogos, costurando histórias que se multiplicam em descobertas a serem compartilhadas.

Já nos espaços de convivência internos e externos, surgem encontros, conversas e aprendizagens espontâneas, que tecem vínculos e pertencimento.

Cada novo ambiente, ao ser planejado, torna-se lugar de aprendizagem, convivência e criação de memórias. Pretendemos que as crianças, ao interagir com esses espaços, revelam sua curiosidade, autonomia e criatividade, transformando a escola em um território aberto, dinâmico e poético.



Espaços que inspiram a aprendizagem.

O espaço não é neutro: ele educa, comunica e molda a forma como as crianças exploram o mundo. Cada canto organizado intencionalmente revela a visão da escola sobre a infância e suas potencialidades. Criar cantinhos de leitura, de artes, de ciências ou de jogos simbólicos é oferecer convites ao aprendizado que dialogam com a curiosidade infantil. A organização dos espaços transmite acolhimento, transparência e respeito à infância. Ao reinventarmos ambientes comuns, garantimos às crianças tempo, liberdade e inspiração para a cooperação.

“O mais importante não é o que fazemos com as crianças, mas o que fazemos para que elas possam fazer por si mesmas.”

(Malaguzzi, 1999)



O cantinho da leitura

O cantinho da leitura revelou-se um verdadeiro laboratório de perguntas. As crianças criaram modos próprios de organizar os livros – por cores, tamanhos ou personagens favoritos – e encontraram, em pequenos detalhes das ilustrações, sementes para novas narrativas. Esse espaço mostrou que a leitura é mais que prática escolar: é vivência cultural que une imaginação, linguagem e emoção.



“- Aqui o nome de quem escreveu e aqui embaixo de quem desenhou”
- **Fábio, 5 anos.**

Ateliê de artes: Território da imaginação

O ateliê é muito mais que uma sala de pintura ou desenho: é um território da imaginação. Nele, a criança encontra múltiplos materiais – tintas, pincéis, argila, papéis de diferentes texturas, tecidos, colagens, sucatas e elementos naturais como pedras, folhas ou gravetos. Cada material é escolhido não apenas como recurso, mas como linguagem que permite expressar sentimentos, hipóteses e descobertas.





Após a leitura do livro “Meu brinquedo novo”, despertou-se a curiosidade de criarmos com caixas.

“As palmeiras são muito altas e dão sombra” - **Eloa Soares Oliveira Bonin, 5 anos.**

“Vou fazer a minha com bastante folhas” **Catarina Oliveira Camargo, 5 anos.**



Espaços no jardim: encontro com a natureza

O jardim é um espaço pedagógico vivo, onde ciência, poesia e cuidado se entrelaçam. Ali, as crianças aprendem a semear, regar, observar a germinação e acompanhar o ciclo das plantas. Cada folha que cai, cada flor que desabrocha, cada material encontrado ou inseto que pousa sobre uma pétala se torna objeto de estudo e encantamento.

Além disso, pode se tornar cenário para outras linguagens: leituras sob a sombra, desenhos de observação, dramatizações ao ar livre ou simples momentos de contemplação.

Nossa emei é circundada por um jardim e todos os dias aparecem bichinhos que são acompanhados pelas crianças: formigas, borboletas, lagartas, caracol, passarinhos e ainda o mede palmo, surgindo o interesse das crianças por eles, foi assim que surgiu nosso estudo sobre Bichinhos de Jardim.



“Contar na natureza é divertido” - **Luisa, 6 anos.**



“Que florzinha bonitinha”

Eloah, 6 anos.

A participação das famílias e comunidades

O envolvimento das famílias é essencial. Ao convidarmos pais, mães e avós para contar histórias, participar de experiências ou doar materiais, fortalecemos laços e tornamos a escola um lugar de todos. As crianças sentem-se reconhecidas quando percebem que seus familiares também são protagonistas nesse processo. A presença da comunidade amplia repertórios culturais, reforça o sentimento de pertencimento e enriquece os espaços.



ALGUNS ESPAÇOS E VIVÊNCIAS PERMANECEM EM NÓS COMO ETERNAS LEMBRANÇAS

A organização e criação de novos espaços além da sala de aula revelam uma escola que se entende como território vivo e em constante transformação. Ao reconhecer os ambientes como “terceiros educadores”, criamos convites permanentes à pesquisa, à imaginação e ao diálogo.

O cantinho da leitura foi apenas o começo: dele nasceram novas descobertas, novos modos de ocupar e reinventar a escola. Assim, confirmamos que espaços planejados com intencionalidade e beleza potencializam aprendizagens, fortalecem vínculos e celebram o protagonismo infantil.

A escola se reinventa continuamente quando abre suas portas à poesia da infância: torna-se lugar inclusivo, inspirador e vivo, onde cada jardim, cada ateliê e cada espaço de convivência guardam memórias que florescem em conhecimento, amizade e encantamento.

Nesse processo, professores, equipe gestora e famílias tornam-se parceiros ativos, fortalecendo vínculos e colaborando para experiências significativas.

Referências bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 22 set. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Organização do espaço físico, dos brinquedos e materiais para bebês e crianças pequenas: manual de orientação pedagógica: módulo 4. Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Secretaria da Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2010.

MALAGUZZI, Loris. *As cem linguagens da criança*. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George (org.). *As cem linguagens da criança: A abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

MONTSSORI, Maria. *A mente absorvente*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Disponível em: <https://archive.org/details/mente-absorbente-maria-montessori>. Acesso em: 22 set. 2025.



EMEI JACINA

**O Refeitório
Escolar Como
Espaço Educativo**

AUTORES

Andreia da Silva Cesar - Professora auxiliar

Alessandra Aparecida Furatini Franco - Pedagoga

Elaine Ferreira Gozzo - Servente

Erica Oliveira Mota Ribeiro - Servente

Kátia Regina Nielsen Maciel - Supervisora

Lucineide Alves Batista da Mota - Professora

Márcia Cristina dos Santos Bacchiega - Coordenadora

Márcia Regina Melosi - Professora

Maria Ângela da Costa Manso Costa - Professora

Mirely Martins da Silva de Souza - Cuidadora

Silvia Helena Ribeiro Girardi - estagiária

Tania Iovino - Professora

Simone Rodrigues Da Cunha Lacava - Professora

Tatiana Dionizio dos Santos Lima - Estagiária

Thalyta de Almeida Souza - Estagiária

Crianças de 4 a 6 anos - alunos

Epígrafe

“O papel do educador é descobrir e valorizar os interesses das crianças, transformando o ambiente em espaço de pesquisa.” Carla Rinaldi.

INTRODUÇÃO

A alimentação na escola é mais que um momento de nutrição — é uma experiência rica em aprendizagens. Durante as refeições, as crianças interagem, exploram novos sabores e desenvolvem habilidades sociais, como respeito, cooperação e resolução de conflitos. Esse momento também estimula a autonomia, ao permitir que façam escolhas e experimentem alimentos desconhecidos

Oferecer uma alimentação saudável na escola ensina, de forma prática, a importância de hábitos alimentares equilibrados. A participação ativa de educadores e funcionários é essencial para incentivar as crianças a se alimentarem bem e de forma consciente, evitando desperdícios. Assim, a escola contribui para a formação de hábitos saudáveis e para o desenvolvimento integral das crianças.

Desenvolvimento da autonomia

A autonomia é um dos principais ganhos. Ao permitir que a criança faça suas próprias escolhas alimentares (dentro do que é oferecido, claro), você está confiando nela e estimulando a tomada de decisões. Essa prática a ajuda a desenvolver um senso de responsabilidade e autoconfiança. A experiência de se servir, de usar os talheres e de lidar com a própria refeição é um passo importante para a independência.

Habilidades sociais e resolução de conflitos

O refeitório é um ambiente dinâmico de convivência. Nele, as crianças aprendem a:

- **Compartilhar o espaço:** respeitando o lugar do colega na mesa ou na fila.
- **Esperar a vez:** praticando a paciência e entendendo a rotina coletiva.
- **Negociar e resolver conflitos:** como lidar com um colega que pegou o mesmo brinquedo ou sentou no lugar desejado. Essas pequenas interações, mediadas pelo professor, são oportunidades valiosas para a criança aprender a se expressar e a buscar soluções de forma pacífica.

Ampliação do repertório alimentar

A exposição a diferentes alimentos, texturas e sabores em um ambiente de grupo pode influenciar positivamente a relação da criança com a comida. A curiosidade de ver o que o amigo está comendo ou a vontade de experimentar um prato novo para se sentir parte do grupo são fatores que contribuem para que a criança supere a seletividade alimentar, ganhando mais confiança para enfrentar novos desafios.

Em resumo, a nova organização do refeitório, com foco na autonomia e na convivência, transforma o momento da refeição em uma rica experiência pedagógica. É um espaço onde a criança não apenas se nutre, mas também se desenvolve de forma integral, aprendendo a lidar com o mundo ao seu redor.

A refeição como um ato pedagógico

A mudança de mesas longas para mesas menores e o uso de elementos como toalhas e vasos, transformaram o refeitório em um espaço mais íntimo e organizado. Essa alteração foi fundamental para:

- **Promover a conversa:** Mesas menores incentivam a comunicação em grupos reduzidos, permitindo que as crianças se ouçam melhor e interajam de forma mais significativa. Isso contrasta com o barulho e a agitação das mesas longas, onde a única forma de ser ouvido é gritando.
- **Criar um ambiente acolhedor:** O uso de toalhas e vasos, por mais simples que pareça, sinaliza que aquele é um momento especial, de cuidado e valorização. Essa atenção aos detalhes mostra que a refeição é mais do que uma necessidade biológica; é um evento social.
- **Estimular a autonomia:** A organização do espaço, com os talheres à mão, facilita que as crianças se sirvam e desenvolvam sua independência.



Pesquisa com as crianças de 4 e 5 anos para compreender **como gostariam que o refeitório fosse organizado.**

Elas participaram ativamente do processo, manifestando ideias, curiosidades e expectativas sobre o novo espaço.

A introdução dos elementos do cotidiano — talheres, copos e pratos de vidro, toalhas e vasos de flores — não apenas embelezou o ambiente, mas **incentivou a exploração sensorial**, estimulando o toque, a visão e até o olfato. As crianças demonstraram interesse em usar o espaço de maneira mais cuidadosa, interagir com os objetos e com os colegas, além de experimentar hábitos de mesa de forma autônoma e prazerosa.

Essa experiência evidencia princípios centrais da Reggio Emilia:

- **Protagonismo infantil:** as crianças participaram da investigação sobre o espaço e das escolhas que transformaram o refeitório;
- **Ambiente como espaço educador:** a organização, a estética e os objetos estimularam a curiosidade, a exploração e a aprendizagem;
- **Aprendizagem através de múltiplas linguagens:** as crianças expressaram-se por meio de gestos, observações, perguntas e ações;
- **Documentação e reflexão:** registros fotográficos e observações permitiram analisar as descobertas das crianças e o impacto das mudanças no comportamento e nas interações

Nossa trajetória na implementação do refeitório

Nossa trajetória com as crianças, ao longo da implantação e desenvolvimento do projeto se deu através de diversas atividades que foram sendo realizadas no cotidiano escolar, tais como:

- Mapa mental com as crianças sobre o que observavam no refeitório e sobre o que gostariam que mudasse;
- Criação de regras para o uso adequado do refeitório;
- Cartazes sobre as regras de uso do refeitório;
- Entrevistas com a cozinheira e serventes da unidade escolar;
- Palestra com a nutricionista da rede e da Ômega (Empresa terceirizada responsável pelo preparo dos alimentos);
- Palestra com a nutricionista que elabora o cardápio da rede;
- Organização das mesas com toalhas, vasos de flores, troca da louça: aquisição de copos de vidro, talheres (garfo e faca);
- Plantio de sementes de frutas da merenda
- Treino do uso de garfo e faca, utilizando grãos, massa de modelar caseira;
- Apresentação de vídeos e pesquisa sobre alimentação saudável;
- Representação gráfica de um prato saudável

Hipóteses das crianças sobre a nova organização do refeitório

Como vocês acham que vai ficar nosso refeitório?



**Brilhante! Vai ter morango.”
Heloise, 5 anos**



**Nosso refeitório vai ficar cheiroso com cheirinho de macarrão!”
Letícia, 4 anos**



“Nosso refeitório vai ter cadeiras brilhantes e mesas brilhantes; pratos de estrelas.” Helena Prieto, 5 anos

Nosso refeitório está ficando lindo!” Maria Gabrielly, 6 anos

ANTES DA MUDANÇA

As professoras trabalharam com as crianças as noções básicas de como se comportar na horas das refeições.

Foi realizado trabalhos de aproximação com garfos, facas e copos em sala de aula.

A importância de consumirmos alimentos saudáveis em nossa dieta.

Esta etapa foi importante para as crianças aprenderem a importância de uma boa alimentação, como também noções básicas de etiqueta, tais como: modo de comportar em uma mesa, utilização de garfo e faca.

ATUALMENTE

Não conseguimos reestruturar todo o refeitório como imaginávamos, nos falta recursos financeiros para a compra dos equipamentos adequados, mas esta mudança está ocorrendo aos poucos, e hoje já temos um ambiente mais estruturado e próximo do que imaginamos.

Conseguimos alterar a disposição das mesas, introduzir copos de vidro, garfo e faca.

Estamos aos poucos caminhando para a implementação integral do nosso projeto.

Conclusão

Ao longo deste projeto, demonstramos que o refeitório escolar é muito mais que um local para se alimentar; é um espaço pedagógico dinâmico e essencial para o desenvolvimento integral da criança. Ao transformar a organização e o ambiente, passamos a valorizar a refeição como um ato de aprendizagem, no qual a autonomia, as habilidades sociais e a ampliação do repertório alimentar se desenvolvem de forma natural.

A pesquisa e a participação ativa das crianças de 4 a 6 anos foram fundamentais para o sucesso das mudanças. Elas trouxeram suas ideias, curiosidades e, com o apoio da equipe da EMEI Jacina, transformaram o espaço em um ambiente acolhedor, que promove a exploração sensorial e a convivência. Essa abordagem, alinhada aos princípios de Reggio Emilia, evidenciou o protagonismo infantil e a importância do ambiente como um educador silencioso.

Mesmo diante dos desafios de recursos financeiros, o projeto mostra que pequenas mudanças, como a disposição das mesas, a introdução de utensílios adequados e a valorização dos detalhes, têm um impacto significativo. A jornada de implementação, em constante evolução, reforça a nossa crença de que a educação se faz em cada momento e em cada espaço da escola. Por fim, fica claro que a transformação do refeitório em um ambiente educativo não apenas nutre o corpo, mas também alimenta a curiosidade, a autonomia e a capacidade de se relacionar com o mundo.

Reestruturando o ambiente e o nosso olhar

O ambiente preparado convida a aprender pelo próprio movimento, onde cada material é convite à concentração, à ordem e ao respeito pelo tempo da criança. Brincar vira descoberta que orienta o saber, com autonomia e cuidado.

Marcio Rapozeiro - Diretor

Alessandra Silva Gasque - Pedagoga

Equipe Docente Casa da Criança Pitanga - CRECHE e EMEI

“O desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, colabora para uma boa saúde mental, prepara para um estado interior fértil, facilita os processos de socialização, comunicação, expressão e construção de conhecimento.” **Santos,(2020, p.12)**

O início do caminho

Um Olhar sobre a Casa da Criança Pitanga

A Escola Casa da Criança Pitanga está situada na região da Praia Azul, no bairro Jardim do Lago, a aproximadamente 13 km do centro da cidade.

O espaço externo da escola é amplo, com gramado e muitas árvores, sendo um dos ambientes preferidos pelas crianças, onde também está localizado o parque.

As formações oferecidas pelo NEPP/UNICAMP marcaram o início de um processo de ressignificação de nossa prática pedagógica. Inspiradas nas reflexões de Loris Malaguzzi, Carla Rinaldi e Paulo Fochi, passamos a compreender que cada espaço possui uma função educativa, capaz de estimular aprendizagens e favorecer relações significativas.

A partir dessa compreensão, começamos a repensar como tornar esse ambiente ainda mais rico e acolhedor. Afinal, é nele que as crianças, além de brincar, compartilham experiências com os colegas, aprendem a dividir brinquedos, socializam, exploram, interagem com a natureza e constroem aprendizagens de forma lúdica e significativa.

Trilhas da nossa jornada...

- **MISSÃO, VISÃO E PRINCÍPIOS**

Construímos com a participação do corpo docente e da comunidade escolar estes três fundamentos para cada dia que entramos na unidade lembramos do nosso propósito.

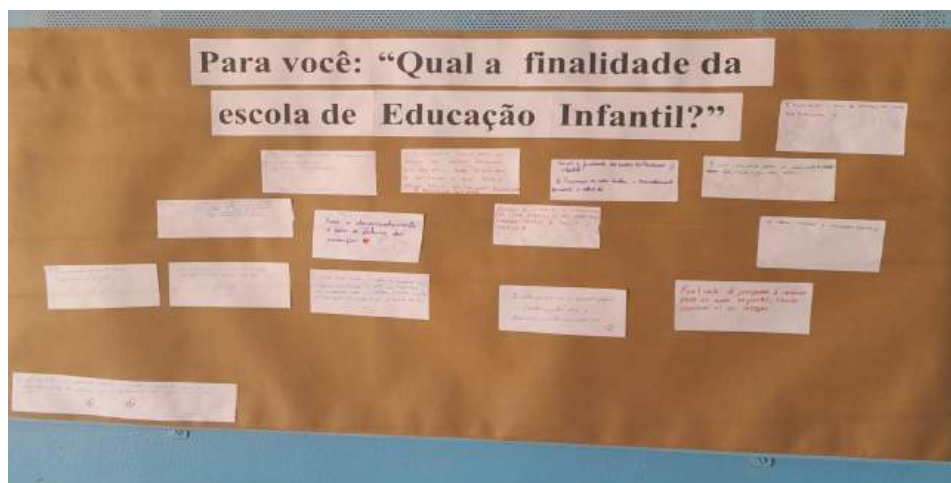
Missão: Enriquecer o universo de vivências, saberes e habilidades das crianças, em um ambiente de interação propício ao desenvolvimento integral da criança, por meio da brincadeira, pois reconhecemos seu poder como ferramenta essencial para o aprendizado.

Visão: Oferecer aos bebês e às crianças um ambiente acolhedor e seguro onde cada criança se sinta livre para explorar, aprender e crescer com alegria, promovendo a cultura e a diversidade.

Princípios: Nesta escola de educação infantil, os pilares que sustentam nossa filosofia educacional são o respeito, a solidariedade e a valorização da infância.

Acreditamos que esses valores são essenciais para o desenvolvimento integral das crianças em conjunto com as famílias e o acolhimento das mesmas no ambiente escolar. Resultando em cidadãos solidários, realizados e comprometidos com a construção de um mundo melhor e feliz.

A compreensão de como os pais veem a nossa unidade e também o que eles esperam da educação infantil, nos fez refletir, buscamos o diálogo e através de quadro de respostas expostos para todos que frequentam este ambiente, pais, mães e funcionários.



A voz das crianças na construção de novos espaços de brincar

Com objetivo de melhorar o parque, a equipe docente e gestora pensaram em fazer um parque não estruturado. As professoras, então, iniciaram uma pesquisa junto às crianças para compreender como elas percebiam aquele espaço e como gostariam que ele fosse transformado. Perguntaram, por exemplo, quais brinquedos gostariam de ter no parque e se mudariam algo que já existia. No início o nosso plano era trocar todos os brinquedos de ferro do parque por brinquedos de madeiras não estruturados, mas não tínhamos a verba necessária para trocar tudo e precisávamos dar início nesta reestruturação. Envolvermos os docentes e funcionários, estes levantaram as hipóteses junto às crianças e entre tantas sugestões cheias de encantamento, uma brilhou com mais força: a construção de uma casinha na árvore.

Foram realizadas rodas de conversa, nas quais cada criança pôde expressar seus desejos e indicar seu brinquedo favorito. Em outros momentos, registraram como viam o parque, observando, refletindo e sugerindo ideias. Dessa forma, participaram ativamente do processo de planejamento, contribuindo para pensar em como o "parquinho" poderia se tornar um espaço ainda mais especial para o brincar e para a infância.

Uma vivência, da fundação à conclusão

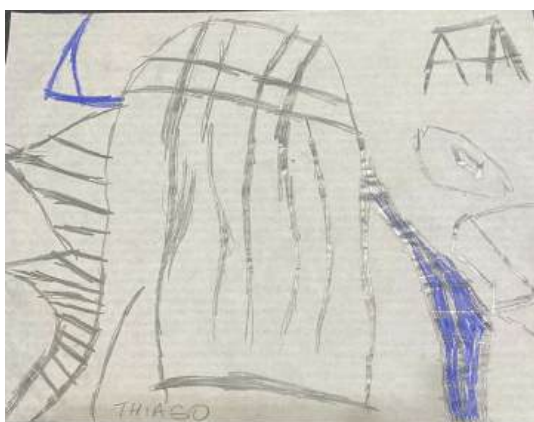
O ateliê: Como projetar uma casinha na árvore?



Nível I "B"



Maternal II C em mesa disposta no parque



Thiago (4 anos)



Representação da casinha, feita por Matheus, de 5 anos



*"Um, dois três,
quatro
degraus."
Leonardo
maternal 3 anos*



A sombra da árvore já era explorada pelas crianças antes do projeto, algumas delas demonstravam suas preferências deixando em segundo plano os brinquedos tradicionais do parque. Para melhor utilização do espaço, a casinha foi construída em uma altura que não atrapalhasse a brincadeira livre embaixo da mesma.

Foi assim que o sonho coletivo começou a ganhar forma, transformando-se em projeto e, sobretudo, em memória viva da infância, mesmo que a casinha não fizesse parte do pensamento inicial, no entanto ela proporciona um maior contato com a natureza e foi incluída através de ideias e participação das nossas crianças,

- **Da escuta ao encantamento: a casinha na árvore**

E assim, o projeto seguiu adiante, transformando e ressignificando o espaço do parque, que passou a abrigar novas formas de brincar e infinitas possibilidades de aprender. A escolha dos materiais foi guiada pelo olhar atento às necessidades do cotidiano e pelas inspirações trazidas nas formações da UNICAMP, sempre com o propósito de oferecer às crianças recursos que despertassem a curiosidade, a imaginação, a liberdade de criar e um contato maior com a natureza.

No final do segundo semestre de 2024, o sonho coletivo ganhou corpo: a casinha na árvore estava pronta. Mais do que um novo brinquedo, ela se tornou um símbolo de participação e encantamento, um lugar onde as crianças exploram, investigam, se questionam e descobrem o mundo ao seu redor. Cada riso, cada gesto e cada olhar transformam esse espaço em território vivo da infância.





A fundação trouxe desafios, conciliar a construção, a utilização do parque e a segurança das crianças



Após a inauguração as muitas ações vividas junto à casinha, escalar, subir e escorregar foram os movimentos que mais chamaram a atenção da turma.



Para os pequenos, descer no escorrega ou atravessar a ponte é um grande desafio.



As crianças do Nível II-C, estão buscando diferentes formas de explorar a rampa de escalada.

Considerações finais

Casinha na árvore: cenário de memórias e descobertas

Acreditamos que a infância é um tempo de descobertas, e é por isso que é fundamental que as crianças tenham um contato profundo com a natureza e aprendam sobre a importância de cuidar do meio ambiente. Com a ajuda do NEEP/UNICAMP, nosso projeto educativo, a criação de um parque não estruturado ainda está em andamento e a concretização da nossa casinha na árvore, foi interferência direta do desejo das nossas crianças, se tornam o cenário perfeito para que as crianças construam memórias inesquecíveis e se sintam verdadeiras protagonistas dessa jornada.

Aqui, o mais importante não são somente os resultados finais, mas sim os processos em ação. Nosso trabalho é construído com pequenas conquistas, atenção aos detalhes e a colaboração de todos.

Cada experiência vivida permanece em nós como um tesouro, nos lembrando que educar é semear possibilidades e acompanhar, com encanto e respeito, a riqueza interior que cada criança traz consigo.

Referências Bibliográficas

FOCHI, Paulo. **Infâncias e pedagogias: diálogos com as pedagogias participativas**. Porto Alegre: Penso, 2021.

MALAGUZZI, Loris. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Penso, 1999.

GANDINI, Lella; EDWARDS, Carolyn; FORMAN, George (orgs.). **As cem linguagens da criança: a experiência de Reggio Emilia em transformação**. Porto Alegre: Penso, 2016.

VECCHI, Vea. **Arte e criatividade em Reggio Emilia: o papel do ateliê na educação infantil**. Porto Alegre: Penso, 2017.

GANDINI, Lella; HILL, Lynn T.; CADWELL, Louise; SCHWALL, Charles (orgs.). **O papel do ateliê na educação infantil: a inspiração de Reggio Emilia**. Porto Alegre: Penso, 2012.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS – UNICAMP. Núcleo de Estudos de Políticas Públicas – NEPP. **Novo Olhar para a Infância: O projeto educativo da educação infantil. Caderno 1**. Campinas: UNICAMP/NEPP, 2022.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS – UNICAMP. Núcleo de Estudos de Políticas Públicas – NEPP. **Novo Olhar para a Infância: A pesquisa na escola e o professor pesquisador. Caderno 2**. Campinas: UNICAMP/NEPP, 2022.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS – UNICAMP. Núcleo de Estudos de Políticas Públicas – NEPP. **Novo Olhar para a Infância: A organização dos ambientes da escola de educação infantil: um diálogo entre a pedagogia e a arquitetura. Caderno 3**. Campinas: UNICAMP/NEPP, 2022.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS – UNICAMP. Núcleo de Estudos de Políticas Públicas – NEPP. **Novo Olhar para a Infância: As cem linguagens da criança, a cultura e a arte. Caderno 4**. Campinas: UNICAMP/NEPP, 2022.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Educação Infantil. Brasília: Ministério da Educação, 2017.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO – AMERICANA/SP. **Organizador Curricular – Educação Infantil**. Americana: SME, janeiro de 2020.

O espaço e a estética: *ambientes que semeiam aprendizagem*

Sandra Guimarães Lopes, Camila Lopes de Carvalho e Equipe de Profissionais da Casa da Criança Urupê



Introdução

O ambiente é visto como algo que educa a criança. [...] A fim de agir como um educador para a criança, o ambiente precisa ser flexível, deve passar por uma modificação frequente pelas crianças e pelos professores a fim de permanecer atualizado e sensível às suas necessidades de serem protagonistas na construção de seu conhecimento (EDWARDS, 2018, p.148).

A Casa da Criança Urupê tem por inspiração fazer com que o espaço seja gigantesco, para ser capaz de acolher, entender e respeitar a infância. Almejamos fazer dos nossos quintais, um espaço para experimentar tudo que haja nele, os pés na terra, a catanção das frutas, sementes e galhos, o vento balançando nas árvores, a chuva caindo e lavando a terra, que vira o barro para pisotear. Prezamos pelo deitar na rede no seu vai e vem, com o frio na barriga e a gargalhada de quando o balanço vai ao alto, ver para cima e de todos os lados, e no céu além de prever o tempo, adivinhar as formas que as nuvens fazem.



Mapa da Casa da Criança Urupê - Pré-escola Nível 1, 2017.

A escuta, o olhar, o professor brincante permeando as interações e brincadeiras, acolhendo as curiosidades, alimentando sonhos e estimulando um agir pensante tem sido foco do cotidiano da Casa da Criança Urupê ao longo dos anos. Entre construções prediais que se ergueram e parques arborizados, temos trilhado os caminhos de uma Pedagogia Participativa, inspirados pela curiosidade e expressividade das crianças, projetando experiências a partir da escuta e do afeto, aspirando pela criatividade a ser despertada, cultivada e compartilhada com os bebês e as crianças, conforme refletido por Vecchi (2017).



As abordagens participativas têm muito a nos ensinar sobre escuta, diálogo, protagonismo infantil, aprendizagem experiencial, papel do brincar, avaliação participativa, organização dos tempos, espaços, materialidades, rotina. (Ribeiro, 2023, p. 18).

Acreditamos que a criança é a protagonista de sua jornada. E a nós, educadoras e educadores, cabe apresentá-la ao mundo, às possibilidades e oportunidades de experimentar as cores, os cheiros, os sabores, significando os momentos, as atitudes e descobertas. Essas intenções se desdobram na imagem da comunidade sobre a nossa escola: um lugar de acolhimento e afeto, onde o protagonismo da criança é respeitado e cultivado, organizando espaços esteticamente e entrelaçados à natureza.



“Um excelente ambiente para se ter memórias.” (Marcela Rodrigues, mãe da criança Lívia Rodrigues)

“A escola prioriza o desemparedamento, portanto há muitos espaços e parques que possibilitam à criança ter o contato direto com a natureza.” (Marissol Sampaio Cordeiro de Almeida – professora da Creche do ano de 2024).

Acolhendo a ideia de que “os espaços e os materiais são propulsores das interações, descobertas e experiências das crianças, portanto, dimensões estruturantes do processo educativo” (Heming, 2004, p.206), e inspirados pelas palavras de Fochi (2019, p. 263), ao nos lembrar que “há uma pedagogia implícita no modo como organizam-se os espaços”, a Casa da Criança Urupê intencionou fortalecer a sua identidade alinhada à Pedagogia Participativa, contemplando a organização dos espaços interno e externo enquanto ambientes de aprendizagem, focando na sua reestruturação de forma a sustentar um cotidiano de experiências pedagógicas investigativas.

O espaço interno – nosso espaço de leitura

O espaço de leitura, embora presente, permanecia pouco acessado pelas crianças da Pré-escola. Algumas perguntas emergiram: como transformar esse lugar em inspirador de propostas pedagógicas? Como permitir que as crianças o habitassem como apoio às suas necessidades, explorações e curiosidades vívidas?

O espaço de leitura da Pré-escola antes impreciso em sua intencionalidade, abrigava variados materiais pedagógicos, como livros infantis, mesinhas, materiais de papelaria, tecidos e brinquedos variados.

Delineou-se a ideia de transformação deste lugar em um Espaço de Leitura e Pesquisa, contando com materiais que propiciam um acervo de recursos para as pesquisas na sala de referência ou outros espaços da escola como livros infantis e informativos de ciência e natureza, lupas, pranchetas, mesa de luz, globo terrestre, esqueleto humano e de insetos. Almofadas, puffs, fantoches e recursos gráficos acolheram os momentos de reflexão ou descanso.



Esse espaço tem propiciado momentos cotidianos ricos em suas explorações pedagógicas, ora conduzidos à sala de referência, ora vivenciado em pequenos grupos. Além disso, também tornou-se um espaço de conforto para regulação das emoções das crianças que necessitam.



O espaço externo: nossa horta

O espaço externo tem sido o nosso aliado visando o desemparedamento dos bebês e crianças e o aprendizado com e na natureza, como propõe Barros (2018). A revitalização das hortas contou com o apoio generoso da comunidade, representada na pessoa do Senhor Pedro, um ser humano sensível, comprometido com a proteção da natureza e a saúde das pessoas. Que bela surpresa!



“ Eu gostei sempre de plantar árvores e como eu tenho um espaço cedido com a ajuda da Prefeitura de Americana, eu formei a minha horta no espaço da CPFL aqui no Zanaga e comecei plantando árvores de plantas medicinais, moringa, salsa, parrilha, espinheira santa e outras coisas e também com a necessidade de sempre ter algum alimento na minha mesa. E eu vou evoluir passando sempre pra frente os meus conhecimentos das plantas medicinais e das plantas que são alimentos transformados em energia para o ser humano.” (Senhor Pedro).

Senhor Pedro ofertou o seu tempo e saber na revitalização da nossa horta. Debruçou-se em ações e compartilhou conhecimentos sobre o cuidado com a terra e o plantio.

Com tudo pronto, as professoras selecionaram as mudas guiadas pelas pesquisas em curso com as crianças. Alface, morango, cenoura e alecrim abraçaram as curiosidades já presentes e foram algumas das mudas plantadas pelas crianças que abriram outros caminhos de investigação.



Inspirados na ideia de que os espaços devem ser pensados enquanto “opções para as crianças brincarem e investigarem o seu entorno” (Fochi, 2019, p. 240) , a horta foi cuidadosamente estruturada para ser fonte de experiências de aprendizagem em múltiplas linguagens a partir do cotidiano.



Os espaços externos da plantação aos poucos dialogaram com os espaços circunscritos das salas de referências, bem como com os materiais disponibilizados no espaço de leitura e pesquisa. Curiosidades foram despertadas nos bebês e crianças, investigações se desdobraram.

Em visitas periódicas à natureza da escola, os bebês se encantaram com o que seus olhos viam crescer, as mãozinhas descobriram as texturas das verduras e auxiliaram na nomeação do que estavam a conhecer, os aromas suscitaram uma investigação de outros elementos naturais, como capim cidreira, hortelã e manjeriço, ampliados para cravos, alecrim e canela em pau, que se alocaram em um móbile.



Entre as crianças, dúvidas despontaram: “Do que a nossa plantação precisa?”, “De sol”, “De terra”, “De água”, e o plantio foi cuidado e acompanhado. O regar passou a fazer parte do cotidiano, e o crescimento das mudas acompanhado com olhares atentos e registros diversos.





*“É uma pessoa tirando a
alface da terra”*

Fernanda, 4 anos.



Vivenciamos o momento de uma colheita robusta. E como saborear nossa produção? Alice (3 anos) nos ajudou: “Tem que por limão!”, “Tem que por sal”. A plantação foi, ainda, compartilhada com porções levadas para degustar com as famílias.

Como sequência a tantas pesquisas, uma visita à horta do Senhor Pedro instigou novas descobertas. “Como é feito o mel da abelha?” (Helena, 4 anos) e “Esse aqui tem semente para a gente plantar?” (Luiza, 4 anos) foram algumas das inúmeras perguntas que ressoavam pelo caminhar.



“É uma pipa”

Leonardo, 4 anos.

A cada planta uma explicação do Senhor Pedro compartilhando seu gigantesco conhecimento popular sobre o plantio e suas propriedades medicinais, citando: “tansagem para inflamação de garganta”, “baleeira para retirar gases do feijão”, “banana felipe é o nome daquelas bananas que nascem grudadinhas!” O encanto com a taioba despertou a criatividade lúdica.



Nas semanas seguintes, um rememorar dos sabores, cores e curiosidades dos alimentos se edificou por meio de uma mostra, estruturando espaços com alimentos gentilmente doados pelo Senhor Pedro e coletados pelas crianças na visita à horta. Fotos no telão resgataram o passeio recheado de descobertas, agora ampliados com aromas e sabores dos alimentos degustados. E quanta surpresa ao perceber que um dos itens, o urucum, nos presenteia com tinta que sustenta nossa imaginação riscante.



Considerações finais

Sem a busca por um ponto final, sabemos que muito já foi feito, e outro tanto é almejado. Os espaços se modificaram não em sua versão final, mas suscetíveis aos ajustes a serem percebidos a partir do viver cotidiano. Propostas futuras terão continuidade, tais como sobre os animais que visitam a plantação, os sabores dos alimentos e tantas outras que nossos pensamentos não são suficientes para prever, mas que a criatividade das crianças irá nos conduzir.

Referências

- Maria Isabel Amando de Barros. *Desemparedamento da infância*. Rio de Janeiro: Criança e Natureza; Instituto Alana, 2018.
- Edwards, Carolyn. *As cem linguagens da criança: a abordagem Reggio Emilia na educação da primeira infância*. Porto Alegre: Penso, 2018.
- Fochi, Paulo Sergio. *A documentação pedagógica como estratégias para a construção do conhecimento praxiológico*, 2019. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.
- Heming, Leisiane. *Adultos e crianças partilhando jornadas de aprendizagem na educação infantil: o caso da professora Carolina e das crianças da faixa etária 3 da EMEI João de Barro, de Novo Hamburgo/RS*. 2024. 394f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul, 2024.
- Ribeiro, Bruna (org.) *Abordagens participativas na educação infantil: saberes necessários para nos manter em voo*. São Paulo: Passarinho, 2023.
- Vecchi, Vea. *Arte e criatividade em Reggio Emilia*. São Paulo: Phorte Editora, 2017.

A utilidade dos “espaços” no contexto escolar e a natureza.

Dulcinéia Pereira Pires - Coordenadora
Roberta Pacheco Pivetta - Pedagoga



“A arquitetura escolar é uma forma silenciosa de ensino, a arquitetura é um educador.” (MESMIN, 1973, apud MENÍNDEZ MARTÍNEZ, 2021, p. 104).

Todo espaço pode ser brincante? Utilizando nossos espaços como ferramenta pedagógica – Um olhar diferenciado.

Acreditamos que na educação infantil cada espaço pode ser um espaço de construção do aprender. E o nosso espaço externo, o qual denominamos carinhosamente de “Quintal da Taperá” se tornou uma ferramenta importante no nosso planejar, pois é no parque que invenções são criadas, a imaginação pulsa, onde a areia vira bolo, e uma folha virá avião.

Os nossos espaços interno e externo não são muito amplos, por isso sentimos a necessidade de um olhar diferenciado para com os mesmos. O Projeto Espaços da Infância que nos foi proposto, nos proporcionou a oportunidade de acolher melhor esses espaços, pensar e criar oportunidades para recriá-los, reaproveitá-los.

Começamos por criar um espaço para o horário de estudo das professoras e mesmo sendo um espaço pequeno, pensamos em como deixá-lo mais acolhedor!

O espaço externo proporciona liberdade de movimentos, de imaginação, de controle livre do próprio corpo, pensando nisso, plantamos árvores frutíferas, não somente para termos frutas, mas para permitir a colheita, o subir na árvore, proporcionando a exploração de flores, folhas, sementes, galhos, terra e emplacamento/dando nome a cada árvore.



Esse novo olhar proporcionado por esse projeto nos levou a uma reflexão sobre os espaços e como utilizá-los melhor e, portanto, para a montagem dos ateliês, optamos por espaços itinerantes, com a possibilidade de criação de vários espaços num mesmo lugar ou deslocar-los para melhor aproveitamento.

Ateliês em movimento



Na Creche Taperá, a escuta das crianças sempre esteve presente em nosso cotidiano, orientando escolhas e dando sentido ao planejamento pedagógico. Com a chegada do Projeto Espaços da Infância, esse movimento ganhou novas camadas: passamos a explorar com mais intencionalidade a criação dos contextos itinerantes, inspirados pelo desejo das crianças de se moverem, de explorarem diferentes ambientes e de reinventarem o já conhecido. Assim nasceram os ateliês itinerantes.

São ateliês que não se deixam aprisionar pelas paredes: montam-se e desmontam-se, percorrem corredores, se abrem no pátio ou até mesmo encontram abrigo sob a sombra de uma árvore. Em cada deslocamento, o mesmo contexto se transforma, ganha novos sentidos e convida as crianças a olharem o cotidiano com outros olhos.

Essa mobilidade imprime ao ambiente escolar um caráter vivo, dinâmico e flexível. Os ateliês itinerantes alimentam a curiosidade, sustentam a autonomia e provocam a interação. São espaços que se oferecem como parceiros das infâncias, devolvendo ao tempo da escola a surpresa, o encantamento e a invenção.

Assim, reafirmamos uma convicção: é a escola que deve se mover em direção às crianças, e não o contrário. Pois, quando escutadas em sua inteireza, elas nos mostram que os caminhos mais potentes para educar estão justamente no movimento, na reinvenção e na coragem de transformar cada espaço em possibilidade.



Um espaço afeto para semear ideias

O "Projeto Espaços da Infância" também nos fez olhar para outros espaços. As professoras cumprem $\frac{1}{3}$ de sua carga em estudo na escola e para que todo o conhecimento adquirido atinja os bebês e as crianças, elas precisavam de um lugar mais confortável e aconchegante, assim, repensamos um outro espaço que precisava ecoar nossa voz e nossa busca.

A transformação não foi apenas uma reorganização de móveis, mas um ato de cuidado, uma forma de dizer: aqui, suas ideias também têm espaço para respirar.

A disposição das cadeiras agora é um convite silencioso à troca. Nesse arranjo, a fala de uma se une à escuta da outra, e cada reflexão se torna um fio que tece o nosso coletivo.

O tempo de estudo se tornou um tempo de imersão, um lugar onde podemos nos despir do caos e nos vestir de possibilidades, onde a pesquisa teórica encontra a prática viva e onde a sensibilidade, que tanto buscamos cultivar nas crianças, nos inunda primeiro. Mais do que um ambiente, criamos um berço para as sementes que, mais tarde, florescerão em nossas salas de aula.



Espaços que se transformam pelo cuidado

Antes mesmo da chegada do Projeto Espaços da Infância, a Creche Taperá já vinha passando por importantes transformações em seus ambientes, sempre guiada pelo olhar cuidadoso para as necessidades reais das crianças e de quem delas cuida. Um exemplo foi a reforma do banheiro. Foram instalados trocadores na altura adequada para o adulto realizar a troca com tranquilidade, vasos sanitários e pias proporcionais ao tamanho dos bebês e crianças, além de um chuveiro que possibilita ao educador oferecer o banho de forma prática e acolhedora. Esse cuidado com os detalhes assegura que as rotinas se tornem momentos de aprendizado, respeito e vínculo.

Outra mudança significativa foi a substituição das antigas prateleiras de madeira por estruturas em alvenaria em todas as salas. Essa escolha, além de organizar melhor os materiais pedagógicos, trouxe mais segurança para o cotidiano das crianças. O novo mobiliário também abriu possibilidades para que elas explorem o espaço com liberdade, participem da organização dos objetos e experimentem o protagonismo em situações simples do dia a dia.



Espaços que se recriam, aprendizagens que florescem



O Quintal da Taperá é um espaço onde a vida pulsa nele, as crianças exploram a natureza, brincam e compartilham descobertas; nele também acolhemos as famílias, fortalecendo laços de convivência. Neste ano, realizamos o “Piquenique no Quintal da Taperá”, um encontro no qual cada família estendeu sua toalha sobre a grama e, à sombra das árvores, desfrutou da paisagem, do ar fresco e da companhia uns dos outros. Entre risadas e sabores, não faltaram as brincadeiras tradicionais, que aproximaram ainda mais crianças e adultos.

Nos anos anteriores, outras vivências também encontraram morada nesse quintal: festas, encontros e ateliês. Cada evento reafirma o nosso desejo de que a escola seja um espaço aberto, vivo e de partilha.

Embora muitas práticas já viessem sendo cultivadas, valorizando a escuta, a autonomia, o protagonismo dos bebês e crianças, o “Projeto Espaços da Infância” nos convidou a observar as possibilidades dentro da escola e a importância da documentação pedagógica.

Assim, concluímos com a certeza de que os espaços da Creche Taperá continuam em permanente transformação, guiados pela escuta sensível, pela autonomia das crianças e pelo desejo de que cada ambiente seja fértil em experiências, vínculos e possibilidades de ser e estar juntos.

Referências bibliográficas

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 18 set. 2025.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, 2012. Disponível em: https://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf. Acesso em: 18 set. 2025.

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George (org.). **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Penso, 2016.

HOYUELOS, Alfredo. **Tornando visível a aprendizagem: crianças que aprendem individualmente e em grupo**. Porto Alegre: Penso, 2016.

MENÍNDEZ MARTÍNEZ, Rosalía. El espacio arquitectónico y la regulación de los cuerpos de los niños: los salones de clase a finales del siglo XIX y principios del siglo XX. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 37, e24977, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-469824977>. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-469824977>. Acesso em: 18 set. 2025.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia (org.). **Pedagogia(s) da infância: dialogando com o passado, construindo o futuro**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar e aprender**. Porto Alegre: Penso, 2016.

RINALDI, Carla; GANDINI, Lella; EDWARDS, Carolyn. **Documentação pedagógica e avaliação: para uma educação infantil participativa**. Porto Alegre: Penso, 2016.

Organização e criação de novos espaços além da sala de aula.

Equipe EMEI Corimbó

“Quando uma criança age por sua própria iniciativa e interesse, ela adquire capacidades e conexões muito mais fortes do que se tentássemos ensiná-las”

Emmi Pikler



"Ambientes que guardam memórias, despertam sentidos e revelam narrativas únicas."

Em um espaço onde a ordem e a liberdade se entrelaçam, nasce um ambiente onde a exploração se torna um convite. Cada ambiente, com sua harmonia silenciosa, abre portas para o desconhecido, e cada área, com sua identidade única, chama à curiosidade. O espaço de leitura, acolhedor e sereno, aguarda aquele olhar atento, pronto para desvendar histórias. O ateliê de artes, vibrante e pleno de cores, abre o coração para a criação. A área de construções, repleta de possibilidades, convida à imaginação que constrói sem limites.

Aqui, a organização não é um rigor que aprisiona, mas um fluxo que facilita o movimento livre, o pensamento criativo, a experiência pura. Cada espaço bem definido é um universo de descobertas, um campo fértil para as múltiplas linguagens que o mundo oferece. Pois, na Educação Infantil, o brincar é o aprender, e o aprender é um caminho que só se desvela quando o ambiente é ao mesmo tempo estruturado e livre.

E assim, cada área torna-se uma ponte, um portal para o saber que se encontra não em respostas prontas, mas na busca incessante, na dúvida que provoca a curiosidade, no espaço que acolhe a maravilha de descobrir.

"Convites à Descobertas"



Contribuição para um ambiente Acolhedor e Encantador

Em cada ambiente arrumado, em cada detalhe pensado, nasce a essência de um espaço que acolhe e abraça. Quando a ordem se encontra com o cuidado, a atmosfera se transforma: limpa, serena, um convite à tranquilidade. E é nesse espaço organizado que o corpo encontra repouso e a mente, liberdade. Aqui, cada elemento parece existir para garantir que o bem-estar físico e emocional floresça, proporcionando não apenas segurança, mas também a confiança necessária para que o aprendizado desabroche.

Mas a organização vai além da estética ou do simples arrumar. Ela é, na verdade, uma dança silenciosa entre o espaço e os sentidos, um gesto pedagógico que molda o processo de aprendizagem. Como um campo fértil, cada ambiente – seja ele interno ou externo – não é apenas o local onde se aprende, mas onde se sente, se compartilha e se cresce.

Os espaços se transformam em verdadeiros refúgios, onde a luz do conhecimento encontra a liberdade da criatividade. Ali, as cores dos lápis de cor não apenas colorem desenhos, mas pintam sonhos. As folhas de papel, antes em branco, se tornam palcos para a imaginação, onde histórias ganham vida e personagens ganham voz.



Nos espaços externos da escola pode ser uma verdadeira jornada de aprendizado e criatividade. Longe das paredes da sala de aula, o pátio, o jardim e até mesmo cantinhos esquecidos podem se transformar em laboratórios vivos, onde a imaginação floresce.

Ao transformar os espaços externos em áreas de criação e aprendizado, a escola oferece um ambiente mais rico, diversificado e inspirador. É uma forma de reconectar as crianças com a natureza e mostrar que a educação vai muito além dos livros e da sala de aula.



Nosso jardim necessitava de reparos e a idéia de um jardim de plantas aromáticas surgiu após uma roda de histórias, onde o cheiro de um delicioso morango vermelho maduro trouxe a curiosidade de como seriam os cheiros das plantas. Dando início a uma busca por cheiro e aromas ...



...ajudando as plantinhas a serem regadas: gotejador com garrafas.



Nesses ambientes mágico, cada aluno é um arquiteto da própria imaginação, construindo mundos com blocos de montar, desenhando universos com giz de cera e moldando novas realidades .



"A tarefa do educador é nutrir a alegria de aprender, a curiosidade inata e a capacidade de pensar criativamente."

Benjamin Spock

“Ambientes Transformados para cultivar histórias”

A criação e a organização de espaços dentro e fora da sala de aula revelam uma escola que, mais do que um simples edifício, é um organismo pulsante, em constante evolução. Quando reconhecemos os ambientes como “terceiros educadores”, entendemos que eles não são apenas lugares de passagem, mas sim cenários vivos onde a pesquisa, a imaginação e o diálogo se encontram.

Ao planejar espaços com intencionalidade e beleza, garantimos que cada ambiente não apenas potencializa o aprendizado, mas também fortaleça os laços afetivos, crie memórias que se tornam parte de quem somos. A escola, ao abraçar a poesia da infância, se reinventa continuamente, tornando-se um lugar inclusivo e inspirador, onde cada jardim, ateliê e espaço de convivência conta uma história que transcende o tempo, florescendo em conhecimento, amizade e encantamento.

Bibliografia

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 22 set. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Secretaria da Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Organização do espaço físico, dos brinquedos e materiais para bebês e crianças pequenas: manual de orientação pedagógica: módulo 4. Brasília: MEC, SEB, 2010.

PIKLER, Emmi. *O que seu bebê pode fazer?* Tradução de Ana Maria Gomes Cardoso. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

SPOCK, Benjamin. *Autor atribuído*. "A tarefa do educador é nutrir a alegria de aprender, a curiosidade inata e a capacidade de pensar criativamente." Citação atribuída a Benjamin Spock. Acesso em: 22 set. 2025.

Capítulo 3 **Ateliê como pilar de uma pedagogia sensível**

“(...) Um lugar de pesquisa em que imaginação, rigor, experimentos, criatividade e expressão se entrelaçam”.

Dahlberg e Moss (prefácio)

O ateliê, entendido como espaço de experimentação e criação, assume papel central em uma pedagogia sensível, aquela que reconhece a potência das experiências estéticas como forma de conhecimento. Mais do que um local físico, o ateliê se configura como território simbólico onde o pensamento se materializa em gestos, cores, formas e texturas. Nele, o fazer artístico e o pensar pedagógico se entrelaçam, permitindo que a criança exerça sua escuta atenta ao mundo, à matéria e a si mesmo. Trata-se, portanto, de um ambiente que acolhe o imprevisível e o sensível, valorizando o processo e a escuta sensível na construção do conhecimento.

Nessa perspectiva, o educador é pesquisador das manifestações expressivas que emergem no ateliê. Sua escuta se amplia para além das palavras, alcançando os silêncios, os gestos e os modos de estar do outro. O ateliê torna-se, assim, um espaço-tempo de relação, onde o encontro entre sujeitos e materiais desperta a curiosidade, a imaginação e o pensamento poético. A pedagogia sensível que dele emerge reconhece a importância da experiência estética como meio de construção de sentido e como forma de compreender o mundo de maneira não linear, aberta e afetiva.

Por fim, pensar o ateliê como pilar dessa pedagogia é compreender que a educação pode se fundar na delicadeza do olhar e na atenção às pequenas coisas. Nesse lugar de trocas e descobertas, o conhecimento é tecido na interação entre corpo, matéria e emoção, configurando-se como experiência viva. O ateliê, nesse sentido, não apenas ensina técnicas ou linguagens, mas convida à presença, à contemplação e à invenção de si. Ele se torna um campo fértil para a formação humana integral, em que aprender é também sentir, imaginar e criar mundos possíveis.

O ATELIÊ ESTÁ PRONTO, PODE ENTRAR!

Se um pingüinho de tinta
Cai num pedacinho azul do papel
Num instante imagino
Uma linda gaivota a voar no céu
(Toquinho, 1983)

Escrito por:
Silvana Carla de Paula Stéfani
Juliana Wakimoto de Almeida Polizello

Apresentação



Espaço do Ateliê

Este projeto apresenta a transformação de um espaço de brincadeiras em um ambiente dedicado à expressão artística, com o propósito de oferecer às crianças da nossa escola oportunidades para despertar a criatividade e a imaginação, aguçar a sensibilidade, cultivar a autoconfiança e valorizar a cultura e a identidade, fortalecendo, assim, o seu senso de pertencimento.

A construção desse espaço envolveu uma reflexão coletiva da equipe pedagógica, que analisou como a organização, a estética e os materiais poderiam favorecer múltiplas formas de expressão.

Cada detalhe, desde a disposição dos móveis até a escolha dos materiais artísticos, foi pensado para incentivar a autonomia, a colaboração e o protagonismo das crianças.

As crianças, por sua vez, foram convidadas a explorar o espaço, interagir com os materiais e manifestar suas preferências e curiosidades.

COMO FOI A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO DO ATELIÊ

O processo de construção do Ateliê começou com o olhar atento da equipe sobre os ambientes já existentes na escola. Percebemos que o espaço inicialmente destinado às brincadeiras poderia ganhar uma nova identidade, sem perder sua essência lúdica, mas incorporando a possibilidade de se tornar um ambiente de criação e expressão.

A decisão foi acompanhada de diálogos constantes entre gestão e professores, buscando compreender como a estética, a organização e os materiais poderiam favorecer uma pedagogia que respeitasse o protagonismo infantil e valorizasse a experimentação.

O ateliê ganhando forma

Onde antes moravam brinquedos soltos em prateleiras, agora repousam tintas, pincéis e folhas em branco, à espera da imaginação.

A antiga brinquedoteca, repleta de cores e sons do brincar, cedeu lugar a um ateliê artístico — um espaço que convida à criação silenciosa, ao gesto atento, ao traço livre.



Espaço do Ateliê - antes



Espaço do Ateliê - depois

As pequenas mãos, os primeiros traços



Neste novo cenário, o brincar continua — mas ganha novas formas: no toque da argila, no deslizar do giz, no mergulho das mãos na tinta. A brinquedoteca se transformou, mas manteve sua essência: ser território da infância, agora guiado pelas trilhas da arte.

O espaço convida a experimentar e provoca a curiosidade, oferecendo às crianças não apenas brinquedos, mas matérias-primas para a invenção.

A cada dia, as produções revelam mais do que desenhos ou esculturas; revelam modos de pensar e de sentir. Ao modelar a argila, as crianças inventam personagens, constroem casas, imaginam animais que nunca viram, mas que habitam seus mundos internos. Nos papéis coloridos, surgem mapas, narrativas e registros que falam de si mesmas, da escola e da vida ao redor.



As produções não são apenas individuais, mas também coletivas: algumas crianças se reúnem em torno de uma mesma cartolina e começam a dialogar por meio dos desenhos, como se o traço de uma fosse a resposta à cor da outra. Nesses encontros, o espaço se torna um diálogo silencioso, mas profundo, entre linhas, manchas e formas.

O ambiente vibra com sons, cores e movimentos, transformando o ato de brincar em uma experiência estética, carregada de sentidos.



“O ateliê é o lugar onde os pensamentos das crianças se tornam visíveis.” (Loris Malaguzzi)

*“Está difícil pintar com a folha porque tem que pegar pelo pauzinho” - **Daniel, 5 anos***



*“Quando mistura azul com vermelho, vira roxo! - **Diego, 5 anos***



*“Pintar é muito satisfatório!” - **Sophia, 5 anos***

Em construção permanente

O Ateliê não representa o fim de um percurso, mas o início de muitas possibilidades. Ele nasce para ser vivido, experimentado e constantemente reinventado pelas mãos e olhares das crianças e de todos que nele se aventuram. Cada traço, cada cor, cada gesto amplia o sentido desse espaço, que não pertence a ninguém em particular, mas a todos que acreditam na força da imaginação e da criação coletiva.

Além disso, ele se tornou um catalisador para o desenvolvimento e construção de saberes e significados, como pensamento crítico, resolução de problemas e colaboração.

É um espaço onde a curiosidade é incentivada. Ao trabalhar em projetos com as próprias mãos, as crianças não apenas dão vida às suas ideias, mas também constroem autoconfiança e autonomia, em um mundo de desafios e constante mudança.



Assim, mais do que um lugar, o Ateliê é um convite aberto: para brincar com as formas, dialogar com as cores e transformar o cotidiano em poesia visual. É um espaço que pulsa com as vozes da infância e que se mantém vivo na medida em que é ocupado, explorado e desfrutado.

O Ateliê está pronto, pode entrar!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

RINALDI, Carlina. Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar e aprender. São Paulo: Paz e Terra, 2012. 398 p.

TOQUINHO; MURILO ANTUNES; VINICIUS DE MORAES. *Aquarela*. Ariola, 1983.

Um novo olhar para a infância: as cem linguagens da criança, a cultura e a arte/Fundação FEAC, Universidade Estadual de Campinas, Núcleo de Estudos de Políticas Públicas, Programa de Estudos de Política Pública para a Educação Infantil. Campinas, SP.: FEAC/NEPP/UNICAMP, 2022. v.4

Não é só um espaço: é a arte em transformação

“O espaço é o retrato da relação pedagógica.

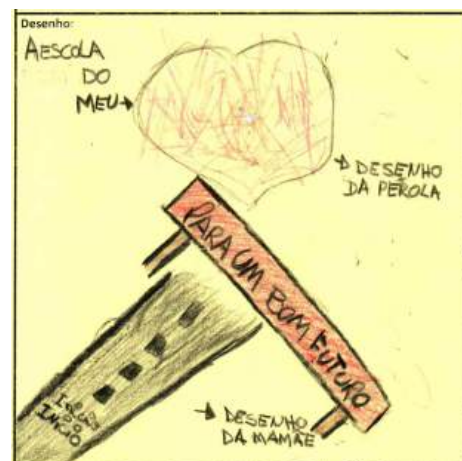
Nele é que o nosso conviver vai sendo registrado, marcando nossas descobertas, nosso crescimento, nossas dúvidas. O espaço é retrato da relação pedagógica porque registra, concretamente, através de sua arrumação (dos móveis) e organização (dos materiais) a nossa maneira de viver esta relação”.

Madalena Freire

Como tudo começou

Apresentamos aqui um caminho construído na escola municipal de educação infantil “Creche Anajá” (Americana/SP) onde um projeto tomou forma a partir de uma escuta sensível às vozes da comunidade. O objetivo da investigação foi compreender as concepções da comunidade acerca da educação infantil e o papel atribuído à instituição nesse processo.

As famílias registraram suas percepções por meio de relatos escritos, enquanto as crianças expressaram suas impressões em desenhos sobre como viam a escola. Os dados revelaram que, para muitas famílias, a escola é entendida como espaço de aprendizagem, desenvolvimento, brincadeiras, acolhimento e parceria com a família — muitas vezes associada a um “segundo lar”.



Compreendemos, assim, que a finalidade da escola vai além da transmissão de saberes: é instigar nas crianças o desejo de aprender, investigar, explorar e viver a infância de forma plena, fortalecendo suas capacidades sociais, cognitivas e emocionais.

Dessa reflexão emergiu o olhar atento aos espaços escolares como oportunidades de investigação e curiosidade, o que levou à criação do Espaço das Artes. Pensado de forma coletiva, esse ambiente foi organizado para ser acolhedor, acessível e diversificado, favorecendo múltiplas linguagens: pintura, colagem, modelagem, construção tridimensional e exploração de materiais naturais.

Mais do que um ateliê, o Espaço das Artes tornou-se um território de expressão e escuta, onde imaginação e realidade se encontram e as vozes infantis ganham forma em cores, texturas e composições.

Da escuta à criação: o processo coletivo da construção do espaço das artes

O espaço escolhido para a transformação apresentou um grande desafio, pois localizava-se em uma área externa semicoberta. Depois de muita reflexão e diálogo com a equipe de professoras, começamos a reunir os materiais e móveis que dariam vida a esse ambiente.

Para a construção do Espaço das Artes, muitas mãos se uniram, trabalhando juntas e tornando esse momento de criação coletivo e cheio de significado.

O processo de construção desse espaço envolveu diferentes etapas de escuta e colaboração. Com a equipe escolar, discutimos sobre a organização desse ambiente para que ele se tornasse não apenas um local de produção artística, mas também um espaço de investigação, pesquisa e diálogo entre diferentes linguagens.

Pensamos, então, em uma estrutura que fosse acessível, acolhedora e que convidasse à exploração. Com as crianças, realizamos rodas de conversa para identificar, a partir de seu olhar, os materiais e linguagens artísticas que despertavam maior interesse.



Sr Moacir: um grande parceiro na construção do espaço



Roda da conversa com a turma do Maternal II

Ao longo do processo, percebemos que o Espaço das Artes se consolidou como um lugar de encontro entre imaginação e realidade, onde as crianças puderam manifestar sentimentos, elaborar hipóteses, criar narrativas visuais e explorar novas possibilidades de comunicação.

O espaço das artes ganhando formas



“A estética está presente na forma como as crianças se relacionam entre si e com o mundo, nos encontros silenciosos entre uma linha e uma cor.” (Rinaldi, 2012)

Nossa pesquisa: o que tem no parque?

A pesquisa proposta para as crianças foi a de observar os elementos do parque. As crianças caminharam por ele com olhares atentos, observando cada detalhe — tudo despertava a curiosidade.

*“Olha Andrea, é um tatu-bolinha, ele é importante para a natureza” - **Hailey, 4 anos***

*“Fiz uma tesoura de galho” - **Hadassa, 4 anos***

*“Não é um peixinho, é folha” - **Gael, 4 anos***

Entre árvores e cantos verdes, a natureza se mostrou viva e convidativa. Folhas, galhos e sombras se tornaram matéria para desenhos e registros, transformando a percepção do parque em narrativas visuais e sensoriais.

Para aprofundar essa experiência, as professoras propuseram às crianças que realizassem um registro com tinta, observando o parque e pintando aquilo que mais chamava sua atenção. O desafio não era apenas reproduzir o que viam, mas traduzir sensações, cores e movimentos do ambiente.



“O ateliê é o lugar onde os pensamentos das crianças se tornam visíveis.” (Loris Malaguzzi, 2012)

As crianças se expressando através da arte

Durante todo o processo, as professoras registraram atentamente cada momento, anotando as falas, traduzindo cada gesto e expressão das crianças.



*“Vou fazer o gira-gira porque eu gosto de girar” - **Hadassa, 4 anos***



*“Tô desenhando um passarinho amarelo” - **Louise, 4 anos***



*Eu tô desenhando um balanço azul e amarelo - **Helena Vitória, 4 anos***



Assim, o ato de pintar tornou-se uma forma de investigação e expressão, em que cada traço refletia o contato direto com os elementos do parque — o movimento do balanço, a forma do escorregador, a textura das árvores e a vida que brota na natureza ao redor.

O que ficou de aprendizado

A partir das experiências desenvolvidas, ficou evidente que a construção e a organização dos espaços na escola não se limitam a aspectos físicos, mas são, sobretudo, reflexo das relações pedagógicas e do convívio diário. O Espaço das Artes e as vivências no parque demonstraram que, quando as crianças têm a oportunidade de explorar, observar e expressar-se livremente, emergem aprendizagens significativas para as crianças e para as professoras também.

Os registros das crianças — sejam desenhos, pinturas ou falas — revelaram a riqueza de suas percepções e interpretações do mundo ao redor. Cada gesto, cada escolha de cor, cada observação sobre o parque mostrou que elas são protagonistas de sua própria aprendizagem, investigando, questionando e transformando aquilo que percebem em narrativas visuais e sensoriais.

A escuta atenta da equipe pedagógica, registrada por meio de anotações, fotos e gravações, permitiu que essas descobertas fossem reconhecidas e valorizadas. Percebemos, assim, que o espaço escolar se torna um território de investigação e expressão, em que a criança floresce ao explorar diferentes linguagens, materiais e possibilidades de interação com o ambiente.

Portanto, o que se evidencia neste percurso é que a escola se transforma junto com as crianças: o espaço deixa de ser apenas um local físico e torna-se um cenário vivo de aprendizagens, encontros e descobertas. Mais do que ensinar, a instituição se configura como um ambiente que inspira a curiosidade, celebra a expressão e acolhe a singularidade de cada criança, reafirmando a ideia de que a educação infantil é uma experiência de vida plena e integrada, onde a arte e o brincar se entrelaçam com o conhecimento.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

RINALDI, Carlina. Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar e aprender. São Paulo: Paz e Terra, 2012. 398 p.

Um novo olhar para a infância: as cem linguagens da criança, a cultura e a arte/Fundação FEAC, Universidade Estadual de Campinas, Núcleo de Estudos de Políticas Públicas, Programa de Estudos de Política Pública para a Educação Infantil. Campinas, SP.: FEAC/NEPP/UNICAMP, 2022. v.4

Artigo elaborado por:

Aparecida Sanches Sueyosh - Coordenadora

Juliana Wakimoto de Almeida Polizello - Pedagoga

Aracati: Uma escola em transformação.

Por uma ideia de criança ativa, guiada, na experiência, por uma extraordinária espécie de curiosidade que se veste de desejo e prazer (FORTUNATI, 2009, p.47).

Beatriz Cristina Peres - Coordenação

Professoras:

Ivânia Marques

Fátima divina M. Penteado

Josiane Frezzarin

Simone Aparecida Carvalho

Michele Belofardi

Silvia Maria Mendes de Camargo

O protagonismo das crianças na pedagogia participativa.

Estar na educação e conviver com o desenvolvimento infantil, é encantar-se a cada nova descoberta, experiência, constatação, diálogo e crescimento das crianças. Propiciar condições para que o extraordinário se faça presente no cotidiano, é responsabilidade do professor, ciente de seu papel nessa jornada da e para a infância.

Nesse sentido, a pedagogia participativa possibilita criar oportunidades no cotidiano para que as crianças possam se envolver ativamente no processo de construção de seu conhecimento e em seu processo de desenvolvimento, sendo que toda a proposta deve ser direcionada para que se tornem realmente protagonistas em sua aprendizagem e vivências.

Em 2023, como gestora da EMEI Aracati, o trabalho inicial com a equipe foi de perceber a necessidade de mudança no atendimento à criança, reflexão e estudo sobre pedagogias da atualidade, BNCC - Base Nacional Comum Curricular e os contextos pedagógicos. Aos poucos, sob orientação da gestão, ambientes de aprendizagem significativa passaram a fazer parte do percurso de pesquisa pelas professoras que ousaram o desafio.

Em 2024 com mudança no quadro de professoras, observei que era momento de colocar em prática, de forma mais efetiva, a reflexão sobre o trabalho ora apresentado. Com a presença da equipe do Nepp na cidade de Americana, a Emei Aracati começou a se transformar. Os contextos elaborados passaram a fazer parte do cotidiano, bem como, a nova organização das salas e a documentação pedagógica.

Assim, percursos foram se projetando, a infância se fazendo presente em todos os espaços, do brincar à pesquisa, da natureza ao deslumbramento, do olhar à escuta, da documentação à avaliação.

Beatriz Peres



Onde a natureza se faz presente e o brincar é essencial



Observa-se na Emei Aracati, que professoras e crianças possuem um olhar especial em relação à natureza, onde o espaço externo é palco de observações, coletas, cuidados e acompanhamento de vidas que aqui habitam ou fazem deste local, um porto seguro .

A exploração do espaço pelas crianças possibilita conhecer e acompanhar desde o mais minúsculo inseto até o maior dos predadores com troca de conhecimentos e muitas perguntas para serem respondidas através da investigação.

O olhar minucioso é estimulado para um observar em detalhes, descobrindo cores, formas, padrões da natureza , seja através de uma caminhada , vivência ou um brincar espontâneo.



O brincar deve ocupar um lugar central na infância. Direito essencial de todas as crianças, os adultos e as instituições têm um papel fundamental para garanti-lo.

Ao brincar, as crianças descobrem as suas próprias capacidades e limitações de movimento; experimentam, exercitam-se; dimensionam as suas potencialidades, descobrem os seus gostos e preferências. incorporam canções, rituais e histórias; aprendem a esperar pela sua vez, a trocar de papéis, a negociar e a respeitar acordos. ao brincar, as crianças tornam-se elas próprias, constroem a sua subjetividade e constituem-se como seres humanos e sociais.

O brincar se apresenta em brincadeiras livres e espontâneas. em jogos de regras, construção, trilha, jogos matemáticos, brincadeiras de movimento, roda de cantigas, brincadeiras de roda, faz de conta...

Proteger o encantamento da infância, destacando o valor do tempo e dos espaços para o brincar, é nosso compromisso.



Pesquisa, investigação e documentação pedagógica

Os educadores desempenham um papel fundamental na mediação entre o cuidar e o educar, promovendo a interação, a comunicação e respeito por cada criança, construindo um ambiente de aprendizagem que valorize a individualidade e a singularidade de cada uma.

Buscamos um espaço que possibilita as interações, a atenção aos pequenos grupos, ao individual e coletivo, a forma como ambiente está disposto, a estética que se apresenta, indica e prevê uma ética, de relação e para a relação. Ambientes pensados e organizados provocam sensações, conexões e despertam para novas experiências e autonomia de escolhas e desafios possíveis.

Documentação: Percurso, projeção, avaliação

“Para documentar é preciso observar, e observar significa, antes de mais nada, saber”, assim afirma Mara Davoli.

‘Mas não é um conhecimento abstrato: é uma emoção do conhecimento que contém toda a nossa subjetividade, nossas expectativas - o que esperamos que aconteça - nossas hipóteses e nossas teorias de referência, nas quais também estamos contidos”.

“Portanto, observar é um verbo ativo, é um ato criativo que exige a nossa interpretação”.
“Portanto, observar implica pensar novamente, pensar sem preconceitos.”

A documentação pedagógica é um processo de observação, registro e interpretação das experiências, aprendizagens e interações das crianças, usando ferramentas como: anotações, fotos, vídeos e produções das crianças para tornar visível o que acontece em sala. Ela tem a função de criar memória, dar visibilidade a esse processo para a comunidade escolar, e ajudar o professor a refletir, planejar e qualificar o trabalho pedagógico.

A documentação tem funções diferentes para o que se deseja:

- **Para o professor:** Permite analisar e interpretar as aprendizagens das crianças, identificar interesses e aprofundar o trabalho pedagógico com intencionalidade.
- **Para as crianças:** Ajuda a construir uma memória do que foi vivido, permitindo que as crianças revisitem e valorizem suas próprias ações e protagonismo.
- **Para as famílias:** Oferece visibilidade sobre como e o que as crianças aprendem, fortalecendo a confiança na escola e aproximando-as do ambiente educativo.
- **Para a equipe pedagógica:** Facilita a partilha de experiências e o desenvolvimento profissional, promovendo o conhecimento e a reflexão sobre a prática educativa.

Um rico material que apresenta o processo de pesquisa, as hipóteses das crianças e seus conhecimentos construídos pela investigação. Documento que estabelece a organização da trajetória da aprendizagem.

A descoberta das raízes

Durante um momento de brincadeira no parque, fui chamada por um grupo de crianças:

- Professora vem ver uma coisa!

Imaginei em um primeiro momento que se tratasse de algum pequeno animal, inseto encontrado por eles, mas para minha surpresa e deles também era uma raiz bem grande exposta no solo. Imediatamente perguntei ao grupo o que era aquilo e prontamente tive uma resposta de um dos integrantes:

- É uma raiz. (Yari, 4 anos)

- **O que é uma raiz?**

- É para árvore crescer, ficar bem. (Yari)

- **Concordam com a Yari? A raiz é para a árvore ficar bem?**

- A gente tá tentando tirar ela. (Yari)

- **Silêncio do grupo e concentração total cavando próximo da raiz. Tentei outra pergunta:**

- **Só a árvore tem raiz?**

- Só. (Lays)

- Não. Tem um monte de árvore que tem raiz? (Pedro)

- **Vocês já viram outras?**

- Sim. (Pedro)

- **Onde?**

- Em um monte de lugar. (Pedro)

Neste momento, concluímos juntos que precisávamos descobrir o que mais tem raiz e onde podemos encontrá-las.

- A raiz fica dentro da árvore pra ela respirar. Ela fica dentro da areia senão ela morre. (Lays)

- **Então a raiz é para a árvore respirar?**

O grupo permaneceu em silêncio, concentrado em cavar ao redor da raiz com suas pazinhas, tentando retirá-la da terra. Eloá observando o tamanho dela, comentou:

- Essa raiz é gigante! (Eloá)

- Parece que tem um buraco aqui. Eu acho que tem uma árvore aqui dentro. (Lays)

- **Tem uma árvore aí dentro? E onde ela fica?**

- É uma árvore sim. (Pedro)

- Tem que cavar um buraco pra ela respirar e crescer. (Lays)

E a partir desse momento, percebi que a curiosidade das crianças havia sido despertada. As hipóteses, interpretações e perguntas surgiam de forma natural, revelando não apenas o interesse pelo que viam, mas também um desejo genuíno de compreender como as raízes funcionam e qual o seu papel na vida das plantas. Decidimos então, transformar essa descoberta em um projeto de investigação: observar, pesquisar e explorar mais sobre as raízes, tais como:

O que são? ; Onde estão?; Para que servem? ; Que formas têm?; Somente as árvores possuem raízes? ; Que tipos de raízes existem? ; Todas as raízes são iguais?

Este foi o ponto de partida para a criação de um percurso de aprendizagem construído coletivamente, à partir das vozes e das experiências e conhecimentos de mundo do grupo. Após esta primeira investigação, realizaremos outras propostas para descobrirmos um pouco mais sobre o tema, ampliando o olhar para os diferentes tipos de plantas e suas raízes.

Raízes pelo olhar das crianças

Depois de explorarmos o parque e observarmos diferentes tipos de raízes, convidei as crianças a registrarem suas descobertas com câmera fotográfica. Neste momento de curiosidades e empolgação, cada criança escolheu a raiz que iria fotografar e fizeram estas lindas imagens!

Nesta vivência, as crianças desenvolveram habilidades de observação atenta, percepção dos detalhes da natureza e das diferenças entre as raízes. Além disso, ao fotografarem, elas exercitaram a sensibilidade estética, a escolha consciente do que registrar e a autonomia para expressar suas descobertas de forma individual, construindo com o grupo hipóteses sobre as raízes.



- **Vocês me disseram que as raízes ficam embaixo da terra? Essas estão embaixo?**

- Estão em cima por que é grande quando fica enterrada. (Matteo, 4 anos)

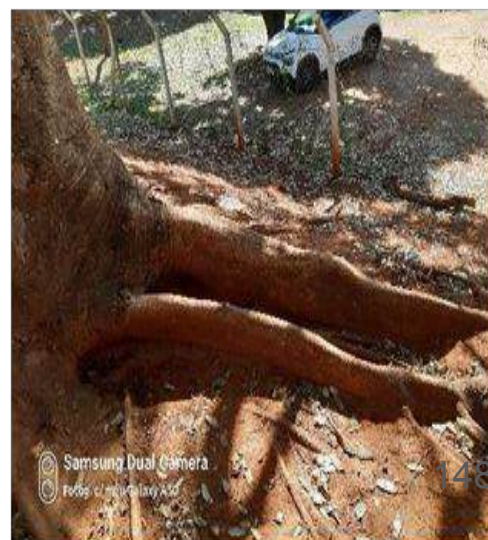
- É porque ela cresce quando está enterrada. (Eloá, 4 anos)

- **Vocês concordam pessoal? A raiz cresce quando está enterrada? O que fez ela crescer?**

- Água. (Pedro)

- Terra. (Alícia)

- Sol. (Eloá)



Conhecendo e explorando vários tipos de raízes

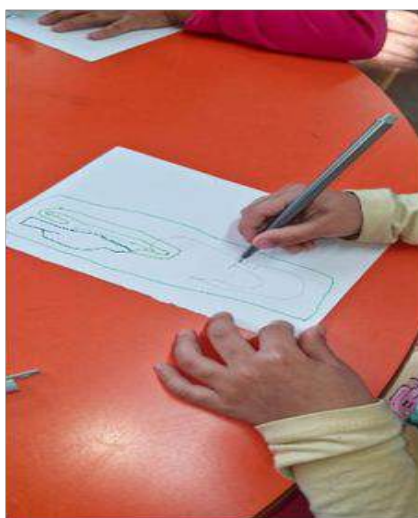
Esta próxima etapa nos trouxe a um espaço de observação mais íntimo e detalhado. Para desvendar os segredos dessas estruturas, criamos um ateliê de investigação. Em vasos de vidro com água, as raízes de diferentes plantas flutuavam, revelando sua delicadeza e complexidade. A luz que passava pela água criava efeitos mágicos, e as crianças se aproximavam com a atenção de um cientista, apontando detalhes e trocando hipóteses.

Para ampliar essa exploração, algumas raízes foram dispostas sobre a mesa. Com a ajuda de espelhos, que refletiam e multiplicavam suas imagens, lentes de aumento, que revelavam detalhes invisíveis a olho nu e neste ambiente a sala se transformou em um laboratório de arte e ciência.

As falas das crianças, capturadas em vídeo e anotações, nos mostram a riqueza de suas percepções -

- *“A planta está respirando.”*
- *“Respira na água porque é uma planta.”*
- *“A planta precisa das abelhas.”*
- *“A raiz fica embaixo da planta.”*
- *“A raiz nasce da semente.”*
- *“Tem planta que faz chá.”*
- *“A raiz é pra planta ficar forte.”*
- *“É pra segurar a planta.”*
- *“Se a raiz sair da terra a planta não respira.”*
- *“A planta não respira porque não tem raiz.”*
- *“A raiz é feita de terra porque ela é marrom.”*
- *“Raízes são profundas e elas respiram.”*
- *“Raízes tem boca embaixo da terra.”*
- *“Essa raiz saiu da terra porque ela cresceu.”*

Finalizando esse momento de pura descoberta, a observação se transformou em expressão. O convite para desenhar as raízes que mais lhes chamaram a atenção foi prontamente aceito



Observar e registrar



Raízes e seus detalhes

E no silêncio do nosso ateliê, vidros transparentes guardam raízes mergulhadas em água, como se revelasse segredos escondidos na terra.

As crianças se aproximaram com olhares curiosos, deixando nascer perguntas e criando hipóteses que entrelaçaram imaginação e descobertas. Cada raiz parecia ter sua própria voz, seu próprio caminho. Após a escuta e a conversa, veio o convite para que escolhessem a raiz que tocou o coração e registrá-la com delicadeza e detalhes, usando canetas finas em tons terrosos.

As linhas foram surgindo em cada traço como fios de encantamentos, revelando em cada detalhe as raízes de cada criança e nesse encontro entre arte e natureza, as crianças nos revelaram que até o que vive escondido pode florescer em expressão e sensibilidade.

- Essa tem cheiro de cebola. (Matteo)

- Cebola tem esse cheiro?

- Tem. (Matteo)

- Não comemos planta, só cuidamos. (Helena)

- Não comemos nenhuma planta? Só cuidamos?

- Eu como alface. (Matteo)

- O alface não têm raiz porque ele é comida. (Helena)

- Ah, e comida não tem raiz? Como o alface fica preso na terra?

- Ele tem raiz dentro dele. (Helena)

- Precisamos descobrir se o alface tem ou não tem raiz.

- Não tem raiz. (Matteo)

- Essa é diferente! Tem cheiro de cebola. (Eloá)

- E essa outra? Tem cheiro de que?

-De nada. Ela tem forma de macarrão. O macarrão é longo assim. (Eloá)

- Essas raízes são iguais?

- Não é diferente as plantas. (Eloá)

- As raiz são diferente porque se elas é igual tem que ficar no mesmo vaso. (Agatha)

- Essa raiz tá morrida porque tirou ela da água. (Pedro)

-Essa daqui tem forma oval e essas outras parecem forma de pau e essa também parece uma árvore pequena. (João)

- Essa parece um cabelinho. (Pedro)

- O espelho tá mostrando as plantas porque ele reflete. (Pedro)

A jornada das raízes na areia branca

A nossa investigação sobre as raízes nos levou a um novo questionamento, nascido da curiosidade de uma das crianças: "Será que tem raiz na areia branca?". Essa pergunta, tão simples e ao mesmo tempo tão profunda, nos convidou a uma nova aventura. Saímos do ateliê de luz e voltamos nossa atenção para o lado de fora, onde a areia branca do tanque nos esperava como um novo campo de descobertas.

Equipados com pás e com a mente cheia de hipóteses, as crianças se tornaram pequenos arqueólogos. A exploração se iniciou com as mãos e as ferramentas, cavando e sentindo a textura da areia, buscando pistas e respostas para a grande pergunta. Este momento não se trata apenas de encontrar ou não raízes, mas sim de honrar a curiosidade infantil, valorizar a pergunta como ponto de partida para o aprendizado e permitir que a busca pela resposta seja, por si só, a grande descoberta.

A jornada na areia branca nos ensina que a exploração não tem limites, e que cada questionamento pode nos levar a caminhos inesperados e fascinantes.



- **Que cor tem essa raiz que vocês encontraram na areia?**
- É vermelha! (Stefhany, 4anos)
- **Porque vocês acham que tem essa cor?**
- Porque todas as raízes são vermelhas! (Stefhany., 4 a)nos
- Não! Tem raiz que é branca e tem verde,laranja também. (Eloá ,4anos.)





- Mauro olha o tamanho dessa raiz? (Eloá, 4 anos)
- Nossaaa! É grande! (Mauro, 4 anos)
- É quase do seu tamanho! (Eloá, 4 anos)
- Verdade,mas eu sou mais grande ainda. (Mauro, 4 anos)
- **Sim Mauro, você é maior que a raiz.**
- Olha gente, essa raiz é amarelinha! (Eloá, 4 anos) . . Verdade, que bonitinha.(Lays, 4 anos)
- Porque essa é amarelinha? - Porque a areia também é amarelinha.(Eloá, 4 anos)
- E a raiz vermelha que achamos também no tanque?
- Aquela é marronzinha,porque estava embaixo da terra que tem aqui, embaixo da areia.(Eloá, 4 anos)
- Vocês concordam com Eloá?
- Sim,quando a terra é vermelha, a raiz fica vermelha,se a terra é marrom, ela fica marrom.(Lays,4 anos)
- Verdade pro,ela é da cor da terra que tá plantada embaixo.(Eloá, 4 anos)



Como posso medir?



Ateliê : lugar de múltiplas linguagens

Ambientes educativos são lugares de conhecimento que ganham forma pelas pesquisas, curiosidades, e experiências, num entrelaçar de emoções, sensações, pensamentos e ações.

Criar um espaço de ateliê na EMEI Aracati surgiu da necessidade de oferecer às crianças mais um espaço de pesquisa, escuta e interação, onde elas e os educadores pudessem explorar as múltiplas linguagens.

Um ateliê onde o espaço marcasse a presença das crianças, suas construções e atuações e onde os materiais estivessem à disposição para a criação. Um espaço agradável e flexível, menos rígido e mais acessível para infinitas experiências.

Como espaço transformador, contribui para a construção de um currículo rico e significativo para as crianças, dando ênfase na transformação, criação, imaginação, autonomia, curiosidade e investigação.

O ateliê ora apresentado, foi planejado de acordo com a realidade da Emei Aracati, portanto, a professora assume o papel de propor contextos significativos, estéticos e organizados, visto como espaço complementar e rico em variedade de materiais.

Aos poucos o ateliê foi se formando, entre pesquisa e experiência, observação e constatação, luz e sombra, cor e tonalidade, corpo e movimento, imagem e som, argila e produção, peça e construção, etc..





Ateliê a céu aberto

A luz e os reflexos da raízes

Depois de observarmos as raízes em vasos e observar as diferentes texturas, o convite para explorá-las na mesa de luz abriu um novo portal de descobertas.

A luz que vinha de baixo transformava cada raiz em uma obra de arte translúcida, revelando veias, texturas e contornos que não víamos antes.

Em pequenos grupos, as crianças se inclinaram sobre a mesa, e os espelhos, colocados ao lado, duplicaram e triplicaram as imagens, criando labirintos infinitos. As vozes ecoavam, cheias de admiração e teorias. As hipóteses surgiam, uma sobre a outra, construindo um grande quebra-cabeça de pensamentos.

Nesse novo cenário, as raízes deixam de ser apenas parte de uma planta e se tornaram protagonistas de uma investigação que unia ciência e poesia. A mesa de luz foi o palco onde a curiosidade infantil brilhou, iluminando os segredos de um mundo que se esconde debaixo da terra.



- A mesa de luz deixa a gente ver a planta melhor.
- Olha a raiz. Ela parece uma linha.
- Uma reta- Essa é pequena
- Tem uma pontinha, olha aqui.
- Essa folha está amarela, tem furinhos . Um pedacinho verde e a folha a mais fina.
- Essa folha é toda verde e mais grossa.
- Olha o tamanho!
- Cheira essa planta, Tem cheiro de cebola, veja! è cheiro forte..
- É a cebolete, a cebolinha.
- Meu pai põe na comida.
- Essa parte é a raiz, a mais branca..



- *Essa também tem cheiro.*
- *Olha o tamanho dela.*
- *Passa a mão nela, é peludinha.*
- *Essa folha parece um morcego.*
- *Dá para ver a folha no espelho.*
- *Uma parte da folha.*
- *Mas se eu for mais longe, aparece mais. E mais perto, aparece menos. Olha, a minha cabeça não aparece no espelho.*
- *Como aparece no espelho?*
- *Porque reflete. Eu fico na frente e apareço no espelho.- Aqui é raiz.*
- *Será?*
- **Como chama a parte que sai as folhas? Vamos investigar?**

Ateliê : A raiz, suas cores e formas

Neste ateliê, a raiz trazida de casa se tornou o nosso ponto de partida para a descoberta. Ela não era apenas um pedaço de madeira, mas um convite para observar e explorar . Com a aquarela em mãos, as crianças interagiram com a raiz.

Elas observaram cada curva, cada textura e cada detalhe, e usaram as cores para dar vida a essas formas. A tinta se espalhou no papel, criando um registro visual que mostra a conversa entre a criança, o material e a natureza.

Esta documentação registra a curiosidade e a expressão de cada um. O valor do trabalho está em como a criança pensou, sentiu e se comunicou usando as cores, transformando a raiz em uma nova história.



Vamos plantar?



Vivências no ateliê- Pesquisa e experiência

Coração que bate, tum .. tum - Pietro

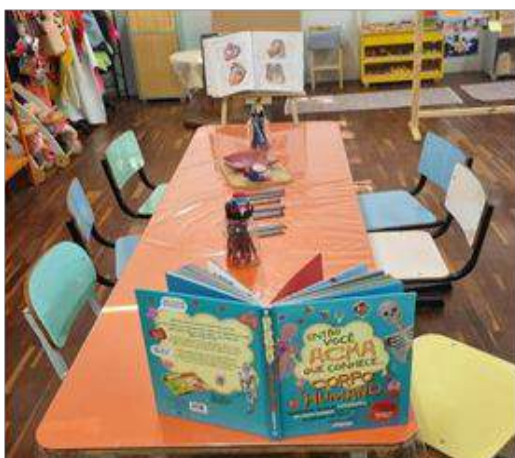


Coração e pulmão

Neste contexto, o ambiente foi cuidadosamente organizado com imagens reais do coração e dos pulmões humanos, apresentadas em painéis acessíveis às crianças, fixadas na altura dos olhos, para permitir uma observação atenta e curiosa. As imagens foram escolhidas com atenção à clareza visual, destacando formas, cores e texturas que despertam o interesse infantil, respeitando sempre a sensibilidade da faixa etária.

Além das imagens, o espaço contou com modelos anatômicos simples (em plástico ou borracha) que as crianças puderam manusear e materiais artísticos que incentivaram o registro por meio do desenho.

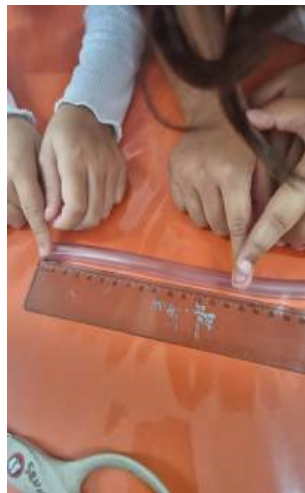
Durante a exploração, a professora foi mediando a conversa dando oportunidade para as crianças apresentarem suas ideias, compararem com o que os amigos também pensam a respeito e, assim, ampliarem seus conhecimentos.



- O coração ajuda a gente a viver porque sem coração a gente não ia sobreviver nenhum dia. (Laura, 5 anos)
- O coração e o pulmão são uma dupla, eles trabalham juntos. (Manuella, 5 anos)
- Sem o pulmão a gente não ia mais respirar. (Larissa, 5 anos)
- Eu achei que o nosso coração era assim - se referindo ao símbolo estereotipado. Agora, eu descobri que ele é assim - falando da representação real do coração que foi disponibilizada para observação das crianças - Lorenzo H, 5 anos)
- O coração controla o pulmão. (Juan, 5 anos)
- O coração tem veias e serve para o coração bater melhor. (Helena, 5 anos)



- Quando a gente corre, o nosso coração bate mais rápido. (Helena, 5 anos)
- O pulmão deixa o nosso sangue bom. (Laura)
- O pulmão faz a gente respirar, se a gente não tinha pulmão ia morrer, mas o coração também ajuda, porque fica batendo pra gente respirar, andar e viver. (Gabriel, 6 anos)
- Nosso corpo tem a corrente sanguínea (Breno, 6 anos)



- *Meu coração está batendo tão fraco que eu quase não consigo sentir eu sei que é porque agora eu estou calmo. (Breno, 6 anos)*
- *Quando eu vou visitar meu vô e minha vó, meu coração também bate mais rápido. (Luiz Antônio, 6 anos)*
- *O coração fica no meio do pulmão (mostrando nas imagens a localização do coração.)(Miguel, 6 anos)*



- Se o coração parar de bater, a gente não vai mais viver. (Lorenzo, 5 anos)
- Esses tubinhos são da corrente sanguínea – se referindo as veias .(Nicolas Souza, 5 anos)
- Quando o coração bate mais rápido vai sangue mais rápido para o nosso corpo. (Nicolas Souza, 5 anos)
- Olha, um pulmão é grande o outro é pequeno. É porque um puxa o ar e o outro solta.(Gabriel, 6 anos)
- Mas eu senti os dois puxarem (Maria Luísa, 6 anos) - Fazendo o movimento da respiração e atenta aos sinais do seu corpo.

O universo

No encerramento do primeiro semestre, uma criança compartilhou com o grupo muitas informações sobre o sistema solar. Observando o interesse pelo assunto, disponibilizamos no espaço de pesquisa materiais sobre o tema e percebemos grande curiosidade por parte das crianças.



Ao retornar no segundo semestre, pensamos uma vivência que resgatasse a curiosidade e que possibilitasse um encanto e diálogo entre as crianças e professora.

Projetar o espaço no ateliê garantiria a iluminação adequada e experiência única de observar o universo .

Utilizamos da imagem midiática para provocar as crianças e encantá-las para novas descobertas sobre o universo e todo seu mistério.

Ao adentrarem no espaço ficaram deslumbradas com o contraste da luz, cor, imagem, projeção, telescópio, lanternas, binóculos, livros e demais materiais, devidamente pensados para a exploração do ambiente..



Vivências no ateliê - Investigando o universo



- O que estão vendo? michele
- Estou vendo estrelas.(Laura O., 6 anos)
- É o espaço sideral .(Álvaro, 5 anos)
- A gente está no universo (Sofia, 6 anos)
- Eu estou vendo ali uma bocona. (Laura O., 6 anos)
- Bocona? (Sofia, 6 anos)
- É como chama isso mesmo? (Laura O., 6 anos)
- É a lua. (Sofia, 6 anos) — Eu nunca vi a lua . (Álvaro, 5 anos)
- Meu pai trabalha na lua. (Álvaro, 5 anos)
- Onde seu pai trabalha Álvaro? Michele
- No espaço sideral.(Álvaro, 5 anos)
- Neste livro dá para ver as formas das estrelas cadentes.(Sofia, 6 anos)
- Isso são asteroides strando as imagens. (Laura O., 6 anos)
- O asteroide é uma estrela,quando chega perto do universo ela cai parecendo um fogo. Eu já sabia disso. (Sofia, 6 anos)
- Eu acho que isso é meteoro.(Álvaro, 5 anos)
- É uma galáxia.(Victória, 6 anos)
- Olha a galáxia .(Livia M. 6 anos)
- É roxo. Parece uma uva. (Aurora, 6 a
- Esse é o planeta Terra. (Victoria, 6 anos)
- Planetas.(Livia tM., 6 anos) Observando imagens em um livro.
- Você reconhece algum? Beatriz
- Eu conheço todos.
- Então me fala os nomes,por favor.beatriz
- Qual é esse Victoria? Beatriz
- É o planeta Terra .(Victória, 6 anos)
- Olha esse é o planeta Terra,Saturno,Júpiter,é Marte,é Vênus,Urano e Netuno, eu acho. Livia M, 6 anos)
- O que estão vendo na imagem agora? Michele
- É o planeta Terra. (Heitor, 6 anos)



- O planeta Terra tem muita terra,tem nuvens brancas,grama verde e o céu azul. Livia M, 6 anos)
- Que legal gente,olha aquilo! Laura O. apontando para imagem colorida.
- A lua. (Aurora, 6 anos)
- O saturno tem algumas coisas em volta. (Theo, 5 anos)
- O que tem em volta dele? Michele
- São anéis de poeira e gelo.(Liviam M., 6 anos)
- Olha! A lua sorridente(Lívia, 6 anos)
- Ela é assim porque tem uma parte mais fina , igual um sorriso Lívia, 6 anos)
- Não! Ela é assim, porque o sol faz uma luz para na lua. (ema, 6 anos)
- Essa é a lua cheia (Lívia, 6 anos)





Estação das Artes:

Um laboratório de saberes e o processo de transformar uma sala de recursos em um espaço de aprendizagem com infinitas possibilidades!

Roseli Galete Gomes - Coordenadora

Bruna Larissa Monteiro do Nascimento - Pedagoga

Equipe Docente - EMEI Paturi

“O ateliê e os ambientes da escola são territórios de pesquisa, criação e encontro. É neles que as crianças experimentam, transformam e dão forma às suas cem linguagens.”

— *Vea Vecchi*

Sementes de mudança...

Movidas pelo desejo de oferecer sempre mais às crianças e inspiradas pelas formações do NEPP/UNICAMP, nasceu em nós a vontade de ressignificar os espaços da escola. Primeiro, veio a ideia de aproximar a literatura do cotidiano, criando uma biblioteca no corredor, um lugar de passagem que se transformou em pausa, encontro e encantamento. A experiência de ver os livros mais próximos das salas, de perceber crianças se aproximando espontaneamente das histórias, despertou em toda a equipe a certeza de que o ambiente é também educador, um terceiro mestre que provoca, acolhe e ensina. Dessa vivência, emergiu um novo sonho: transformar a antiga sala de recursos em um verdadeiro laboratório de saberes, um espaço pulsante de experimentação, onde a arte, a ciência, a natureza e as linguagens pudessem dialogar e se multiplicar em infinitas possibilidades.

Percurso que florescem...

Em 2024, o corredor da escola ganhou novos contornos: prateleiras cuidadosamente organizadas, livros acessíveis às mãos pequenas, cores e detalhes que convidavam à exploração. A biblioteca, agora viva e próxima, tornou-se ponto de encontro e de escuta, onde histórias ecoam e laços se fortalecem.

A experiência de ver as crianças circulando com autonomia, escolhendo seus livros e compartilhando narrativas alimentou nossa confiança no poder do espaço para educar.

A partir dessa conquista, o olhar coletivo se voltou para a antiga sala de recursos, que, pouco a pouco, começou a se transformar.

Inspirados pela filosofia de Reggio Emilia, entendemos que cada canto da escola poderia ser mais que um ambiente físico: poderia ser um laboratório de possibilidades, provocando curiosidade, movimento e pensamento crítico.

Assim, nasceu a **Estação das Artes**, um espaço pensado como um laboratório de saberes, onde arte, natureza, ciência, matemática e música se entrelaçam em experiências que convidam à investigação. Ali, as crianças desenham, constroem, cantam, medem, experimentam e narram, fazendo de cada descoberta uma oportunidade de aprender com e sobre o mundo.

Mais do que um lugar, esse novo ambiente é um manifesto de escuta e participação: cada escolha, da disposição dos móveis à seleção dos materiais, carrega a marca do diálogo entre equipe, famílias e, principalmente, as próprias crianças, que ajudaram a dar forma a esse sonho.

O lugar onde infâncias se expressam em múltiplas linguagens...



O ambiente, compreendido como um terceiro educador, é presença viva que instiga, acolhe e inspira diferentes formas de aprender. Ele se torna um campo fértil para a exploração e a criação, onde arte, natureza, ciência, matemática e múltiplas linguagens se entrelaçam em diálogos contínuos. Um convite cotidiano à curiosidade, à imaginação e à invenção.



A aprendizagem se move entre tintas, perguntas e encantamentos...

***Pequenas naturezas que despertam grandes invenções...
Pedras, galhos, folhas e sementes, tudo é diversão!***



Mais que uma sala: um laboratório de escutas, traços e experiências.



Colheitas em movimento...

Encerrar este percurso é reconhecer que cada transformação é também um começo.

A Biblioteca no corredor e a Estação das Artes não são apenas novos espaços, mas expressões vivas de uma pedagogia que acredita na potência da infância.

As aprendizagens que aqui florescem ultrapassam paredes e calendários, alcançando famílias, comunidade e futuro, reafirmando a certeza de que a criança é o hoje, inteira em sua capacidade de imaginar, criar e reinventar o mundo.

Referências Bibliográficas

FOCHI, Paulo. **Infâncias e pedagogias: diálogos com as pedagogias participativas**. Porto Alegre: Penso, 2021.

MALAGUZZI, Loris. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Penso, 1999.

GANDINI, Lella; EDWARDS, Carolyn; FORMAN, George (orgs.). **As cem linguagens da criança: a experiência de Reggio Emilia em transformação**. Porto Alegre: Penso, 2016.

VECCHI, Vea. **Arte e criatividade em Reggio Emilia: o papel do ateliê na educação infantil**. Porto Alegre: Penso, 2017.

GANDINI, Lella; HILL, Lynn T.; CADWELL, Louise; SCHWALL, Charles (orgs.). **O papel do ateliê na educação infantil: a inspiração de Reggio Emilia**. Porto Alegre: Penso, 2012.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS – UNICAMP. Núcleo de Estudos de Políticas Públicas – NEPP. **Novo Olhar para a Infância: O projeto educativo da educação infantil. Caderno 1**. Campinas: UNICAMP/NEPP, 2022.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS – UNICAMP. Núcleo de Estudos de Políticas Públicas – NEPP. **Novo Olhar para a Infância: A pesquisa na escola e o professor pesquisador. Caderno 2**. Campinas: UNICAMP/NEPP, 2022.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS – UNICAMP. Núcleo de Estudos de Políticas Públicas – NEPP. **Novo Olhar para a Infância: A organização dos ambientes da escola de educação infantil: um diálogo entre a pedagogia e a arquitetura. Caderno 3**. Campinas: UNICAMP/NEPP, 2022.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS – UNICAMP. Núcleo de Estudos de Políticas Públicas – NEPP. **Novo Olhar para a Infância: As cem linguagens da criança, a cultura e a arte. Caderno 4**. Campinas: UNICAMP/NEPP, 2022.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Educação Infantil. Brasília: Ministério da Educação, 2017.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO – AMERICANA/SP. **Organizador Curricular – Educação Infantil**. Americana: SME, janeiro de 2020.

Ateliê na escola:

Um lugar de infinitas possibilidades

Entre o brincar e o saber, o ateliê nasce como um território vivo de descobertas, um espaço funcional e multifacetado, cuidadosamente pensado para acolher e provocar as cem linguagens das crianças, despertando curiosidade, encantamento e aprendizagens que florescem em cada gesto.

Izileidy Andrade Chagas - Professora Coordenadora
Bruna Larissa Monteiro do Nascimento - Pedagoga
Equipe Docente - EMEI Potira

“Os espaços falam, acolhem e provocam. Cada canto é um convite para que a criança se reconheça como autora de suas descobertas.”
— *Carla Rinaldi*

Nosso percurso...

A EMEI Potira vem se redesenhando a partir das formações oferecidas pelo NEPP/UNICAMP, que trouxeram uma nova forma de olhar para a infância e para a escola. Inspiradas na abordagem participativa de Reggio Emilia, acreditamos que os espaços são parceiros pedagógicos e que a criança é protagonista do seu processo de aprendizagem.

Assim nasceu o projeto **“Ateliê na Escola: um lugar de infinitas possibilidades”**, que tem como propósito transformar um ambiente da unidade em um espaço vivo, estético e multifacetado, onde cada detalhe convida à exploração, ao encantamento e à construção de saberes.

Mais do que um novo espaço físico, criamos um novo jeito de viver a escola, em que o ambiente deixa de ser cenário para se tornar participante ativo do processo educativo.

Nossos caminhos...

- **O caminho das formações:**

As formações do NEPP/UNICAMP, foram o ponto de partida para ressignificarmos nossa prática. Inspiradas por autores como Loris Malaguzzi, Carla Rinaldi e Paulo Fochi, compreendemos que cada espaço é educador e capaz de provocar aprendizagens e relações significativas.

- **O nascimento do ateliê:**

No coração da EMEI Potira, uma sala antes comum começou a se transformar: luz, cores, materiais naturais, texturas e móveis flexíveis deram forma a um ateliê de descobertas. Esse ambiente foi pensado para acolher as cem linguagens da criança: pintura, argila, construções, música, experimentações científicas, contação de histórias, valorizando o brincar como pesquisa e o fazer como forma de pensar.

- **Experiências vividas:**

Crianças, professores e famílias foram convidados a ocupar esse novo espaço, onde curiosidade e criatividade caminham juntas. Entre tintas, papéis, sons e elementos da natureza, surgiram investigações, hipóteses e narrativas que revelam a potência da infância. Mais do que atividades, vivemos encontros: crianças que se escutam, professores que observam com intencionalidade e famílias que se reconhecem como parte da construção coletiva.

- **O próximo passo:**

A partir desse movimento, brotou o desejo de estender a pesquisa para além das paredes da escola, levando-a também aos espaços externos. O projeto de arborização já começou a ganhar forma, fazendo da natureza mais uma protagonista. Assim, arte, ciência e vida se entrelaçam, ampliando as possibilidades de interação e aprendizagem em cada pedaço do nosso quintal.

O ateliê: onde ideias ganham forma e mãos viram asas. Espaço de liberdade, expressão, aprendizagem e encantamento.



Lugares que se tornam tempo: tempo de descobrir, criar e pertencer.

O espaço fala com as crianças e convida ao protagonismo!



Quando o ambiente se transforma, as experiências se multiplicam!



“A arborização da escola nasce como um gesto de esperança: cada muda plantada é um convite para que raízes e sonhos cresçam juntos, entrelaçando natureza, infância e futuro no mesmo sopro de vida.”



Considerações finais

Encerrar este percurso é compreender que cada canto da escola é um convite para a vida.

O ateliê e a arborização da EMEI Potira não são apenas novos espaços: são manifestos de escuta, coragem e transformação, onde a infância pulsa em sua potência mais verdadeira. As aprendizagens que aqui florescem espalham raízes e sementes para além das paredes, alcançando famílias, comunidade e o próprio tempo, reafirmando a certeza de que a criança é o hoje, inteira em sua capacidade de imaginar, criar e reinventar o mundo.

Referências Bibliográficas

FOCHI, Paulo. **Infâncias e pedagogias: diálogos com as pedagogias participativas**. Porto Alegre: Penso, 2021.

MALAGUZZI, Loris. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Penso, 1999.

GANDINI, Lella; EDWARDS, Carolyn; FORMAN, George (orgs.). **As cem linguagens da criança: a experiência de Reggio Emilia em transformação**. Porto Alegre: Penso, 2016.

VECCHI, Vea. **Arte e criatividade em Reggio Emilia: o papel do ateliê na educação infantil**. Porto Alegre: Penso, 2017.

GANDINI, Lella; HILL, Lynn T.; CADWELL, Louise; SCHWALL, Charles (orgs.). **O papel do ateliê na educação infantil: a inspiração de Reggio Emilia**. Porto Alegre: Penso, 2012.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS – UNICAMP. Núcleo de Estudos de Políticas Públicas – NEPP. **Novo Olhar para a Infância: O projeto educativo da educação infantil. Caderno 1**. Campinas: UNICAMP/NEPP, 2022.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS – UNICAMP. Núcleo de Estudos de Políticas Públicas – NEPP. **Novo Olhar para a Infância: A pesquisa na escola e o professor pesquisador. Caderno 2**. Campinas: UNICAMP/NEPP, 2022.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS – UNICAMP. Núcleo de Estudos de Políticas Públicas – NEPP. **Novo Olhar para a Infância: A organização dos ambientes da escola de educação infantil: um diálogo entre a pedagogia e a arquitetura. Caderno 3**. Campinas: UNICAMP/NEPP, 2022.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS – UNICAMP. Núcleo de Estudos de Políticas Públicas – NEPP. **Novo Olhar para a Infância: As cem linguagens da criança, a cultura e a arte. Caderno 4**. Campinas: UNICAMP/NEPP, 2022.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Educação Infantil. Brasília: Ministério da Educação, 2017.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO – AMERICANA/SP. **Organizador Curricular – Educação Infantil**. Americana: SME, janeiro de 2020.

Capítulo 4

Infância e natureza: O ateliê como espaço de encontros entre o natural e o simbólico

No ateliê de uma escola de educação infantil, a relação da infância com a natureza se revela como um encontro de descobertas, sensações e pertencimento. O espaço ateliê, quando aberto às experiências naturais, torna-se um ambiente vivo, onde as crianças podem tocar, cheirar, observar e experimentar elementos do mundo natural. Galhos, folhas, sementes, pedras e água deixam de ser simples materiais e passam a integrar o processo criativo com a curiosidade e o encantamento pela vida que existe ao redor.

A natureza, inserida nas práticas cotidianas do ateliê, favorece um aprendizado que vai além do cognitivo: envolve o corpo, os sentidos e as emoções. Ao explorar materiais naturais, as crianças desenvolvem sua capacidade de observação, a percepção das transformações do ambiente e o respeito pelos ciclos da vida. Cada elemento natural oferece infinitas possibilidades estéticas e simbólicas, convidando a criança a criar, imaginar e narrar suas próprias histórias através da arte.

O ateliê torna-se um espaço de diálogo entre cultura e natureza, onde a escuta atenta e o olhar cuidadoso do adulto permitem que as experiências infantis se transformem em projetos significativos. A natureza, portanto, não é apenas cenário, mas protagonista na construção de saberes e sensibilidades.

Cultivar a presença da natureza no ateliê é também um ato de resistência e de reconexão com o essencial em um mundo cada vez mais urbano e digital, proporcionar à criança o contato com o natural é oferecer tempo, liberdade e espaço para experimentar o mundo com inteireza. É nesse encontro entre arte e natureza que a infância floresce, aprendendo a ver beleza nas pequenas coisas e a compreender que faz parte de um todo maior.

Do quintal ao ateliê:

Um mundo de possibilidades

É sobre tornar todas as oportunidades cotidianas em uma aprendizagem possível, funcional e eficaz, fazendo do espaço um lugar funcional e de aprendizagem multifacetada!

Lucinete Almeida do Nascimento - Diretora de Educação Básica
Bruna Larissa Monteiro do Nascimento - Pedagoga (2025)
Equipe Docente Casa da Criança Panamby - CRECHE e EMEI

“O espaço é o terceiro educador. Ele fala, provoca, organiza e convida à aprendizagem.”

— Loris Malaguzzi

Contextualização

O projeto **“Do quintal ao ateliê: um mundo de possibilidades!”** surgiu com a intenção de transformar o cotidiano da escola em oportunidades de aprendizagens significativas.

O que foi trabalhado: tornar todos os espaços, como a sala de Referência, o Ateliê e demais ambientes, em ambientes ricos em experiências de aprendizagens multifacetadas, onde o protagonismo das crianças é central. O porquê desse trabalho está ligado à formação recebida pelo NEPP/UNICAMP sobre a abordagem participativa inspirada em Reggio Emilia, que valoriza a participação das crianças, famílias e professores na construção do conhecimento. Acreditamos que ambientes pensados dessa forma favorecem o desenvolvimento integral, promovendo relações interpessoais saudáveis e oferecendo às crianças contextos sociais ricos, positivos e humanizadores. Afinal, a criança é o hoje e não apenas o futuro. O como se deu por meio da organização funcional e intencional dos espaços, da seleção de materiais diversos e da observação atenta das crianças, garantindo que cada experiência se transformasse em aprendizagens significativas, respeitando os interesses e tempos individuais de cada criança.

Caminhos percorridos...

- **O surgimento da ideia e a formação da equipe:**

O projeto “Do quintal ao ateliê: um mundo de possibilidades!” nasceu a partir das formações oferecidas pelo NEPP/UNICAMP, que nos trouxeram referências valiosas sobre a abordagem participativa, inspirada em Reggio Emilia. Com base nessas aprendizagens, a gestão, em conjunto com a equipe docente, iniciou intensas discussões sobre como transformar os espaços da escola em ambientes ricos em experiências de aprendizagem. Antes mesmo da organização física do espaço, debates, estudos e reflexões foram realizados para compreender quais materiais, propostas e estratégias poderiam favorecer o protagonismo das crianças e a participação da comunidade escolar.

- **Transformação dos espaços e efetivação das propostas:**

A seguir, o projeto avançou para a transformação e organização do espaço, contemplando a sala de Referência, o Ateliê e os quintais, com atenção especial à funcionalidade e à diversidade de aprendizagens possíveis. A compra e seleção de materiais foi guiada pelas necessidades observadas e pelas sugestões das formações da UNICAMP, buscando sempre materiais que convidassem à investigação, à criatividade e à expressão.

A efetivação das propostas aconteceu à partir do segundo semestre de 2024 e ao longo do ano corrente, por meio de propostas como: culinária, leitura, artes visuais, exploração do corpo e movimento, música, desenho, observações e rodas de conversa. Mesmo diante de uma ampliação predial pausada provisoriamente, a escola conseguiu, dentro de suas possibilidades, garantir experiências de aprendizagens participativas, promovendo a exploração, o questionamento e o encantamento das crianças.

O Ateliê tornou-se também um espaço de encontro com as famílias, que participaram de leituras das Cartas de Intenções e exposições das produções infantis, fortalecendo o vínculo entre a escola e a comunidade e reforçando a importância da educação como experiência coletiva.

- **Vivências que se entrelaçam e caminhos que se constroem:**

Ao longo dessa jornada, cada instante vivido com as crianças, professores e famílias tornou-se parte de um fio invisível que tece aprendizados, descobertas e encantamentos. Cada desenho, cada leitura compartilhada, cada investigação no quintal ou no Ateliê não é apenas uma atividade, mas uma porta aberta para o imaginar, o questionar e o criar juntos.

O projeto não conhece um ponto final; ele respira, se transforma e se reinventa a cada dia. Ainda estamos no caminho, entregues à alegria de observar, escutar e acompanhar cada criança, permitindo que cada espaço se converta em um convite à exploração e à expressão da riqueza interior que cada uma carrega.

Assim, o Ateliê e os quintais continuam sendo lugares onde a aprendizagem é viva, fluida e infinita, um processo poético que se constrói no dia a dia, na presença, no cuidado e no compartilhar, refletindo a beleza de cada experiência que atravessa nossa escola.

No quintal, o mundo se expande em pequenos passos e grandes descobertas...

Entre o dentro e o fora: a escola como território vivo!



Ateliê: espaço de expressão, exploração e escuta.



Do brincar ao experimentar, do sentir ao observar...

Tudo é aprendizado!

Considerações finais

Este percurso, que nasceu do desejo de ressignificar os espaços da escola e dar às crianças experiências de aprendizagem mais vivas e participativas, revela-se como um caminho de descobertas, encontros e transformações. Ao longo dele, compreendemos cada dia mais, que o Ateliê, os quintais e cada ambiente da escola não são apenas lugares, mas territórios de sentidos, capazes de acolher a curiosidade, a imaginação e a voz das crianças.

Mais do que resultados prontos, vivemos processos em movimento, feitos de pequenas conquistas, de olhares atentos e de mãos que se estendem para construir junto. O que fica deste trabalho é a certeza de que, quando a escola se abre para a escuta, para a criação e para a participação da comunidade, ela floresce em múltiplas direções.

Assim, encerramos este relato não como um ponto final, mas como uma vírgula no percurso que continua.

Cada experiência vivida ecoa em nós como poesia, lembrando-nos que educar é semear possibilidades e acompanhar, com encanto e respeito, a riqueza interior que cada criança traz consigo.

Referências Bibliográficas

FOCHI, Paulo. **Infâncias e pedagogias: diálogos com as pedagogias participativas**. Porto Alegre: Penso, 2021.

MALAGUZZI, Loris. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Penso, 1999.

GANDINI, Lella; EDWARDS, Carolyn; FORMAN, George (orgs.). **As cem linguagens da criança: a experiência de Reggio Emilia em transformação**. Porto Alegre: Penso, 2016.

VECCHI, Vea. **Arte e criatividade em Reggio Emilia: o papel do ateliê na educação infantil**. Porto Alegre: Penso, 2017.

GANDINI, Lella; HILL, Lynn T.; CADWELL, Louise; SCHWALL, Charles (orgs.). **O papel do ateliê na educação infantil: a inspiração de Reggio Emilia**. Porto Alegre: Penso, 2012.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS – UNICAMP. Núcleo de Estudos de Políticas Públicas – NEPP. **Novo Olhar para a Infância: O projeto educativo da educação infantil. Caderno 1**. Campinas: UNICAMP/NEPP, 2022.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS – UNICAMP. Núcleo de Estudos de Políticas Públicas – NEPP. **Novo Olhar para a Infância: A pesquisa na escola e o professor pesquisador. Caderno 2**. Campinas: UNICAMP/NEPP, 2022.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS – UNICAMP. Núcleo de Estudos de Políticas Públicas – NEPP. **Novo Olhar para a Infância: A organização dos ambientes da escola de educação infantil: um diálogo entre a pedagogia e a arquitetura. Caderno 3**. Campinas: UNICAMP/NEPP, 2022.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS – UNICAMP. Núcleo de Estudos de Políticas Públicas – NEPP. **Novo Olhar para a Infância: As cem linguagens da criança, a cultura e a arte. Caderno 4**. Campinas: UNICAMP/NEPP, 2022.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Educação Infantil. Brasília: Ministério da Educação, 2017.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO – AMERICANA/SP. **Organizador Curricular – Educação Infantil**. Americana: SME, janeiro de 2020.

***A Arte através da Natureza
Seguindo por um rio de
descobertas.
Descobrimos rios de conhecimento.
A arte e a Natureza em nós!***



“O que é isso?” (Rafael 5 anos)

*“O que vocês acham?” (Prof.
Marilise NIID)*

“Eu sei! guardador de sementes!”

(Hércules, 5 anos)

***A Arte através da Natureza
Seguindo por um rio de
descobertas. Descobrimos rios
de conhecimento.
A arte e a Natureza em nós***

Autoras:

Tatiana Rodeli Pereira da Silva- Pedagoga
Ketty Regiane Manzzi dos Santos- Diretora

*Jaguari, nome de origem Tupi,
representa nossa escola e sua
incansável prática diária: o fluir de
cada criança!*

*Somos como um rio, sempre em
frente, desbravando novas rotas e
transformando pedras em Arte,
buscando constantemente através
dos que nos cerca ganhar força.*

*Como o rio, seguimos o fluxo das
crianças e com elas nos deleitamos
de olhares peculiares, toques
sensíveis e momentos únicos.*

*Sigamos ao encontro de uma
história construída por muitos!*

Introdução

A escola de Educação Infantil, é como um rio. Sempre em constante movimento, sempre percorrendo novas aventuras e espaços. Aqui, na Casa da Criança Jaguari não é diferente. Nossas crianças são as águas que buscam a cada minuto novos espaços, novas perspectivas, que superam obstáculos e ressignificam os processos a todo momento.

No decorrer deste artigo, vamos procurar apresentar um pouquinho dos nossos percursos, considerando nossas escolhas de pesquisa enquanto escola e as adaptações necessárias ao longo deste processo. Importante considerar, que como o rio, nossas vivências não possuem um fim! Somos (re) conectados a cada nova curva, a cada nova experiência pessoal, que nossas crianças e professoras trazem ao longo deste percurso.

Neste ano de 2025, a equipe pedagógica buscou construir uma linha de trabalho inspiradas em Ailton Krenak, pela importante contribuição na luta a favor da natureza e retomada da nossa ancestralidade. Além dele, nos inspiramos nas obras de Frans Krajcberg, militante pelas florestas, que ressignificou sua arte, através da utilização dos materiais que a natureza oferece. Em muitas de suas instalações, recursos da natureza destruídos pelos homens, tornam-se beleza e ressignificam a arte cotidiana.

Nosso objetivo com essas inspirações é trazer além de uma arte inspirada na natureza, o resgate com as crianças de suas ancestralidades, seja pela pesquisa de suas culturas, de suas famílias e deste grande planeta que nos acolhe.

Percorreremos e acessamos ao longo destas pesquisas, lindas composições com nossas crianças, pois partimos do que nossa escola poderia nos oferecer!

Compreender que a natureza não são apenas as árvores, as florestas é peça fundamental neste processo. Esperamos que nossas crianças, professoras e comunidade, entendam que **Nós**, somos natureza, e que, portanto, precisamos compreender nossa ancestralidade, valorizar nossa história e buscar sermos indivíduos melhores sempre.

Para isso, a pesquisa repertoria essa imensa possibilidade de transpor conteúdos, em processos investigativos.

Consideramos e reforçamos sempre: o importante não é o produto final, nossa intenção está completamente voltada para os processos!

Que possamos nos inspirar sempre nos rios, e seguir nossas vidas superando as adversidades e entendendo que cada curva, é uma linda possibilidade de olhar para novos horizontes.

Pedagoga e Diretora
Casa da Criança Jaguari

Sim, os bebês pesquisam!

Aqui na CC Jaguari, atendemos bebês e crianças de 6 meses a 5 anos, compreendendo a creche e pré-escola. Acreditamos na potência de cada criança e bebê.

As professoras dos berçários, buscam nas sutilezas do dia a dia, garantir espaços e vivências que agreguem a vida de cada pequenino, possibilidades de experienciar o mundo. O cuidar é permeado pelo carinho, respeito e conexão destes bebês com a natureza e suas possibilidades.

Contextos são pensados, a fim de promover uma imersão com diferentes formas de arte e expressão. Eles demonstram a cada nova investigação a curiosidade, atenção, empatia, felicidade e envolvimento.

Felicidade, não é algo superficial, não é apenas um processo de sorrir. Felicidade é um estado de consciência humana, diretamente ligada ao prazer de estar, de perceber-se pertencente e querido em um espaço.

Quando referimos que a natureza somos nós, buscamos garantir que nossos bebês absorvam este espaço escolar, como uma extensão de suas vidas, uma extensão de pessoas que os amam e que intencionam sobretudo a felicidade de cada um. Quando por exemplo, as professoras pensam em contextos que permitem o toque, o olhar, o ouvir e o experienciar de forma profunda, garantimos um ambiente potente, ético e inspirador.



Bebês do Berçário 1, explorando o espaço externo, ao encontro de elementos da natureza.



Sentir sem pressa. Sentir para tocar a alma e construir memórias



As crianças de hoje, não são o futuro da humanidade. Elas são o presente vivo! Cuidar, zelar e amar, são processos legítimos de uma educação participativa e que considera a ancestralidade de um planeta belo e potente.



Pintura de elementos naturais(vagens das árvores do parque).
“Primeiramente colhemos vagens e distribuimos potinhos de material reciclável, para os bebês guardarem.

Organizamos o gramado com papelão, pincéis, pintura a dedo e solicitamos aos bebês disporem sobre o papelão as vagens. Em seguida observamos a interação deles com o contexto.

Professoras: Luciane, Lúcia, Cássia, Elisangela e Tânia.



Observação e cuidados com a jabuticabeira.

Levamos os bebês para regar os vasos de jabuticabeira e observar a floração e os primeiros frutos. Para isso utilizamos garrafinhas com perfurações na tampa como regadores e também lupas com lentes coloridas para os bebês verem as flores e frutos com outras nuances.

Professoras: Luciane, Lúcia, Cássia, Elisangela e Tânia.

Eles são “piticos”, mas grandes pesquisadores!

Iniciamos o ano de 2025, planejando e refletindo sobre como verdadeiramente agregar pesquisa, às práticas pedagógicas cotidianas, e transpor o “conteúdo”, para os campos de experiência de forma significativa.

Observamos diversas possibilidades e também certas limitações, impostas pelo cotidiano acelerado da creche. A grande questão seria por onde começar? Quais pesquisas engajar com as crianças e como fazer com que estas seguissem um “curso” autoral, ou seja, um curso personalizado pelas crianças.

A resposta não tínhamos, mas sabíamos que as crianças ao serem apresentadas as inspirações que a escola ofertava, poderiam indicar caminhos, curiosidades e empatias ao longo dos dias.

Entendemos que:

*“Contextos nascem da escuta sensível.
Possibilitam o diálogo com diferentes linguagens.
Envolvem materiais inteligentes: natural, científico, criativo e poético.
Possuem caráter interdisciplinar e transversal.
Permitem aprender com o olhar do outro, atribuir novos significados, (re)elaborar saberes.”(pág.157. Do projetar o contexto investigativo ao maravilhar-se: quais caminhos seguir? BORGES, Roberta, 2017. Pág.157.*



Vivência: Investigando a Goiabeira da escola: ...Organizamos um contexto sob o pé de goiaba da escola.

Muitas verbalizações espontâneas surgiram ao longo da vivência, como o Samuel e o Benjamin, que disseram: “Eu quero mais suco!”. Lara, ao observar a geleia, comentou: “Quero comer o que está no potinho!”.

Prof. Alessandra Furlan e Elisangela Ioti

Ao observar o minhocário, Heloise disse animada:

— “Nossa! Minhoca!”

Perguntei às crianças o que achavam que as minhocas faziam ali.

Diego respondeu que elas estavam dormindo porque estavam deitadas.

Já Letícia, fazendo um sorriso de estranheza, preferiu apenas observá-las de longe.

Profs. Regiane e Morgana: Maternal 1A



Ao montarmos nosso cartaz com elementos da natureza ,Isaack disse:"As folhas secas quebram tem que ser as folhas verdes".

Profs. Regiane e Morgana: Maternal 1A



Gael: **tem formiga andando nela!**

Brayan: o vento balança a árvore!

Noemi: a borboleta voou nela!

Helena M: o galho é duro!

Theo: essa amora é vermelha e preta!

Helena P: a amora tem gosto de uva!

Maria Esther: é preta e docinha!

Gabriel: quando a gente come a amora, o dente, a boca e a língua ficam vermelho!

Laura: ela é preta!

Sarah: essa amora parece um coração!

Registros da Prof^o. Elaine Zambretti

O cotidiano na escola de Educação Infantil é um palco de possibilidades.

Para que essas possibilidades ganhem vida, é preciso o olhar de pesquisador das educadoras.

A educadora, precisa também dessa perspectiva da curiosidade, do querer saber, entender e compreender a lógica das coisas e dos seres.



Encontramos um ninho de passarinhos caído no chão.

O Antônio disse que o vento derrubou.

O Henri perguntou: - *O ovinho quebrou ?*

Perguntei: - *Será???*

A Ketlylin disse: *Eu acho que voou.*

E agora o que faremos? - Perguntei.

Coloca na árvore . - disse o Antônio.

Professora Lucimara- MIC



Benício: *As folhas estão secas porque está muito sol.*

Professora: *O que podemos fazer com a goiaba?*

Noah Teixeira: *professora pode comer, mas a minha mãe faz suco.*

Fala do Noah Teixeira: *porque parou a chuva? Nossa goiabeira tá com sede.*

Prof^{os}. Selma e Simone: *Maternal 2B*



Olívia: *Pro eu não sabia que conseguia fazer tinta com amora!*

Leire: *Pro olha a lagarta que encontramos, ela vai virar borboleta?*

Gabriel: *Esse chá é delicioso, nunca tomei chá de amora, vou falar para minha mãe*
Registros Prof^o. Sabrina e Sirlei
MIIA



Planejar as vivências e pensar nos espaços é essencial para garantir uma exploração completa e significativa.

Entender que o fluxo dessa intervenção pode fruir de diversas formas, é o que torna verdadeira a pesquisa.

Para além da organização da professora, vemos a curiosidade das crianças e o movimento de seus corpos, em buscar constantemente novas possibilidades.

A relação entre os pares, as interações improváveis, lapidam a intimidade de um grupo e a intenção das professoras.

Não há certo ou errado, apenas processos que devem ser documentados e que possibilitam traçar novas intenções de trabalho.

Profs. Gislene e Rose- MMA



As amoras... de mãos marcadas e bocas que saboreiam. De marcas físicas a memórias eternas.

Imagens realizadas pela Profa. Inocência MIC

*“O que nossas crianças aprendem desde cedo, é a colocar o coração no ritmo da Terra”
(in: Futuro Ancestral, Krenak)*

A pré escola: sobre aprendizagens significativas e escutas afetivas

Na pré- escola, ainda as crianças são pequenas, ok!?

São crianças de quatro e cinco anos, empoderadas de seus corpos, desejos e curiosidades.

Como essa unidade escolar, é uma Casa da Criança, e no geral, as crianças vem desde o berçário, em sua jornada educacional, por muitas vezes, ouvimos que elas agora já “são grandes”! Fato é, que são maiores que antes, mas ainda pequenas em idade. Ainda precisam de um colinho e sobretudo, de vivências pedagógicas significativas, que agreguem amplitude nos conhecimentos já adquiridos e consolidem aprendizagens que colaborem para um olhar mais sensível para o planeta e humanidade.

Garantir momentos de fala são essenciais nessa etapa. As crianças precisam posicionar-se sobre suas visões de mundo, e através da mediação da professora, perceberem as diferenças culturais, históricas e sociais de seus pares. Quando pensamos na escola, como um espaço de ancestralidade por exemplo, oportunizamos às crianças, vivências e pesquisas que agregam significado no seu dia-a-dia.

A arte, integrada a natureza, a terra, a água e tantos outros elementos, fomentam momentos heurísticos de qualidade, conectados ao ambiente.

Quando uma criança, olha para uma folha da árvore, um tronco, para o céu, para o solo e percebe por exemplo, que estão “tristes”, porque não chove, ela nos informa que já consolidou saberes de cuidado, de sensibilidade e criticidade.

No cotidiano de nossa escola, encontramos diariamente, momentos potentes, com falas sensíveis e poéticas, que tocam a alma.

Na Educação Infantil, é preciso criar oportunidades para que as crianças entrem em contato com outros grupos sociais e culturais, outros modos de vida, diferentes atitudes, técnicas e rituais de cuidados pessoais e do grupo, costumes, celebrações e narrativas. Nessas experiências, elas podem ampliar o modo de perceber a si mesmas e ao outro, valorizar sua identidade, respeitar os outros e reconhecer as diferenças que nos constituem como seres humanos. BNCC. Cap. Campos de Experiência

“A interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças. Ao observar as interações e a brincadeira entre as crianças e delas com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções.” BNCC. Cap. A Educação Infantil no contexto da Educação Básica

Perceber-se na natureza, é olhar cotidianamente para as árvores, para as flores, para os nossos. A professora planeja possibilidades desses olhares, as crianças se nutrem destas possibilidades.



Hércules: *A primavera não tem igual as outras.* (Referindo-se a vagem do Ipê Amarelo e da Flor-de-são-joão)
Profa: *E onde será que elas ficam?*
Emanuel: *não sei, mas essa tem espinho.*

Registros da Prof^o. Marilise NIID



Rafael: *O que é isso?*

Profa: *O que vcs acham?*

Hércules: ***Eu sei, guardador de sementes.***

“As crianças têm a capacidade de ver para além da função imediata e pragmática das coisas, pessoas, objetos, animais...elas conseguem mais do que ver, elas vão além...elas possuem a capacidade de transver o mundo!” RIBEIRO.

“Pedagogia das Miudezas: saberes necessários para uma Pedagogia que escuta”2018. pág. 155



Dentre as mudanças que o grupo de educadoras achavam importante no espaço escolar, estava a naturalização gradativa de nosso parque e área verde.

A escola vem construindo no seu tempo e possibilidades, espaços que possam acolher todas as crianças em sua integralidade.

Luiza "A nossa árvore é legal, porque dá pra subir nela"

Laura Menezes "Gosto de subir na árvore da turma".

Vinicius e Laura M ao pegar a folha: "tem cheiro de mel"

Laura Cruz. "As folhas são grudentas". Trouxe minha mãe e meu pai para ver a folha que é grudenta"

Helena: "Tem cheiro bom".

Benicio - Essa árvore é muito legal dá para subir nela!

Turma NID- Professora Priscila



Experenciarm a areia do parque da escola é olhar para um elemento potente da natureza. As crianças foram apresentadas a um contexto com água, folhas, pedrinhas e gravetos na areia do parque. Com essa vivência a imaginação e a criatividade foram estimuladas junto com o contato com a natureza. Algumas crianças criaram "comidinhas", outras montaram um pequeno castelo e teve até um pequeno rio. Durante esse momento brincaram em harmonia e demonstrando grande entusiasmo.

Relato da Prof^o. Hérica- NIA

A seguir, poderemos observar os registros da professora Renata, do Nível 2, onde descreve uma parte da pesquisa de suas crianças:

PINTURA AROEIRA/PIMENTA ROSA:

Após a exploração da nossa árvore da escola, a Aroeira/Pimenta-Rosa, que despertou tanto interesse nas crianças, ampliamos o conhecimento com curiosidades sobre ela e, por meio de observações diárias, realizamos a pintura utilizando tintas naturais para a exposição na Festa da Família.

As trocas de experiências foram fundamentais para definirmos as cores que utilizaríamos em nossas produções.

As crianças participaram de vivências sensoriais com cores naturais e materiais disponíveis na escola, como água, terra, pó de café, colorau, guache e outros elementos.

As vivências aconteceram em pequenos grupos, o que favoreceu a participação, a troca de ideias e a exploração mais significativa dos materiais.

As crianças mostraram-se muito curiosas e interessadas, experimentando misturas, observando mudanças de cores, texturas e transformações dos elementos.

Foi uma experiência rica em descobertas, que despertou encantamento, criatividade e pensamento investigativo.

Realizamos experimentos com diversos materiais para decidirmos quais cores seriam utilizadas na pintura. Usamos lápis de cor, giz de cera, canetinhas, tinta guache e também fabricamos tintas a partir da natureza, explorando a terra, couve-flor, beterraba, pó de café e colorau.

Foi encantador observar o envolvimento de todos, especialmente com a descoberta das tonalidades que a beterraba proporcionava. Inicialmente, a proposta era que ela fosse usada apenas em detalhes, fazendo a pimenta rosa, mas o entusiasmo foi tão grande que algumas crianças decidiram ampliar a experiência, aplicando a tinta com cotonetes e querendo preencher todo o quadro.

Durante esse percurso, surgiram falas espontâneas que traduziram o encantamento do grupo:

- *"Tanto trabalho para pintar só um pouquinho? Tem que aproveitar!"
Maria Alice, 5 anos*
- *"Eu prefiro fazer com pó de café... vai ficar cheiroso!" Valentina F., 5 anos*
- *"Esse aqui é aquele que nós vimos dos indígenas que pintam a pele?
(colorau)" Gabriela, 5 anos*
- *"Eu já comi beterraba, eu gosto!" Miguel, 5 anos*
- *"Essa terra tem minhoca?" Laura, 5 anos*
- *"Avisa o Gustavo que a Renata vai ligar o liquidificador! (devido ao barulho. O cuidado da criança com o amigo sensível ao som!) Maria Alice, 5 anos*

Essa vivência foi marcada pela curiosidade, pelo prazer em experimentar e pela valorização das descobertas coletivas, dando ainda mais significado à produção artística.

A diversidade das pinturas chamou a atenção pois cada criança produziu com o seu olhar, expressando suas escolhas e descobertas de forma única.



Registrar é preciso...

“A documentação pedagógica fica potencializada quando há trabalhos em pequenos grupos com as crianças. Há de se ter cuidado no planejamento das ações. Há de se criar a cultura de trabalhos em grupos em nossas escolas.”

“Um novo olhar para a infância: a documentação pedagógica - instrumento de avaliação, para além do livro da vida, dos portfólios e dos boletins. págs: 40/41 NEPP/UNICAMP. 2022.

A pesquisa exige espaços de escuta de qualidade, onde todas as crianças possam ter garantidos, seus direitos de fala e diversas outras formas de linguagem. Na imagem, crianças do Nível IIA, realizando seus registros através do desenho, da árvores escolhida para estudo e aprofundamento.



Segue, outro relato bastante potente, em relação às crianças de quatro anos do Nível 1, professora Gislaine. As vivências e pesquisas, possuem como base artística de inspiração as obras de Krenak e Krajcberg..

“Iniciamos a pesquisa e sentamos muitas vezes para conversar sobre o mesma. Não foi fácil a escolha da nossa árvore, mas através de votação, o vencedor foi um ipê.”

Profa. Gislaine, NIB



Observamos e aprendemos muitas coisas sobre ele e esperamos por suas flores...

Algumas crianças questionaram:

“_Pro, cadê as flores do nosso ipê?”(Miguel Hiroki)

“_Quando vai nascer a flor”? (Heloise)

“_Que cor é o nosso ipê?” (Miguel Alves)

Durante todo o semestre, as crianças observaram a “nossa árvore” e outras também, coletaram elementos da natureza, desenharam, pintaram, criaram...



Neste processo, houveram diversas etapas construídas junto com as crianças.

- Coleta e seleção de elementos da natureza.
- Pintura com elementos naturais (terra, colorau, café, açafreão).
- Releitura de obra de arte “Ipê Rosa”. - artista Priscila Rodrigues.
- Registro “Nossa Árvore”.





Observamos aqui, a pesquisa em campo, de materiais da natureza possíveis de compor novas propostas artísticas.

Turma NIIC- Professora Meire



As estações do ano e a percepção das crianças com as mudanças climáticas:

“Estamos trabalhando a primavera...então fizemos uma busca pela escola, observando além das árvores, as flores, que nesse período estão mais coloridas.

Pedro observava o chão e quando cheguei perto vi que havia umas pequenas florzinhas ainda meio verdes que se misturavam a grama.”

“Prô as flores nasceram no chão” disse Pedro.

Turma NIC- Profº. Vanessa



Considerações finais

O movimento contínuo de uma proposta educacional potente e significativa, se faz diariamente.

Esperamos neste artigo, ter demonstrado um pouco de alguns processos de pesquisa e aprendizagens de nossas crianças. Avaliamos que o percurso será bastante longo. Como sempre, referimos às nossas professoras que não se trata de um modismo, repensar as práticas educacionais. Educação é ciência que acompanha a evolução e desenvolvimento de todo o mundo. Nossas crianças e bebês, compõem uma geração onde a tecnologia, por si só, por vezes pode ser confundida como “educação moderna”.

Por aqui, entendemos que a tecnologia agrega muito aos processos educacionais, entretanto as relações, interações, brincadeiras e acolhimentos diários, são processos genuínos da escola de educação infantil, e portanto, não podemos abrir mão dos princípios básicos, constituídos inclusive na Base Nacional Comum Curricular.

Brincar, experienciar, analisar e tornar sentido às coisas e situações é base para as diversas intervenções e intenções de trabalho na Educação Infantil.

“A pesquisa representa uma das dimensões de vida essenciais das crianças e dos adultos, uma tensão cognitiva que é reconhecida e valorizada. A pesquisa participada entre adultos e crianças é prioritariamente uma das práxis do cotidiano, um comportamento existencial e ético necessário para interpretar a complexidade do mundo, dos fenômenos, dos sistemas de convivência e é um potente instrumento de renovação na educação”.

Regimento Escolas e Creches para a Infância da cidade de Reggio Emilia, 2013

Por fim, a cada novo dia, novas práticas, novas intenções. Os olhares e escutas sensíveis devem se fazer presentes sempre, diariamente.

A ancestralidade desta escola é percebida quando acolhemos as experiências de vida de cada criança, família e educador.

Esperamos construir memórias verdadeiramente significativas, capazes de promover o protagonismo positivo das nossas crianças e bebês.

Equipe Gestora da Casa da Criança Jaguari
Setembro de 2025.

Bibliografia

1. BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.
2. Do projetar o contexto investigativo ao maravilhar-se: quais caminhos seguir? / Ana Teresa G. A. M. Mariotti, Valéria C. B. Cantelli, Roberto Pereira, organização ; Roberta Rocha Borges, coordenação. -- 1. ed. -- Campinas, SP : 148 Educação, 2017.
3. Krenak, Ailton. Futuro Ancestral. Companhia das Letras. 2022.
4. Ribeiro, Bruna. Pedagogia das Miudezas: saberes necessários para uma Pedagogia que escuta. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.
5. Um novo olhar para a infância: a documentação pedagógica - instrumento de avaliação, para além do livro da vida, dos portfólios e dos boletins/ Fundação FEAC, Universidade Estadual de Campinas, Núcleo de Estudos de Políticas Públicas, Programa de Estudos de Política Pública para a Educação Infantil. Campinas, SP.: FEAC/NEPP/UNICAMP, 2022. v. 5
6. Vecchi, Vea. Arte e Criatividade em Reggio Emilia: explorando o papel e a potencialidade do Ateliê na Educação da primeira infância. Vea Vecchi, tradução Thaís Helena Bonini. 1º ed. - São Paulo: Phorte 2017.



DO ATELIÊ AOS QUINTAIS: Sensações e Infinitudes

CRECHE MUNICIPAL CURIMÃ

Maria Aparecida Soler Cavalcanti- Diretora de creche
Eugênia Cezarin- Coordenadora Pedagógica

Introdução

Do Ateliê aos Quintais: Uma Jornada Poética pela Infância na Creche Curimã

A educação infantil é a base de toda a jornada de aprendizagem de um ser humano. É nesse período que a criança constrói sua identidade, desenvolve sua autonomia e aprende a se relacionar com o mundo. Na Creche Curimã, localizada em Americana, essa premissa é levada a sério. Atendendo 91 crianças de 4 meses a 4 anos, a instituição se alinha à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), promovendo metodologias ativas e o desenvolvimento de competências essenciais como a empatia, a cooperação e o pensamento crítico. Na Curimã, a teoria ganha vida de uma forma especial: através da integração entre os **ateliês** e os **quintais**. O projeto **“Do Ateliê aos Quintais, Sensações e Infinitudes”** não é apenas um nome; é uma filosofia que reconhece a infância como um tempo potente, criativo e digno de escuta.

Aqui, o brincar, a investigação e a relação com o espaço não são apenas atividades, mas sim os pilares fundamentais da aprendizagem. A criança é vista como um sujeito potente, criador e protagonista de suas próprias descobertas. Os ateliês e os quintais se tornam extensões desse processo, oferecendo ambientes intencionalmente preparados para estimular a curiosidade e o pensamento criativo.



Ateliê e quintal como espaços de criação, aprendizagem, escuta e linguagem

Inspirada na abordagem pedagógica de Reggio Emilia, que reconhece as "cem linguagens" da criança, a Creche Curimã concebe seus ateliês como territórios de múltiplas expressões. A ideia de que "o espaço educa" é um princípio-chave, e por isso, cada ateliê é cuidadosamente planejado para ser um ambiente de convívio, experimentação e construção de sentidos. Mais do que um local para "ocupar o tempo", o ateliê é um convite para a investigação.

Nesses espaços, materiais diversos como tecidos, tintas, argila, elementos naturais e objetos recicláveis são disponibilizados de forma acessível e provocadora. A criança, mesmo antes da linguagem verbal estruturada, comunica-se intensamente através do corpo, do gesto e do brincar. A escuta se torna, então, uma prática essencial. Os educadores não seguem planos rígidos, mas se baseiam em observações sensíveis dos interesses infantis, adaptando o ambiente e as propostas para acolher as descobertas que surgem no cotidiano. O tempo da infância é respeitado, permitindo que a criança explore um mesmo material por vários dias, revisitando experiências e aprofundando suas investigações.

O ateliê não se limita à prática artística, mas se expande para se tornar um espaço de investigação e linguagem. É onde a criança tem a liberdade de explorar materiais e expressar seus pensamentos. É um ambiente onde o silêncio e o movimento coexistem, e onde as marcas da infância — desenhos nas paredes, coleções de pedras, rastros de barro — são valorizadas como sinais de uma presença ativa e em constante evolução.

O Quintal: Um Território de Descobertas e Liberdade

Se o ateliê é o coração da expressão, o quintal é o corpo da exploração. Mais do que uma área externa, o quintal da Creche Curimã é um território fundamental de descobertas, onde natureza, corpo, matéria, imaginação e convivência se entrelaçam. Concebido como uma extensão viva do ateliê, ele permite que a natureza se torne uma parceira pedagógica.



Vivências como banhos de mangueira, trilhas sensoriais, oficinas de pintura ao ar livre e a simples observação de folhas e sementes transformam o quintal em um lugar de encantamento, pesquisa e liberdade. A valorização desse espaço vivo e educativo reforça o compromisso com uma educação que respeita o tempo da infância. Em uma sociedade cada vez mais urbana, o contato com elementos naturais é crucial para ampliar a consciência ambiental e construir uma relação mais respeitosa com o planeta. Momentos no quintal também fortalecem o convívio e o cuidado mútuo. Situações espontâneas de cooperação, partilha e diálogo surgem naturalmente, sendo essenciais para a formação de sujeitos éticos e sensíveis.



A Criança como Protagonista e o Ambiente como Educador

A proposta pedagógica da Creche Curimã, ao integrar ateliês e quintais, representa uma tomada de posição que reconhece a criança pequena como um sujeito potente, capaz de expressar-se, investigar e transformar o espaço ao seu redor. Significa também reconhecer o ambiente como parte ativa do processo de aprendizagem e o educador como um mediador sensível e atento. O espaço comunica possibilidades, estimula escolhas e convida à participação ativa. Cada canto é uma provocação sensível, concebida com escuta, observação e intenção pedagógica.

Exemplos práticos ilustram a potência desses espaços. A descoberta de uma minhoca por um grupo de crianças de 3 anos no quintal se transforma em uma rica oportunidade de aprendizagem. A educadora, ao invés de interromper, sentou-se junto, escutou e registrou. Permitiu que a curiosidade genuína das crianças guiasse a experiência. Momentos como a observação de bichinhos de jardim e a construção de um “borboletário” demonstram como o espaço pode ser provocador de investigações reais e simbólicas. A beleza da experiência reside na escuta, na construção coletiva e no respeito à curiosidade infantil.



As falas das próprias crianças revelam a profundidade dessas descobertas:

- “Peguei esse galho para ser a escada da borboleta.” — **Gabriely, 4 anos**
- “Silêncio, a lagarta quer dormir.” — **Rebeca, 3 anos**
- “Eu acho que a lagarta come folha e semente.” — **Eva, 4 anos**

Essas falas mostram como as crianças se apropriam dos espaços e constroem suas próprias narrativas e explicações, demonstrando um envolvimento profundo e uma capacidade de observação aguçada.

O quintal é o espaço onde a criança pode correr, subir, se esconder, observar e experimentar o mundo com todos os sentidos, construindo vínculos e exercitando sua autonomia em um ambiente seguro e acolhedor.

Conclusão: O Currículo que Flui da Infância

A jornada da Creche Curimã, do ateliê aos quintais, é a materialização de um currículo vivo, que se constrói e se reconstrói a cada dia, a partir das mãos e das vozes das crianças. Ao escutarmos as centenas de linguagens da infância, percebemos que a aprendizagem não é uma linha reta, mas uma dança poética entre o fazer, o sentir e o refletir. Os ateliês e quintais não são apenas ambientes físicos; são territórios de acolhimento e presença, que se transformam com as marcas da infância e se enriquecem com a sua imprevisibilidade.

Nossa proposta pedagógica tem se fortalecido a cada dia. Pudemos perceber que as crianças estão mais atentas e criativas, explorando com mais profundidade cada canto e cada elemento. O quintal, antes um simples espaço de recreação, agora é um laboratório de descobertas e um palco para a imaginação. O ateliê, um convite à expressão e à sensibilidade. O currículo deixou de ser um documento estático para se tornar um rio que flui, moldado pela curiosidade e pela participação ativa de cada criança. Do ateliê aos quintais, a Creche Curimã reafirma que a educação é um ato de amor, respeito e confiança na potência da infância.



Referências Bibliográficas:

- GANDINI, Lella. O ambiente como terceiro educador. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Penso, 2016.
- MALAGUZZI, Loris. As cem linguagens da criança. Reggio Emilia: Reggio Children, 1993.
- RINALDI, Carla. Educar para além do óbvio: uma pedagogia da escuta. São Paulo: Autêntica, 2012.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília: MEC, 2017.

A Arte e o Mundo

Equipe EMEI Tangará - “Natureza e Artes”

Maria do Carmo Justi Fukamatsu - Professora Coordenadora

Victor Hugo Watanabe de Mariz - Pedagogo



“Nós devemos no Brasil acabar com o orgulho de fazer uma arte para meia dúzia, o artista deve educar o povo, mostrando-se acessível a esse público, que tem medo da arte por ignorância, pela ausência de uma informação artística que deve começar nos cursos primários.” (Portinari, Carta, 1930)

1. Introdução: Natureza em Forma de Artes.

A arte é uma forma essencial de expressão e desenvolvimento na infância, englobando diversas linguagens da criança defendidas por Loris Malaguzzi. Na educação infantil no município de Americana, a arte sempre permeou as vivências das crianças, sendo sistematizada com o passar dos anos conforme a concepção de educação infantil era mudada.

Visando ampliar o contato das crianças com as diferentes formas de artes com qualidade, o projeto Natureza e Artes foi elaborado na EMEI Tangará, visando trabalhar os artistas brasileiros na Educação Infantil, permitindo que as crianças conheçam a riqueza cultural do país e desenvolvam um olhar sensível para a arte desde cedo, alinhando também as investigações de seus interesses sobre a natureza. O projeto Artes e Natureza também foi uma forma de articular as aulas de Educação Musical e Educação Ambiental que já eram realizadas na escola.

2. Desenvolvimento: A Arte, o Artista, e a Cidade

O projeto inicia com a organização dos espaços da escola, expondo as obras do artista para que as crianças tivessem referência visual das artes. Foram apresentadas as obras do artista Cândido Portinari.

Com o interesse das crianças após a apreciação das obras de arte, surgiu a pesquisa sobre o artista por trás daquelas pinturas. Com a mediação das professoras, as crianças buscaram informações sobre a vida de Cândido Portinari, encontrando sua biografia, e fazendo um paralelo entre a vida do artista e a vida das crianças.

Nesse ponto, entram dois fatores importantíssimos para o desenvolvimento do projeto, que mudou a trajetória da pesquisa com as crianças: a cidade onde Portinari cresceu, Brodowski, e sua residência em uma fazenda de café.

Essas informações se interligam com a realidade das crianças de maneira inesperada: o município de Brodowski foi atrelado com o município de Americana, que em 2025 completou 150 anos. E a fazenda de café se atrelou com a natureza: a natureza na escola, por meio de um pé de café encontrado no nosso jardim, e a natureza na nossa cidade, nos espaços públicos.

A pesquisa toma um novo rumo: onde encontrar a arte e a natureza na nossa cidade?



Visita ao Parque Ecológico



Visita a Praça Comendador Müller

*“A fonte faz um arco-íris no chão!” - **Laura, 5 anos.***



Visita à Basílica de Santo Antônio

2.1. O café da fazenda e o café da escola

Um dos momentos mais simbólicos do desenvolvimento do projeto foi quando o pé de café do jardim da escola foi relacionado com a plantação de café da fazenda onde Portinari cresceu.

A pesquisa então seguiu para um estudo sobre o café: a exploração da planta, do grão, do pó e da bebida. A arte e a natureza se conectam de forma inesperada, mas coerente, durante a trajetória das crianças.





“Eu achava que era só colocar o grão na água, que virava café!”- Elisa, 4 anos

2.2. Um trabalho conjunto com especialistas

Junto com os trabalhos de investigação sobre Cândido Portinari e a exploração da cidade, acontecem também as aulas de arte e música, com auxílio do músico profissional Professor Shauan e Professor Fagner da Horta da Lelê, com investigações dos sons da natureza, cores da natureza, tintas naturais e pinturas de observação da natureza.



Pintura com tintas naturais na Praça das Nações e Investigação de sons da natureza com o Professor Shauan

3. Conclusão: a natureza, a arte e a cidade são nossas!

O projeto Natureza e Artes conectou as crianças com o mundo para além do que foi pensado em sua concepção. As crianças puderam, ao longo do ano, explorar o município, os espaços públicos e seus 150 anos de história. Puderam também explorar a natureza, que nos permeia, que está nos parques, nas praças, na escola. E ver, em um pouco de tudo, as artes em suas diversas formas: literatura, arquitetura, música, dança, pintura...

Oportunizar para as crianças que a cidade e seus espaços a eles também pertencem foi o resultado mais importante do projeto. Mais do que aprender sobre a arte e sobre a natureza, as crianças aprenderam a viver nos espaços onde existe a arte e a natureza no cotidiano.



“A gente deitou no chão e olhou as pinturas no céu da igreja.” - Gabriel, 4 anos



“Fomos na biblioteca para a festa dos livros” - Bento, 4 anos.

4. Referências

- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: MEC, 2018.
- AMERICANA. Secretaria municipal de educação. Organizador Curricular da Educação Infantil. Americana - SP. 2020.
- AZEVEDO, Heloiza de Aquino. Candido Portinari: Filho do Brasil, Orgulho de Brodowski. Educação e Cia., Campinas - SP, 2003.
- PECCININI, Daisy. Pintura no Brasil: um olhar no século XX. Nobel, São Paulo, 2000.
- UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS – UNICAMP. Núcleo de Estudos de Políticas Públicas – NEPP. Novo Olhar para a Infância: O projeto educativo da educação infantil. Caderno 1, 2, 3, 4 e 5. Campinas: UNICAMP/NEPP, 2022.

Capítulo 5 **Música: essência, beleza e criação**

No Ateliê: quando a música se faz linguagem e beleza

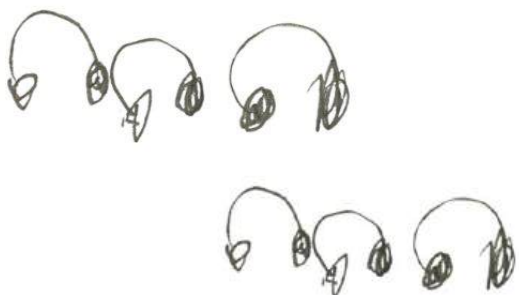
No ateliê, a música se revela como uma linguagem de beleza, capaz de envolver as crianças em um mundo que pulsa, vibra e ressoa dentro e fora delas. Antes de ser melodia, ritmo ou harmonia, a música é som — e o som é vida. Ele nos acompanha desde o primeiro instante de existência, quando um corpo ainda em formação já responde a vibrações, movimentos e pulsares. Sabe-se que a vida é sonora, e, portanto, a música é presença originária, familiar e profundamente humana.

Quando olhamos para a música sob essa perspectiva, compreendemos que musicalizar não é treinar, repetir ou padronizar respostas, mas abrir espaço para que as crianças se tornem sensíveis ao fenômeno sonoro e produzam, a partir dele, expressões singulares. No ateliê, essa sensibilidade encontra um campo fértil: um ambiente que acolhe sons, silêncios, gestos, movimentos e experimentações como material legítimo de criação. A música, ali, é arte viva, linguagem que se faz com o corpo inteiro.

A escola que reconhece a música como linguagem oferece às crianças espaços e tempos de escuta profunda — escuta das folhas secas no pátio, do canto dos pássaros, do eco no corredor, do som do próprio coração. Criam-se ambientes amplos, com poucos estímulos visuais, permitindo que o som ganhe protagonismo. Instrumentos simples, materiais naturais e objetos cotidianos tornam-se recursos para pesquisa sonora, constituindo um verdadeiro ateliê sonoro.

Nesse encontro, a música se apresenta como encantamento, pesquisa, movimento e apropriação. Encantamento, porque desperta emoção e curiosidade; pesquisa, porque convida à investigação dos sons; movimento, porque solicita o corpo; apropriação, porque pertence a todas as crianças, sem exceção. Quando o ambiente é acolhedor e intencional, a música se torna linguagem de expressão e liberdade, rompendo barreiras e ampliando as capacidades comunicativas de crianças e adultos.

Assim, no ateliê, a música deixa de ser apenas conteúdo e se torna experiência estética: uma arte que atravessa o cotidiano, costura sentidos e revela a beleza de um mundo que nunca deixa de vibrar.



Projetos

Canta Encanta Taraguá

Cantando e brincando

“A música é o vínculo que une a vida do espírito à vida dos sentidos”.

Ludwig van Beethoven

Danielle Antonioli - Diretora
Ariovaldo Copertino - Pedagogo
Equipe Docente - Casa da Criança Taraguá

A criança é feita de cem.

~~de cem maneiras, com linguagens diversas, não só ganham visibilidade com~~
de cem modos de escutar, de se

Loris Malaguzzi



“a minha família é linda”

Manuella 4 anos

Em tempos não muito distantes, a creche era vista por muitos como um simples depósito de crianças, um lugar de passagem onde os pequenos ficavam enquanto os pais trabalhavam. A sociedade, em sua maioria, enxergava a Educação Infantil sob uma lente assistencialista, subestimando seu papel.

Mas algo começou a mudar. Lentamente, uma nova percepção foi tomando forma, como uma semente germinando em solo fértil. As famílias passaram a ver a escola não apenas como um local de cuidado, mas como um verdadeiro santuário de aprendizagem, um espaço de socialização e de desenvolvimento integral.

Essa transformação não foi fruto do acaso. Por trás dela, havia um trabalho dedicado e constante. A equipe pedagógica da escola se uniu em um esforço de comunicação, abrindo as portas do seu mundo para a comunidade. Reuniões de pais, palestras e projetos colaborativos se tornaram pontes que conectavam a escola e a casa. Através de canais online, a escola começou a narrar a sua verdadeira história, mostrando o real significado da Educação Infantil.

Foi assim que as famílias descobriram que a proposta pedagógica ia muito além do cuidado básico. Ela oferecia um ambiente onde a curiosidade era celebrada, a imaginação cultivada e o conhecimento era construído de forma significativa. As crianças não apenas brincavam; elas se tornaram pequenos pesquisadores, experimentando, questionando e criando. Cada risada, cada descoberta e cada pergunta se transformavam em uma oportunidade de aprender. E esse aprendizado se tornava visível nos olhos que brilhavam de curiosidade, nos gestos seguros e nas palavras que, aos poucos, ganhavam sentido e profundidade.



Os sons da natureza inspiram a arte

Partindo da curiosidade das crianças, em um momento de escuta docente, nasce o projeto Canta e Encanta Taraguá. Esse projeto fez da escola uma verdadeira sinfonia de aprendizagem, onde cada nota — a arte, a ciência, a natureza e a matemática — se une para criar uma experiência rica e harmoniosa. Um espaço vibrante onde:

- A música dá o tom da descoberta: A criação desse ambiente é como a composição de uma nova melodia, com cada elemento cuidadosamente orquestrado para convidar à investigação e à criatividade.
- As crianças são os solistas: Elas não são apenas ouvintes passivas, mas protagonistas que "desenham, constroem, cantam, medem, experimentam e narram", usando suas próprias vozes para expressar e dar sentido ao mundo.
- A participação é o refrão: O mais bonito é a forma como a colaboração entre a equipe, as famílias e, especialmente, as crianças, compõe a essência desse lugar. É um coro de vozes que, em união, deram forma a esse sonho.

Um verdadeiro palco onde as infâncias se expressam em múltiplas linguagens, mostrando que a aprendizagem, assim como a música, é um ato de criação, colaboração e encantamento.



No compasso de um sonho, nasceu uma sinfonia de aprendizado. O espaço, antes apenas um lugar físico, começou a ser visto como um maestro invisível, um terceiro educador que, com sua presença, instiga, acolhe e inspira. Além disso, os materiais ofertados de acordo com as intenções de cada proposta enriqueceram os momentos de exploração, trazendo alegria e descobertas por meio da manipulação. Instrumentos, tecidos, sucatas se transformaram em materiais sonoros que conduziram as crianças nas pesquisas.

Assim, a escola se tornou um convite diário para a improvisação, onde a curiosidade é a batida que guia a melodia, a imaginação é o ritmo que inspira a dança e a invenção é a grande composição que celebra o aprendizado.



Nessa nova partitura, a arte, a natureza, a ciência e a matemática não são mais instrumentos isolados, tocando cada um sua própria melodia. Elas se unem em uma orquestra de saberes, onde diálogos contínuos e harmonias inesperadas dão o tom da descoberta. As múltiplas linguagens, por sua vez, são as notas musicais que permitem a cada criança criar sua própria canção, expressando o que sente, pensa e imagina. As crianças são expostas a vários tipos de instrumentos, estruturados ou não, de acordo com o interesse que a professora aferiu durante a escuta nas experiências de vivências anteriores e uma vez por semana reunimos todas as salas no pátio para uma vivência musical em grupo.



E no centro de tudo, uma certeza que nos move: a criança é o hoje. Inteira em sua capacidade de imaginar, criar e reinventar o mundo, agora. Ela não é um rascunho do amanhã, mas a própria poesia do presente, a força que nos lembra que a transformação começa em cada pequena descoberta e em cada grande sonho.



Referências Bibliográficas

- FOCHI, Paulo. Infâncias e pedagogias: diálogos com as pedagogias participativas. Porto Alegre: Penso, 2021.
- MALAGUZZI, Loris. As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Penso, 1999.
- GANDINI, Lella; EDWARDS, Carolyn; FORMAN, George (orgs.). As cem linguagens da criança: a experiência de Reggio Emilia em transformação. Porto Alegre: Penso, 2016.
- VECCHI, Vea. Arte e criatividade em Reggio Emilia: o papel do ateliê na educação infantil. Porto Alegre: Penso, 2017.
- GANDINI, Lella; HILL, Lynn T.; CADWELL, Louise; SCHWALL, Charles (orgs.). O papel do ateliê na educação infantil: a inspiração de Reggio Emilia. Porto Alegre: Penso, 2012.
- UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS – UNICAMP. Núcleo de Estudos de Políticas Públicas – NEPP. Novo Olhar para a Infância: O projeto educativo da educação infantil. Caderno 1. Campinas: UNICAMP/NEPP, 2022.
- UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS – UNICAMP. Núcleo de Estudos de Políticas Públicas – NEPP. Novo Olhar para a Infância: A pesquisa na escola e o professor pesquisador. Caderno 2. Campinas: UNICAMP/NEPP, 2022.
- UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS – UNICAMP. Núcleo de Estudos de Políticas Públicas – NEPP. Novo Olhar para a Infância: A organização dos ambientes da escola de educação infantil: um diálogo entre a pedagogia e a arquitetura. Caderno 3. Campinas: UNICAMP/NEPP, 2022.
- UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS – UNICAMP. Núcleo de Estudos de Políticas Públicas – NEPP. Novo Olhar para a Infância: As cem linguagens da criança, a cultura e a arte. Caderno 4. Campinas: UNICAMP/NEPP, 2022.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Educação Infantil. Brasília: Ministério da Educação, 2017.
- SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO – AMERICANA/SP. Organizador Curricular – Educação Infantil. Americana: SME, janeiro de 2020.

A música para além da audição

Equipe da Casa da Criança Aracy - Cantos e Encantos
Marilsa Barrientos da Silva - Diretora de Educação Básica
Victor Hugo Watanabe de Mariz - Pedagogo



“No princípio, podemos supor, era o silêncio. Havia silêncio porque não havia movimento e, portanto, nenhuma vibração podia agitar o ar – um fenômeno de fundamental importância na produção do som. A criação do mundo, seja qual for a forma que ocorreu, deve ter sido acompanhada de movimento e, portanto, de som”
(Karóly, 1990, p. 5)

1. Introdução: A música e a educação infantil



O *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa - Michaelis* define o verbete “música” como: “Arte de expressar ideias por meio de **sons**, de forma melódica e conforme certas regras”. Já o verbete “som” é definido como “Fenômeno acústico que consiste na vibração que se propaga num meio elástico, capaz de ser percebida pelo sentido da audição.”

A infância sempre foi permeada pela música. O gênero musical “infantil” existe mundialmente, e no Brasil, está atrelado à cultura e à tradição popular, sendo as cantigas infantis passadas de geração a geração pelos séculos da história brasileira. Grande parte do repertório do Cancioneiro Popular Brasileiro é formado pelas cantigas infantis, que foram ensinadas e reproduzidas nas escolas, nas creches, e nas famílias.

Dentro da tradição da Educação Infantil, a música vem representada através das cantigas, das Rodas Musicais, das “Bandinhas” de instrumentos musicais. Mas e além disso?

O projeto “Cantos e Encantos”, desenvolvido pela Casa da Criança Aracy, surgiu com a proposta de investigar com as crianças a música para além do já tradicional da educação infantil. Estudar a música através da definição de John Cage: “*Música é sons, sons à nossa volta, quer estejamos dentro ou fora de salas de concerto*”(1991, p.120).

Investigar a música que nos cerca, *produzir* som e música e ampliar um repertório de canções de qualidade para além da tradição infantil: essa foi a linha de desenvolvimento trilhada durante o período do projeto, que devido ao grande envolvimento dos grupos da Creche e EMEI, foi aderido em caráter permanente, com encontros e vivências acontecendo durante todo o ano.

2. Desenvolvimento: do som a música

O início da investigação em algumas turmas partiu da exploração dos sons produzidos pelos elementos naturais que estavam organizados dentro das salas de referência, e despertaram o interesse das crianças pelos ruídos que emitem ao serem manipulados.



*“Prô, tem barulho crocante!” -
Arianne, 5 anos*

A partir dessa sensibilização inicial com as folhas, as crianças iniciaram a exploração dos sons: escutar os sons da natureza no quintal e no parque da escola.

Em outras turmas, os contextos envolvendo materiais e instrumentos musicais dentro da sala de referência instigou o interesse das crianças na música e nos sons produzidos. A partir disso, essas turmas convidaram familiares das crianças para apresentar alguns instrumentos.



Crianças escutando os sons do quintal da escola



Visita do sanfoneiro à creche da Casa da Criança Aracy.

Diante do crescente interesse das crianças, a escola oportunizou mais momentos relacionados à musicalidade e aos sons com as crianças. Do som e da música, naturalmente o interesse se desenvolveu para outras formas de expressão artística.

2.1. Meu som, meu corpo e meu movimento

Outra percepção importante despertada nas crianças foi a de que eles também produzem sons, e portanto, podem produzir música: tocando instrumentos, tocando em objetos de diferentes maneiras, batendo palmas...

Em alguns grupos, essa percepção levou à estruturação de um espaço voltado à música na sala de referência. Em outros, houve a ampliação do uso do espaço musical já existente.



Crianças tocam instrumentos reais no espaço musical da Sala de Referência

Outras instalações sonoras na escola foram organizadas por algumas turmas nos espaços coletivos como no pátio, mostrando elementos naturais ou reciclados que as crianças poderiam manusear para produzir



Música e dança caminham juntas na história da educação infantil e do cancionero popular. Nas rodas de música pelas escolas, muitas canções são acompanhadas de movimentos do corpo, numa espécie simplificada de dança e encenação.

O projeto Cantos e Encantos foi pensado pelas professoras com vivências musicais que ampliassem a experiência musical das crianças para além do tradicional, com músicas de qualidade, explorando o som que nos cerca, os instrumentos, e claro, o som produzido no corpo e o movimento que a música nos proporciona, a dança.

Isso gerou um estudo sobre o corpo e sua capacidade de movimento e de produzir sons.



*"Quando a gente ouve uma música, o estômago se mexe e dá vontade de dançar!" - **Heloísa, 5 anos.***



2.2. A música como arte na comunidade escolar

O desenvolvimento do projeto segue como prática que se amplia diante do interesse e percepções das crianças. Algumas turmas partilharam em seus lares suas vivências musicais provocadas no projeto Cantos e Encantos, começam a investigar a música em seus lares, envolvendo suas famílias e comunidade.

A exemplo, algumas crianças pediram ajuda para suas famílias para produzirem instrumentos musicais com materiais recicláveis, mesmo sem orientação da professora para tal.

Com isso, as crianças passam a produzir cultura e conhecimento em suas casas e com suas comunidades, superando o projeto proposto no ambiente escolar e atuando no mundo.

3. Conclusão: a música em ampliação

O projeto Cantos e Encantos foi pensado visando um produto final: um sarau musical apresentado pelas crianças para a comunidade escolar, com a data de 19 de novembro de 2025.

Porém, para além de um produto final isolado, acreditamos que a mudança cultural que produzimos na escola, quando ampliamos a qualidade da experiência musical ofertada para as crianças, saindo das práticas tradicionais e simplificadas, impactou positivamente o desenvolvimento das diversas habilidades das crianças em suas vidas.

Acreditamos que o projeto ampliou, com suas vivências, o senso crítico e a sensibilidade das crianças, através das explorações musicais, ambientais, e de movimento.



4. Referências

- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília - DF: MEC, 2018.
- AMERICANA. Secretaria municipal de educação. Organizador Curricular da Educação Infantil. Americana - SP. 2020.
- BRITO. Teca Alencar de. Música na Educação Infantil: propostas para a formação integral da criança. Peirópolis, São Paulo - SP. 2003.
- UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS – UNICAMP. Núcleo de Estudos de Políticas Públicas – NEPP. Novo Olhar para a Infância: O projeto educativo da educação infantil. Caderno 1, 2, 3, 4 e 5. Campinas: UNICAMP/NEPP. 2022.

Projeto educativo “Canta Curió”

Autores:

Maria Aparecida Antoniassi Beraldo - Diretora

Roberta Pacheco Pivetta - Pedagoga

Yara Máximo de Sena - Professora

“Sonho que se sonha só,
é só um sonho que sonha só,
mas sonho que se sonha junto vira realidade.”

— Raul Seixas



Introdução



A vida é sonora. Desde o ventre materno, o bebê está envolto por sons — a pulsação e o ritmo do coração da mãe. O som é a matéria-prima da música, e musicalizar é um exercício de escuta sensível.

Diante dessa sensibilidade da infância aos sons, aos movimentos e ao mundo que a cerca, e do sonho da diretora Maria de aprender a tocar um instrumento para cantar com as crianças, o projeto **“Canta Curió”** nasce como uma forma de incentivar a poesia sonora das cantigas infantis, envolvendo os dias com música, ludicidade e brincadeiras musicais. E assim, com o apoio da equipe docente, “um sonho que se sonha junto vira realidade” e o “Canta Curió” tem acontecido desde 2017,

Para nossa equipe a música é fundamental, desta forma, inclusive durante a pandemia da Covid 19, seguindo as exigências de segurança e distanciamento, em que o projeto foi reinventado com uso de tecnologias digitais, e com gravações de músicas pela diretora em parceria com as professoras e enviadas para as famílias pelos grupos de Whatsapp das turmas.

Em 2024, a rede municipal de Educação Infantil passou a ter formação continuada “Espaços da infância” com o grupo NEPP - Núcleo de Estudos de Políticas Públicas da UNICAMP, sob a coordenação da Profa. Dra. Roberta Rocha Borges, favorecendo um novo olhar ao projeto educativo “Canta Curió”.

A música na escola de Educação Infantil pode trazer inúmeros benefícios: auxilia na compreensão de atitudes positivas em relação ao meio ambiente, à natureza e aos animais; contribui para a resolução de conflitos interpessoais; resgata músicas infantis tradicionais, ampliando o repertório cultural, e promove o bem-estar e a alegria que um ambiente musical pode proporcionar.



O projeto educativo “Canta Curió”: uma escuta sensível

O “Canta Curió” convida as crianças a descobrirem os sons da natureza, do violão e do pandeiro por meio do canto e das brincadeiras musicais. A música torna-se caminho para a socialização, a expressão e o autoconhecimento.

As vivências acontecem semanalmente às sextas-feiras, em sessões de 40 minutos conduzidas pela diretora Maria, que canta, toca violão e propõe jogos musicais como “Qual é a música?”. As crianças experimentam os instrumentos, exploram sons e se encantam com a descoberta musical.

Na creche, os encontros se alternam entre manhã e tarde, garantindo a participação de todos os grupos e professoras.



*“Escuta o som do violão!” -
Maria - diretora*

*“É a música do fazendeiro!”
Daniel - 4 anos*

*“É do Seu lobato, dono da
fazenda!”
Antonella - 4 anos*





A prática de escuta do Hino Nacional e no Hino da cidade de Americana acontece com as turmas da EMEI, focando o desenvolvimento da identidade e do pertencimento, compreendendo a importância do Hino Nacional e do Hino de Americana, assim como das bandeiras do Brasil e da cidade de Americana, como símbolos importantes da cultura do país e da nossa cidade.

Cantam, dançam, se expressam. ampliam seus repertórios sonoros, musicais e culturais, envolvidas pela alegria.



As crianças são convidadas a participar, experimentando o violão, sentindo as cordas e os sons possíveis. O encanto no olhar e o sorriso das crianças mostram a conexão emocional com o universo musical: pequenas mãos vivenciando a música.

A escuta sensível abre portas para a percepção da beleza e dos sentidos escondidos na música, transformando um ato passivo de ouvir em uma experiência profunda de conexão e aprendizado.



Cantar e dançar: a música como linguagem potente

A música é uma das cem linguagens da criança: potente, sensível e cheia de significados.



A Casa da Criança Curió possui espaços diversificados, internos e externos, que favorecem as vivências musicais: sala de aula dos berçários (ampla e acolhedora), refeitório da creche, pátio da EMEI, quiosque e campo com arquibancadas. Música, dança e alegria se espalham por esses espaços, promovendo interações entre crianças de diversas idades e estimulando o respeito às diferentes faixas etárias.

A parceria entre equipe escolar, professoras e diretora propicia momentos de ampliação de repertório, abordando músicas que dialogam com os projetos e vivências desenvolvidas. Destaca-se também a participação ativa das crianças e das famílias, que sugerem novas músicas e compartilham experiências sonoras.



A música é um território da invenção

“Quero cantar uma música que eu inventei... é um rap!”
Miguel, 5 anos



Miguel canta e encanta seus colegas. Todos percebem que também podem criar músicas. A criança brinca com os sons e com as palavras — para a infância, tudo pode ser matéria para criação.

Cabe a nós, profissionais da Educação Infantil, proporcionar momentos ricos, contagiantes, lúdicos e brincantes para desenvolver a criatividade das crianças: inventar novas músicas, fazer sons com a boca, com o corpo, movimentar-se, dançar, ser feliz.

Permitir que desenhem a música, sintam os sons, ouçam a natureza e os silêncios. Que possam sentir no próprio corpo o coração acelerado depois de dançar com energia e o coração tranquilo ao ouvir uma canção calma.

“Maria, hoje é dia de ‘Canta Curió’?” **Miguel, 5 anos**

“Maria, hoje é dia de ‘Canta Curió’?” **Isabella, 5 anos**

“Professora, olha a Maria! Ela veio aqui cantar?” **Daniel, 4 anos**





Maria Vitória, 5 anos

Maria Vitória, 5 anos



Livia, 4 anos

Conclusões

O projeto **“Canta Curió”** nasceu do sonho da diretora Maria de aproximar as crianças da música e integrar a comunidade escolar, e se tornou possível com o apoio das professoras, pedagoga, escriturário, serventes, merendeiras e cuidadoras, ganhando um novo olhar a partir dos conhecimentos partilhados na formação continuada “Espaços da infância” oferecida pelo NEPP/UNICAMP.

Com o uso das tecnologias digitais e o *WhatsApp* as famílias recebem vídeos de momentos vividos no “Canta Curió”, uma prática iniciada no período da pandemia que permaneceu, criando vínculos entre escola e família.

Suas vivências despertam alegria, criatividade e encantamento, estimulando o desenvolvimento afetivo, motor e da linguagem, tornando-se uma forma prazerosa de expressão e construção de conhecimentos pelas crianças.

O **“Canta Curió”** mostra que sonhos compartilhados viram melodias de aprendizado, encantamento e transformação.

Referências Bibliográficas

ANDRIES, Luísa. *O espaço da música na Educação Infantil de Reggio Emilia*. In: Anais do IV SIMPOM: Simpósio Brasileiro de Pós-Graduandos em Música, 2016. Disponível em: <<https://seer.unirio.br/simpom/article/download/5687/5130/28370>>. Acesso em: 19 set. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <<https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 19 set. 2025.

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George (org.). *As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância*. Porto Alegre: Penso, 2016.

FILHO, Manoel Anório Apolônio. A importância da musicalização na educação infantil. Anais VIII CONEDU. Campina Grande: Realize Editora, 2022. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/88120>>. Acesso em: 19 set. 2025.

LOUREIRO, Francine Alves dos Reis. *Minicurso - A linguagem da música na abordagem Reggio Emilia*.

Reis, Francine Alves dos. *A linguagem da música na primeira infância. Minicurso oferecido na EXTECAMP/ Unicamp. Campinas, SP. 2024.*

Reis, Francine Alves dos. Siquelli, Sônia Aparecida. *A linguagem da música nas escolas de primeira infância: perspectivas a partir da dimensão estética no pensamento de Loris Malaguzzi*. In: *Revista Interterritórios*, v. 10 n.19, 2024.

Explorando os sons, perigos e belezas do outono

Equipe da Creche Wanda Polo Müller
Júlio César dos Santos - Professor Coordenador
Victor Hugo Watanabe de Mariz - Pedagogo



"O maior inimigo do conhecimento não é a ignorância, é a ilusão do conhecimento." - Stephen Hawking (1942 - 2018)

1. Introdução

O outono, com sua paleta de cores quentes e seus sussurros ao vento, serviu de cenário para uma pesquisa sensível e profunda com crianças de 3 anos. O projeto *"Explorando os sons, perigos e belezas do outono"* nasceu da curiosidade genuína dos pequenos, convidando-os a uma vivência que transcendia a simples observação. Nosso objetivo foi investigar como a natureza pode se tornar uma grande aliada na jornada de conhecimento infantil, transformando o ambiente escolar em um laboratório de descobertas onde o som, o tato e a visão se entrelaçam.



2. 1. Desenvolvimento: abalar certezas

A função da Creche como espaço de desenvolvimento pleno das crianças sempre nos faz repensar e refletir sobre a prática. Na Creche Wanda Polo Müller, os estudos sobre o Organizador Curricular da Educação Infantil Municipal de Americana instituído em 2020 trouxeram a necessidade de se repensar a prática, diante dessa normativa alinhada com o Currículo Paulista e a Base Nacional Comum Curricular.

Dentro do campo de experiências “Traços, Sons, Cores e Formas”, surge a necessidade de se repensar esse trabalho dentro da creche, diante das orientações do organizador para se trabalhar com bebês e crianças bem pequenas.

O principal desejo da equipe escolar foi o de aprimorar o trabalho pedagógico para oferecer melhores experiências capazes de ampliar as percepções e os horizontes culturais e artísticos dos alunos. E assim, melhor estimular o desenvolvimento das produções artísticas das crianças. Em um primeiro momento, o foco de estudo e pesquisa foi a música, tão presente nas creches, muitas vezes, de maneira inadequada.

2. 2. Um estudo ambiental

No Organizador Curricular Municipal, o trabalho com a música na creche inicia com a sensibilização para os sons do cotidiano, sons do ambiente e da natureza.

Isso se destacou no nosso percurso dentro dessa pesquisa, visto que a Creche Wanda, localizada no Parque da Liberdade, é rodeada por uma área verde bem arborizada, explorada e cuidada pela comunidade, lar de muitos animais, e produtora de diversos ruídos encantadores.

A riqueza do outono foi a primeira a se manifestar aos nossos olhos e ouvidos de forma generalizada. O farfalhar das folhas secas, talvez o som mais icônico da estação, capturou a atenção das crianças, que o investigaram com todos os sentidos: "olhar de perto, sentir, pegar..."



Árvores da área verde atrás da escola, com seu tapete de folhas secas que despertou a sensibilidade das crianças e o desejo de exploração dos espaços.

Com esse interesse das crianças nas folhas secas e caídas, a escola organiza então um trabalho com a exploração dos sons da natureza, produzindo e instalando de sinos de ventos pela escola. Associados a esses sinos, para uma experiência visual, também são feitos e instalados *móviles* na altura dos bebês e crianças.



Em continuidade com os estudos dos sons da natureza e o outono, as crianças também apreciam as sinfonias clássicas que buscam representar as estações do ano através da orquestra. Esse momento também se alinha com a visita da orquestra municipal na escola em um concerto a céu aberto aberto para a comunidade.



Crianças brincam enquanto apreciam a orquestra municipal no quintal da escola.

*“A música é muito alta!” - **Alice, 2 anos.***

2.3. O som do perigo

Durante o percurso das investigações dos sons que cercam e acontecem nas escolas, uma experiência marcante para o percurso acontece: um som estranho desperta a curiosidade das crianças, um cheiro diferente no ar...

As crianças partem então para uma exploração pela área verde, em busca daquele som estranho. Encontraram então um pequeno incêndio, que causou o fascínio de todos.

Descobriram que as folhas secas do outono carregam um grande perigo: o risco de incêndio.



"Eu vi fogo no passeio!" - Ariannys, 3 anos.



Crianças representam o incêndio nas folhas secas

3. Conclusão: ouvir o mundo

Sensibilizar os bebês e as crianças para os sons do ambiente que os cerca, sons da natureza e música de qualidade é um trabalho que acontece de forma contínua, e que amplia a percepção dos bebês e crianças sobre o mundo.

Alguns meses após a vivência da exploração em busca pequeno incêndio, acontece um incêndio de grandes proporções na mesma área. Esse acidente ambiental renova o interesse das crianças na área e no tema, para a continuidade de um trabalho com os sons que nos cercam, o ambiente e os elementos.

Os estudos dos sons da natureza se ampliam para uma exploração de mundo através das produções culturais, do envolvimento com as famílias, com o estudo dos arredores da escola que também são os arredores da região em que esses bebês e crianças habitam e vivem.

Os sentidos podem ser explorados o tempo todo e de maneiras inesgotáveis. Diante disso, tornou-se essencial se atentar para a curiosidade das crianças num mundo que os estimula de tantas formas, que é o que o projeto da Creche Wanda Polo Müller.



Resultado do incêndio mais recente na área verde.

4. Referências

- AMERICANA. Secretaria municipal de educação. Organizador Curricular da Educação Infantil. Americana - SP. 2020.

- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília - DF: MEC, 2018.

- HAWKING, Stephen. Uma Nova História do Tempo. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

- SÃO PAULO. Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (SEDUC-SP). Currículo Paulista [etapas da Educação Infantil e Ensino Fundamental]. São Paulo: SEDUC, 2019.

- UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS – UNICAMP. Núcleo de Estudos de Políticas Públicas – NEPP. Novo Olhar para a Infância: O projeto educativo da educação infantil. Caderno 1, 2, 3, 4 e 5. Campinas: UNICAMP/NEPP. 2022.

Capítulo 6 Natureza como linguagem de investigação e relação

A natureza, quando integrada de forma sensível ao cotidiano da Educação Infantil, torna-se uma poderosa coeducadora. Ela não é cenário, adorno ou complemento: é presença viva, provocadora e generosa, que oferece às crianças múltiplas linguagens para pensar, sentir e relacionar-se. Em contato com o mundo natural, as crianças revelam sua profunda capacidade de observação, curiosidade e imaginação, aproximando-se de perguntas essenciais sobre a vida, os ciclos, os movimentos e as transformações que as rodeiam.

No parque da escola cada elemento natural se transforma em matéria de encantamento: a sombra das árvores que dança, a água que escorre entre as pedras, a terra que mancha as mãos, os insetos que aparecem e desaparecem como pequenas narrativas em movimento. São experiências que expandem o pensamento e constituem a infância como tempo de descobertas profundas.

Para que esse potencial se realize, é necessário romper com a ideia de um parque composto apenas por brinquedos industrializados, rígidos e previsíveis. O espaço externo da escola deve ser pensado como território sensorial, relacional e investigativo, onde a natureza não esteja apenas presente, mas seja protagonista. Parques naturalizados permitem que as crianças experimentem texturas, pesos, sons, ritmos e temperaturas, vivendo aprendizagens corporais e cognitivas que não cabem nos limites da sala de aula.

A escola desempenha, portanto, um papel fundamental na devolução dessa experiência às crianças — especialmente em contextos urbanos, onde o contato cotidiano com a natureza é cada vez mais escasso. Ao assumir a natureza como parte indissociável do projeto educativo, a escola amplia a sensibilidade das crianças, fortalece vínculos com o ambiente e promove experiências estéticas que conduzem ao cuidado, à empatia e à responsabilidade.

Um parque vivo é um lugar de brincar, pesquisar, movimentar-se e relacionar-se. Em cada investigação espontânea, as crianças produzem hipóteses, constroem narrativas e desenvolvem modos singulares de compreender o mundo. A natureza, com sua imprevisibilidade e beleza, oferece um repertório infinito de possibilidades, fazendo do cotidiano escolar um campo fértil de encantamento e aprendizagem. Assim, o encontro entre infância e natureza torna-se uma experiência formadora, que pulsa, transforma e amplia o sentido de viver, aprender e habitar o mundo.

Plantando pesquisas, semeando aprendizagens

Aline Glen Black Polachini, Camila Lopes de Carvalho e Equipe de Profissionais da EMEI Araçari



Introdução

“Para nós, os três sujeitos da educação são as crianças, os professores e as famílias, os quais estão interligados entre si e formam um sistema” (GANDINI; EDWARDS, 2002, p.78).

Araçari, o nome da nossa escola, evoca ao voo de um pássaro de bico longo, espécie brasileira semelhante ao tucano, desfilando uma plumagem de cores variadas e vívidas. Assim como suas penas, múltiplas e vibrantes, também foram diversas e ricas as ações que floresceram nesta unidade desde a sua inauguração, em 1990, que se delinearam pela tríade pedagogia em participação, comunidade escolar e plantio.



Figura - O pássaro Araçari. Fonte: Reino das aves

Uma escola pequena e acolhedora, com duas salas de referência que recebem turmas em período integral, situada em um bairro predominantemente residencial, hoje marcado pelo crescente número de moradores da terceira idade. Esse cenário se reflete na própria comunidade escolar, onde avós se fazem presentes com afeto e participação constantes. Esse contexto dialoga com a proposta da pedagogia-em-participação, a qual:

[...] apoia-se na perspectiva de construir uma pedagogia que se faça ‘em participação’, com todos os sujeitos envolvidos no processo educativo e situados como coautores da aprendizagem, por meio do pensar, fazer e refletir em companhia. [...] Uma aprendizagem que se dá através de encontros culturais entre adultos e crianças (RIBEIRO, 2023, p. 218).

Ao longo de sua trajetória, a presença da comunidade na unidade se fez viva, com familiares das crianças atuando de forma participativa na construção de um espaço pensado para os pequenos. Projetos voltados, em sua maioria, ao tema da plantação criaram raízes profundas nesse vínculo.

Esse caminho trilhado ao longo dos anos também deixou marcas visíveis na própria estrutura da escola: de um terreno externo exposto ao sol, o espaço foi se transformando, pouco a pouco, à medida que novas árvores iam sendo plantadas — e, com elas, surgiam as sombras que hoje acolhem o brincar.

Para ampliar as aprendizagens e apoiar o pleno desenvolvimento das crianças, a EMEI Araçari cultivou, ao longo de sua prática, o diálogo constante e o compartilhamento de responsabilidades entre a escola e as famílias. Buscando fortalecer sua identidade, a unidade encontrou nas práticas comunitárias de plantio um caminho fértil e significativo no cotidiano escolar. Assim, as ações de revitalização da horta e o plantio de árvores frutíferas foram sendo cuidadosamente entrelaçadas com projetos pedagógicos voltados à investigação do mundo natural, que dão sustentação e sentido a essa vivência enraizada na escuta e na curiosidade infantil.



A revitalização da nossa horta

A reestruturação de nossa horta revelou-se indispensável para dar continuidade aos projetos educativos que, há décadas, vêm se desdobrando em nosso cotidiano. Inspirados pelas palavras de Edwards (2018), reconhecemos a importância de envolver as famílias por meio de encontros na escola — momentos de escuta, trocas e mãos à obra, em que os pais se tornam parte viva das transformações do espaço. Foi nesse espírito que convidamos os familiares a participar da revitalização da horta, por meio de um bilhete enviado com carinho. Uma empolgação serena tomou conta dos nossos pensamentos e corações: “Quem virá?” Logo, para nossa alegria, um pai se apresentou, disposto a contribuir



Gustavo trouxe para nós o seu amor pelo plantio, compartilhando com seu filho os saberes dessa arte que brota da terra. Em sua rotina familiar, os cuidados com o jardim já faziam parte dos gestos cotidianos, cultivados em conjunto. Na mesma semana, ele preparou com dedicação o nosso canteiro, oferecendo o trabalho braçal adulto tão necessário, acompanhado dos conhecimentos preciosos sobre adubação, sombreamento e estruturação do solo,

“O meu pai trabalhava em horta.. Eu dei continuidade e passo esse conhecimento para o meu filho.” - Gustavo, pai de Samuel.

O plantio da horta foi guiado pelas curiosidades das crianças, cujos olhares atentos acompanhavam, com encanto, o canteiro que aos poucos ganhava forma. Sementes e mudas tornaram-se alvo de descobertas, despertando perguntas e imaginações: Como será a nossa horta?

Em constante diálogo com as famílias, o cultivo de ervas medicinais floresceu — impulsionado pelo envio generoso de mudas, encontraram solo fértil nas mãos pequenas das crianças, que as plantaram com empenho.



“Essas plantas curam a gente” -
Pedro, 4 anos.



“Sou eu no gramado do lado do babosa, que eu trouxe para plantar” -
Alice, 4 anos.



“Amamos um chazinho, e o amor da natureza para curar a gente. Hortelã e boldo para digestão, guaco para expectorar e lógico, os chás para acolher a alma, como camomila, cidreira e hortelã”

Ana Carolina, mãe da Aylla.

Cheiros, aromas e sabores atravessaram as vivências das crianças, despertando sentidos e imaginação. Em meio às descobertas, elas teciam diálogos cheios de curiosidade, compartilhando os saberes que, pouco a pouco, iam construindo.

Sabendo que “a Pedagogia-em-Participação compreende que o espaço deve ser organizado como território para a aprendizagem” (RIBEIRO, 2023, p. 222-3), projetamos a horta de forma a sustentar e despertar a curiosidade das crianças em torno do plantio, abrindo caminhos para investigações cheias de sentido, descobrindo os inúmeros benefícios para a nossa saúde de plantinhas tão pequenas. Nasceu, ainda, a pergunta: “Será ovo ou semente?”, dando início a uma exploração atenta das formas, texturas e estruturas desses pequenos mistérios da natureza. Outras dúvidas também brotaram com força, como a busca por compreender os ninhos, feita com olhos atentos e mãos que recolhiam materiais naturais pelo parque. Nem mesmo os pequenos insetos que habitavam o solo passaram despercebidos, as suas presenças geraram novas perguntas, alimentando a vontade de entender os mundos que vivem entre as folhas, os galhos e a terra.



“Dá pra fazer chá com elas” -
Heitor, 5 anos.

Ampliação da arborização

A arborização, iniciada em décadas anteriores, revelou-se ainda mais necessária — não apenas para ampliar as sombras acolhedoras das tardes quentes, mas também para aprofundar os laços entre a criança e a natureza viva que a cerca.

Os projetos ganharam forma entrelaçados às propostas pedagógicas, onde investigações curiosas mapearam as árvores frutíferas já presentes na unidade e revelaram novas possibilidades de plantio, descobertas pelas próprias crianças em suas explorações pelo espaço da escola.

“As plantas podem dar frutas!” — disse Antonella, 5 anos, em uma revelação que encheu de sentido a vivência do grupo. Logo, os sabores foram reconhecidos com entusiasmo: “Na escola temos amora, manga e acerola”, completou Samuel, também com 5 anos, dando nome ao que antes era apenas presença entre galhos e folhas.

“As árvores fazem mais vento pra gente respirar” - Matheus, 5 anos.

As ideias sobre o semear tiveram continuidade com a leitura do livro “O Menino que Semeava Histórias”, de Juliano Schiavo — escritor e biólogo — que teceu um delicado elo entre as árvores frutíferas da narrativa e aquelas que habitam nossa unidade. Mal a escola entrou em contato com o autor, ele se prontificou a nos acompanhar, oferecendo sua ajuda para que essa investigação pudesse continuar florescendo.

Em visita à EMEI Araçari, Juliano conversou com as crianças e deixou sua marca na arborização, doando uma muda de pitanga. Que aprendizado compartilhado naquele semear coletivo: cavar o buraco, inserir a muda, adubar, cobrir com terra e folhas secas, e, por fim, proteger com cuidado o novo broto.

A arborização precisava seguir crescendo. E assim, mais familiares se uniram, trazendo outras quatro mudas para o plantio. Entre conversas e descobertas, crianças, mães, avós e pais, guiados pelas reflexões infantis, deram vida à pitanga, goiaba, ameixa e cabeludinha.



“A gente tem que por terra, jogar água para plantar”

Helena, 5 anos.

“Para plantar tem que por a semente, senão não cresce”

Enzo, 5 anos.

“Vamos plantar uma árvore para poder salvar o mundo.”

Lorena, 5 anos.



Considerações finais

Temos uma nova germinação dando continuidade à história da Araçari. O novo sustentando os antigos projetos. Nos ancoramos na “Participação não como ‘tomar parte’, mas como ‘ser parte’; não atores, mas essência do processo. [...] De tal forma, a escola pode se tornar uma ‘comunidade educante’, mas, ao mesmo tempo, pode tornar-se ‘um lugar educante’ para a comunidade” (RIBEIRO, 2024, p.198). E, assim, o projeto buscou uma forma de se consolidar enquanto uma ação comunitária, contando com a participação dos funcionários, crianças, familiares e também profissionais, se consolidar não como ação realizada, mas em permanente construção.



“O mundo é bom para nós. Tem que cuidar do mundo” - Héctor, 5 anos.

Referências

- EDWARDS, Carolyn. *As cem linguagens da criança: a abordagem Reggio Emilia na educação da primeira infância*. Porto Alegre: Penso, 2018.
- GANDINI, Lela; EDWARDS, Carolyn. *Bambini: a abordagem italiana à educação infantil*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- RIBEIRO, Bruna (org.) *Abordagens participativas na educação infantil: saberes necessários para nos manter em voo*. São Paulo: Passarinho, 2023.



JOÃO-DE-BARRO, o construtor da floresta

Autores:

Creche Tupã

Turma: Maternal 1 e 2/2024 (Prof. Hosana, Jô e Vanda)

Maternal 2/2025 (Prof. Jô)

Epígrafe

“Aprender e ensinar não devem ficar em margens opostas, apenas observando o rio fluir; em vez disso, devem embarcar juntos em uma jornada pela água.”

— Loris Malaguzzi, em *As Cem Linguagens das Crianças: A Abordagem de Reggio Emilia* (1998), p. 83.

Introdução

Nosso ponto de partida era outro. Sonhávamos com a construção de um espaço encantado, uma sala onde as crianças pudessem se fantasiar, explorar adereços, mergulhar na imaginação e deixar que a criatividade tomasse conta de seus corpos e vozes. Desenhamos projetos, fizemos pesquisas de materiais, orçamentos e planejamentos. Muitas reuniões foram dedicadas a esse sonho.

No entanto, como tantas vezes acontece na escola e na vida, surgiram percalços que nos impediram de dar vida àquele espaço naquele momento. Frustração, sim, sentimos. Mas não permitimos que ela nos paralisasse. Pelo contrário, olhamos para fora, para o nosso quintal, e foi lá que encontramos o que se tornaria nosso novo ponto de partida.

Entre as árvores e o céu, estava ele: o João-de-barro, o pequeno construtor da floresta, trabalhando com paciência, com barro, com tempo. Foi como se ele nos ensinasse que os sonhos não se perdem – eles se transformam.

Do sonho de uma sala ao encontro com o pássaro

A experiência começou com esse deslocamento de olhar. A ideia de construir uma sala de fantasia foi guardada, mas não esquecida. Decidimos abrir espaço para um novo projeto, nascido da curiosidade genuína das crianças, que ao observarem entre as árvores:

- *“Professora, o que é aquilo?” – diz João*
- *“É uma casinha de João-de-barro!” – responde a prof. Jô*

As crianças aproximam-se naturalmente...

- *“Olha, olha, olha.” (crianças)*

Foi assim que a investigação começou. O João-de-barro se tornou personagem, professor e inspiração.



Experiências vividas com as crianças, famílias e professores

A cada dia, as descobertas se multiplicavam. No quintal, em silêncio, as crianças espiavam o pássaro e registravam, em diferentes formas, o que viam. As famílias nos ajudaram com histórias e relatos de ninhos encontrados em seus quintais.

Inspirados pelo trabalho incansável do pequeno arquiteto, oferecemos às crianças barro e água.

Logo, mãos mergulharam na argila, experimentando misturas, construindo pequenas casinhas, inventando histórias sobre quem iria morar ali. As rodas de conversa se tornaram momentos de troca de hipóteses, de alegria e de espanto diante da engenhosidade da natureza.



Resultados e aprendizagens

O projeto trouxe resultados que superaram nossas expectativas e reafirmaram o potencial pedagógico de trabalhos que nascem do interesse genuíno das crianças. A vivência promoveu avanços em múltiplas dimensões do desenvolvimento, que podem ser descritas de forma detalhada:

Desenvolvimento Cognitivo e Investigativo

Ao observar o João-de-barro e levantar hipóteses sobre seu comportamento, as crianças foram estimuladas a exercitar o pensamento científico. Foram incentivadas a registrar suas descobertas em desenhos, a comparar observações feitas em dias diferentes e a elaborar explicações para os fenômenos que percebiam.

Essa experiência promoveu:

- Ampliação do vocabulário relacionado à natureza (barro, argila, ninho, ave, ciclo de vida, habitat).
- Compreensão de conceitos básicos de biologia e ecologia, como a função do ninho, a relação entre os elementos naturais e o comportamento instintivo dos animais.
- Desenvolvimento do raciocínio lógico, ao perceberem a sequência de etapas que o pássaro segue para construir sua casa.

Desenvolvimento Socioemocional

O projeto exigiu colaboração e paciência. As crianças precisaram se organizar em pequenos grupos para realizar observações, dividir materiais e decidir coletivamente como construir suas próprias casas em uma atividade em família.

Isso contribuiu para:

- Fortalecimento da empatia e da escuta ativa entre pares.
- Compreensão de que a frustração inicial (por não termos construído a sala de fantasia) pode ser transformada em oportunidade de aprendizado.
- Valorização do esforço e do trabalho em equipe, percebendo que grandes realizações são fruto da cooperação, tal como no trabalho do João-de-barro.

Desenvolvimento Motor e Estético

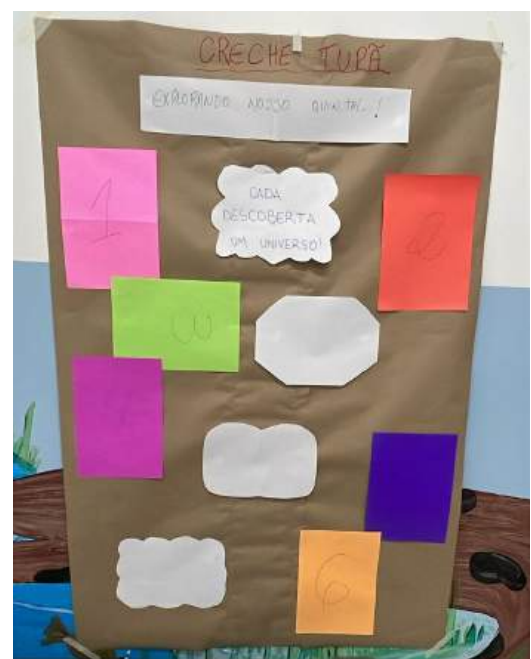
O contato com o barro foi um convite à experimentação sensorial. Ao amassar, modelar e moldar a argila, as crianças desenvolveram:

- Coordenação motora fina e força nas mãos.
- Percepção tátil e sensibilidade para diferentes texturas.
- Criatividade e expressão artística, ao criarem formas livres e interpretarem artisticamente o ninho do pássaro.

Impacto Pedagógico e Comunitário

A experiência também trouxe reflexões importantes para os educadores e para as famílias:

- Para os professores, o projeto reforçou a importância de se manter aberto ao que emerge do cotidiano, permitindo que a escuta das crianças seja o motor do planejamento pedagógico.
- Para as famílias, houve maior aproximação com a rotina escolar, por meio do envio de compartilhamento de vivências, relatos e participação nos encontros coletivos.
- Para a comunidade escolar como um todo, o projeto ressignificou o quintal como um espaço de investigação e aprendizado, reforçando a ideia de que o ambiente externo é um “terceiro educador”, como propõe a abordagem Reggio Emilia.



Conclusão

Nosso projeto não nasceu do planejado, nasceu do inesperado. E foi justamente no inesperado que encontramos a beleza e a força para recomeçar. O sonho da sala de fantasia permanece vivo, guardado como uma semente que um dia encontrará o solo certo para germinar. Enquanto isso, aprendemos que os sonhos podem mudar de forma e ainda assim florescer.

O João-de-barro nos ensinou que cada construção leva tempo e que cada etapa tem sua razão de ser. Ao observá-lo moldando sua casa com paciência, percebemos que educar é também um ato de construção – de corpos, de pensamentos, de memórias e de pertencimento.

Este projeto fez com que nossos olhos brilhassem novamente para o nosso quintal. Onde antes víamos apenas o cotidiano, passamos a enxergar um espaço de investigação e encantamento. As crianças nos ensinaram a olhar para o pequeno e perceber nele o extraordinário. Cada desenho, cada mão suja de barro, cada pergunta ingênua foi tijolo e argamassa desse processo coletivo.

O que poderia ter sido apenas frustração transformou-se em movimento, aprendizado e poesia. E foi nesse processo que compreendemos, de forma viva, que educar é mais do que ensinar: é abrir espaço para o imprevisível, para o vento que muda a direção do voo, para o barro que se transforma em casa.

Assim, concluímos que este projeto foi mais do que um estudo sobre um pássaro; foi uma lição de escuta, de espera e de esperança. Reafirmamos que o papel da escola é esse: transformar percalços em possibilidades, dores em descobertas, e fazer da infância um território fértil, onde cada criança possa ser, como o João-de-barro, construtora de sua própria história.

Referências

- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.
- RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar e aprender**. São Paulo: Paz e Terra, 2012.
- LORENZ, K. **A Vida dos Animais**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- Observações e registros realizados pela equipe da Escola Tupã ao longo do projeto.

A Natureza e seus encantos: Olhares sensíveis do Maternal II da Creche Municipal Chuí

Giovanna Pasquot Polido Neroni - diretora da escola

Kátia Aparecida Serraglio Vieira - Pedagoga

Maria Eloisa Waidemam - Professora do Maternal II (tarde)

**“A natureza tem a
força necessária
para despertar um
campo simbólico na
criança.”**

(PIORSKI, 2016)



A natureza é educadora. É um ambiente que estimula a autonomia, a curiosidade e a exploração das crianças, promovendo o desenvolvimento integral e a conexão com o mundo natural. A natureza oferece oportunidades para o aprendizado prático, a investigação, o desenvolvimento psicomotor e a criação de um senso de pertencimento e de responsabilidade ecológica.

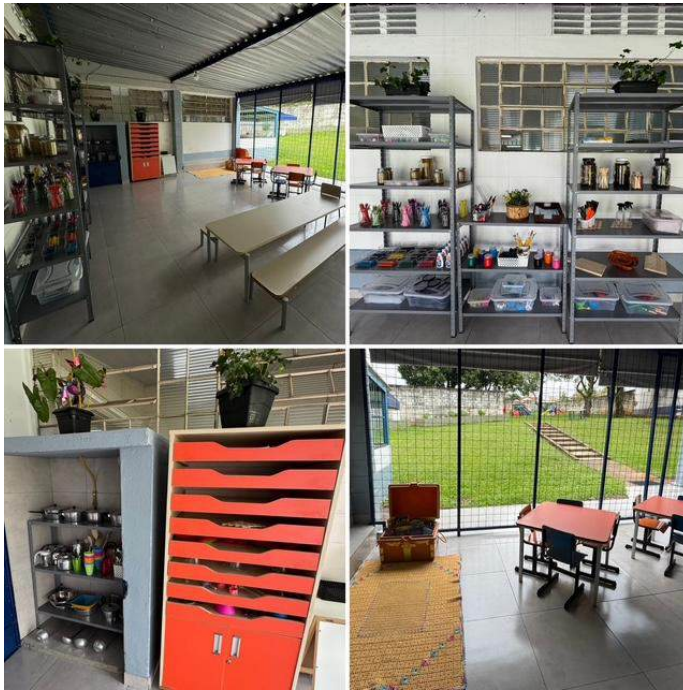
O parque da escola

O parque é um local que estimula a criatividade, a imaginação e a exploração sensorial, rico em possibilidades de aprendizagens e desenvolvimento das habilidades físicas, cognitivas e socioemocionais.



No parque da escola encontramos diversos elementos da natureza, por estar em uma área verde com algumas árvores e uma delas é o pé de carambola, muito apreciado pelas crianças, afinal nesta época do ano as frutas estão ficando maduras, podendo ser colhidas e exploradas pelos nossos pequenos.

O ateliê, o carvão vegetal, os elementos da natureza e o desenho.

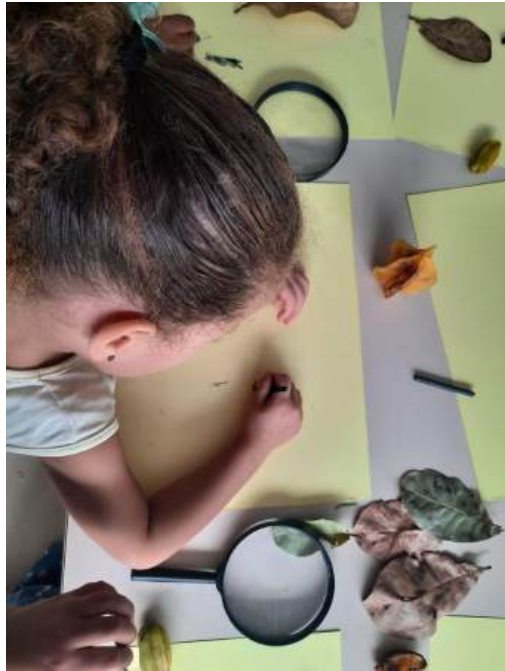


O Ateliê é um espaço que aguça a investigação, a exploração e a criação, onde as crianças podem expressar seus pensamentos e experiências de diversas formas, podendo interagir com materiais ricos e diversificados, que estimulam a curiosidade, a imaginação, a criatividade, a autonomia e o desenvolvimento integral delas.

Depois de muitos elementos da natureza coletados, no Ateliê da escola as crianças puderam realizar cuidadosamente a observação desses elementos naturais disponibilizados na mesa.



Natureza: brincar, criar e imaginar.



Apois observar os elementos naturais disponibilizados na mesa, começam a desenhar suas percepções e descobertas sobre os elementos.

Olhares sensíveis



Cauê ficou observando a mesa e demorou um tempo para participar, no entanto quando sentou ficou atento manipulando os materiais, observando com a lupa e organizando as carambolas pelo tamanho.

Muitas observações, investigações, explorações e descobertas foram realizadas.

*“Observou as folhas, carambolas e penas e começou a desenhar: “Estou desenhando a fuga das galinhas”. **AZAFE, 4 anos***



AGATHA MELYSSA - 4 ANOS



MARIA ELISAH - 4 ANOS



*Vou desenhar um coração, Olha Luna já sei contornar a folha no papel”, diz riscando o carvão sobre a folha. **LIZ, 4 anos***

Professora observadora e mediadora

A professora é uma observadora atenta e mediadora do aprendizado, vendo a criança como protagonista do seu próprio conhecimento. Ela atua como guia, colaboradora e pesquisadora, usando a observação para registrar e entender o desenvolvimento infantil, facilitando descobertas através de perguntas e desafios que estimulam a curiosidade e a interação social.



A turma foi dividida em pequenos grupos e levados ao Ateliê. Ao longo da proposta fui anotando falas e realizando registros através de fotos. Algumas crianças estabeleciam relações entre os materiais e seus desenhos, comentando suas percepções, bem como as produções, enquanto que outras permaneciam em silêncio realizando suas descobertas. MARIA ELOISA, professora

ELLOÁ- 3 ANOS E 9 MESES



ARTHUR - 4 ANOS

Os elementos naturais oferecem subsídios para o desenvolvimento da imaginação e da criatividade das crianças, desse modo, percebeu-se que o espaço também é educador. Os espaços e suas materialidades permitem que a criança pesquise, investigue e amplie suas experiências. Ou seja, a criança compreende o mundo, sendo parte do mundo. Se ela cuida da natureza, ela cuida de si. Os elementos naturais e as vivências com a natureza, estabeleçam os sentidos de conexões consigo e com o outro.

Através do brincar com materiais da natureza a criança desenvolve a imaginação e vai desenvolvendo a criação mais complexa. O contato com a natureza permite a pesquisa, a exploração e a criação, ou seja, brincar na natureza é estabelecer conexão consigo mesmo, pois o ser humano é a natureza.





MARIANA - 4 ANOS

Bibliografia

EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. AS CEM LINGUAGENS DA CRIANÇA: A ABORDAGEM DE REGGIO EMILIA NA EDUCAÇÃO DA PRIMEIRA INFÂNCIA. Trad. Dayse Batista. Porto Alegre: Artmed, 1999.

Novo olhar para a educação infantil: as escolas em transformação/instituto Arcor do Brasil Fundação Feac, Universidade Estadual de Campinas, Núcleo de Políticas Públicas, Secretaria Municipal de Rios das Pedras. Campinas, SP: NEPP/FEAC, 2022.

PIORSKI, Gandhy. BRINQUEDOS DE CHÃO: A NATUREZA, O IMAGINÁRIO E O BRINCAR. São Paulo: Editora Petrópolis, 2016.

RINALDI, Carla. DIÁLOGOS COM REGGIO EMILIA: ESCUTAR, INVESTIGAR E APRENDER. São Paulo: Paz e Terra, 2012.



MANGA

AROMAS, CORES E SABORES

EMEI CUNHATAÍ

TURMA: NÍVEL II - B
PERÍODO DA MANHÃ

Americana, 2025

Tudo começou com a intenção de explorar os espaços da escola para iniciar a propostas de resgate da história e cultura da escola, assim um convite foi feito às crianças para conhecerem o quintal e as árvores da escola. Durante esse passeio, elas perceberam que muitas eram frutíferas e se interessaram em saber o nome de cada árvore e qual fruta ela dava. Entre pés de amora, pitanga, abacate, acerola, mexerica, mamão e caju, a turma foi cativada pela exuberância de uma mangueira e por um caroço que brotava no chão.

Foi assim que a turma iniciou sua pesquisa sobre a manga.



As crianças da Emei Cunhataí tinham como proposta a exploração dos espaços da escola, para resgatar a história e a cultura desenvolvida com o passar dos anos. Assim, eles começaram a conhecer o parque da escola, que na verdade é o nosso quintal, e eles perceberam que temos muitas árvores, espalhadas por todo o espaço. Árvores grandes, pequenas, com flores, com frutos.

Entre as árvores descobertas, eles se encantaram pelo tamanho da mangueira, pois é uma árvore frondosa, com muita sombra, e ocupa um espaço bem grande do nosso parque.

Quando estavam observando a árvore, eles viram que havia um broto em cima de um caroço de uma manga, que caiu do pé e por ficar ali, no chão, envolvido de sombra e sol acabou dando vida a uma muda de uma mangueira.



Eles se encantaram pelo achado, pois havia ali uma árvore, crescendo, se desenvolvendo, e eles poderiam acompanhar todo o processo.

Por muitos dias eles acompanharam o seu desenvolvimento, porém, certo dia eles ficaram extremamente decepcionados, pois o pessoal da manutenção veio cortar a grama e cortaram o pé de manga deles... Que triste!!!

A curiosidade sobre a manga aumentava, e a professora teve a oportunidade de desenvolver um trabalho de pesquisa muito rico, através do interesse do

As crianças se interessaram muito pela mangueira e seus frutos e com isso nasceu o nosso ateliê sensorial, algo pontual na sala do nível 2 do período da manhã. Nessa etapa do trabalho as crianças investigaram os tipos de mangas vendidas no Brasil, e as crianças observaram os cheiros, sabores e texturas das mangas, folhas e caroços. Como a ideia de acompanhar o crescimento da mangueira teve que ser descartada, as crianças cada vez mais curiosas, tiveram uma doce experiência, pois a pesquisa não foi descartada, e vários momentos de aprendizado foram promovidos pela professora Silvia e cada vez mais a curiosidade aumentava e os olhinhos brilhavam em cada descoberta.

As crianças puderam investigar, com a oportunidade de desenvolver todos os seus sentidos, pois eles puderam ver uma manga, segurar, sentindo seu peso, cheirar, para sentir o aroma que ela exala e sentir o gosto doce, que a manga madura proporciona em cada pedaço.



A professora providenciou algumas mangas, e as crianças puderam observar cada uma delas, suas semelhanças e suas diferenças. Também foram trazidas algumas folhas de manga, para que a criança pudesse sentir a sua textura, ver o seu tamanho, sentir o seu cheiro, além de observar as cores da folha e galho.

As crianças puderam estudar sobre as mangas palmer, tommy, rosa, espada e coquinho. Eles descobriram que a manga rosa é mais fibrosa e a palmer mais suculenta, com menos fibras.





Como as mangas tem a época para a sua colheita, as únicas encontradas para levar às crianças foram a Tommy e a Palmer, e eles puderam provar cada uma delas.

Após provar e sentir o sabor de cada uma, eles concluíram que a manga Tommy é mais arredondada e docinha e a Palmer é mais oval e é maior, porém, um pouco mais azedinha. Observaram que os cheiros são diferentes, mas são muito bons. Descobriram que o caroço na verdade é a semente da manga.

Eles descobriram que a manga serve também para realizar receitas de sucos, mousse, sorvetinho e outras sobremesas, e que também podemos comer a manga também com sal, que foi ideia da Maria Luiza.

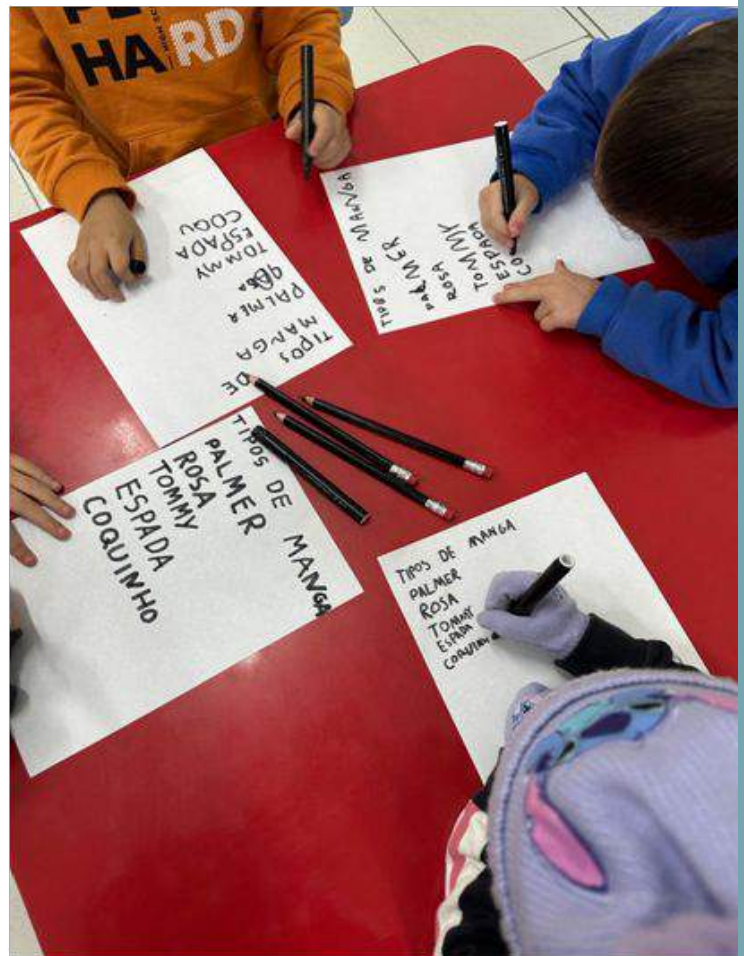
Depois de toda a investigação realizada pelas crianças, uma dúvida ainda pairava e eles buscavam a resposta. Como cresceu uma pequena árvore no caroço da manga, pois ninguém plantou?

Após várias ideias, uma criança concluiu que aquela muda deveria ser plantada em outro lugar, para que a árvore pudesse crescer de forma saudável, para que no futuro pudesse produzir mais frutos, justificando que aquele lugar tinha muita sombra e ali não iria se desenvolver, pois as plantas precisam também de sol.

Como o broto encontrado há alguns dias foi cortado, as crianças sugeriram plantar as sementes das mangas que eles consumiram, e acompanhar o crescimento de um novo broto. As crianças aguardam um novo broto para que possam plantar em algum local do parque da escola.

Mais uma descoberta foi realizada por eles, pois depois de comerem a manga e o caroço ficar exposto, ele endureceu e mudou de cor. Alguns apresentaram mofo e ficaram com cheiro nada agradável.

Com todo esse processo investigativo realizado pelas crianças, eles puderam explorar a linguagem escrita, matemática, a representação gráfica. Eles fizeram listas com os nomes das diversas mangas, representaram a fruta de várias maneiras, fizeram contas e continuam encantados com a experiência de buscar novas descobertas sobre a manga, uma fruta bastante consumida por todos, e que as crianças muitas vezes não sabem de onde ela vem.



AUTORES

Prof^a: Silvia Mara de Souza André

Pedagoga: Eliana Verrengia

Diretora: Telma Cristina Moreira

"ESPAÇOS DE CONVIVÊNCIA QUE ESTIMULEM A PESQUISA"



...Crianças , nos são mostradas tantas coisas que perdemos o senso profundo de ver. Ver e mostrar estão fenomenologicamente em violenta antítese. E como os adultos nos mostrariam o mundo que perderam!(Bachelard, 2009,p.122)



No quintal da nossa escola, a proposta era um desenho de observação . As crianças, contemplaram os espaços e escolheram o que iriam registrar..



"Noah, olha aqui, desenha a lagarta , são bolinhas e patinhas , mas ela está morta , não precisa desenhar o coração"
Hugo 5 anos

Autora: Paula Patricia Nunes de Carvalho
Professora Coordenadora
EMEI MANAI
2025

1. COMO TUDO COMEÇOU..

Durante o ano de 2024, nós da rede municipal de educação de Americana tivemos a oportunidade de participar de formações com o grupo do NEEP da Unicamp para desenvolver um trabalho nas escolas com a temática “A construção de um projeto de pesquisa na escola a partir da prática da escuta, da participação e da documentação pedagógica”, como já estávamos nos organizando para mudanças nos espaços externos denominamos como tema do nosso projeto” Espaços de convivência que estimulem a pesquisa.” Durante todas as nossas reuniões internas de professores e com os pais do CEC estudamos as possibilidades e viabilidade do projeto e, diante das sugestões discutidas, já realizamos algumas modificações em um espaço potente da nossa unidade que recebeu o nome de “Quintal”, com as famílias envolvidas na nova proposta começamos a realizar os “ ENCONTRO NO QUINTAL DA MANAÍ’ Que é um encontro na escola com uma atividade cultural, oficinas, exposições, encontros e partilha promovido pela escola com o patrocinado pelos pais.

O projeto “Espaços de convivência que estimulem a pesquisa” surgiu da necessidade de colaborar para a construção de uma infância onde a criança pudesse ser acolhida amorosamente em um espaço que lhe possibilitasse o desenvolvimento integral.

O projeto tem o intuito de construir espaços pensados de forma intencional para garantir o desenvolvimento e propor espaços de pesquisa, convivências e possibilidades, onde nossas crianças tenham contato com a natureza.

Com o objetivo de propiciar novos espaços de explorações, observações, desenvolvimentos e interações nos espaços escolares. Nós educadores e gestores vivemos em uma constante transformação e diante deste cenário e do projeto que está emergindo decidimos por meio das mudanças de espaços, promover experiências ricas com materiais em conjunto com as crianças, questionar com as crianças o que elas vêem, pensam e sentem, e como compreendem as experiências, observar, perceber e registrar, levantar hipóteses e suscitar novas questões com adultos e crianças, procurar e descobrir ideias subjacentes ou gerais, produzir sentido, com adultos e crianças, ao conectar experiências, ideias e materiais à cultura da escola e a comunidade como um todo.

Com uma equipe renovada iniciamos 2025, espaços organizados e formações, seguimos nossa projeção , com um desejo enorme que nossas crianças se encantem com nosso espaço externo, realizamos uma visita na horta do bairro a partir dos questionamentos das crianças cada professora foi conduzindo o caminho da pesquisa, podemos dizer que em 2025 nossa escola se tornou um laboratório de pesquisa a céu aberto.

Para a produção deste artigo deixei cada professora livre para compartilhar a experiência mais significativa vivida até aqui, As professoras Sandra , Sirlei e Karina compartilharam as vivências que surgiram a partir do nosso passeio na horta de modo especial a professora Maria Inêz compartilhou as celebrações dos aniversariantes do mês.

O nosso quintal se tornou um lugar de encontros, brincadeiras, conversas, celebrações e escuta.

2. TRANSFORMANDO O QUINTAL DA MANAÍ

Em nossa escola tínhamos um espaço pouco usado, e nossa meta foi revitalizá-lo com a verba do PDDEM realizamos a revitalização na expectativa que este espaço se tornasse um laboratório de pesquisa ao ar livre e um espaço de convivência.



No retorno do recesso as crianças encontraram o espaço pronto. Aos pouco foram transformando este espaço com plantas, cantinhos, brincadeiras e encontros.



A pergunta das crianças eram: A banana tem semente? E escreveram uma cartinha para o seu José com a pergunta e seu José prontamente respondeu a dúvida e nos presenteou com três mudas de bananas que estão plantadas no nosso quintal.



Na nossa passarela de entrada pintamos amarelinhas, caracol e uma pista de carros, como um convite a brincar e hoje é encantador de ver crianças e adultos brincando neste espaço.

3. ENCONTROS NO QUINTAL DA MANAÍ



Nossos pais foram se apropriando dos espaços escolares, nosso redário foi se tornando ponto de encontro nas horas de entrada e saída, pais e avós se encontravam para um breve encontro, enquanto as crianças brincam. Disponibilizamos livros no “Quintal”, nos organizamos e convidamos as famílias para um momento de leitura com seus filhos.



No ano de 2024 iniciamos os “ENCONTROS NO QUINTAL DA MANAÍ”, estes encontros ocorrem no espaço externo da escola, as famílias ficam livres para convidar os familiares.

Neste dia temos uma atividade cultural, uma vivência, exposições e uma partilha.

Neste ano no primeiro encontro nosso tema foi identidade, com o convite a se fazer um auto retrato, tínhamos espelho e riscantes para que todos se inspirarem, as famílias trouxeram toalhas e tapetes e lanches para um piquenique com um show dançante.

O nosso segundo encontro foi um show de mágica, e uma mesa coletiva para partilha, com o tema brincadeiras, nossos pais soltaram pipas e se divertiram com brincadeiras do nosso folclore. Durante a semana dos nossos encontros as crianças participam ativamente da construção dos convites, da decoração e da organização dos espaços.



4. VIVÊNCIAS DO N I A



A sala do N I A da professora Sandra realizou a observação de como uma semente germinava, colocaram o feijão no algodão foram molhando e observando e registrando cada etapa do broto em um segundo momento recolheram as sementes das frutas servida pela cozinha e plantaram na terra.



5. VIVÊNCIAS N I B



Após o passeio na horta as crianças do N I B da professora Sirlei ,descobriram que alguns alimentos nasciam embaixo da terra e a pesquisa se iniciou no parque da escola que tinha um pé de batata doce. As crianças colheram, observaram , registraram e colocaram na água. A rama da batata doce cresceu eles plantaram e estão regando e observando o crescimento da batata doce.



6. VIVÊNCIAS DO N II A



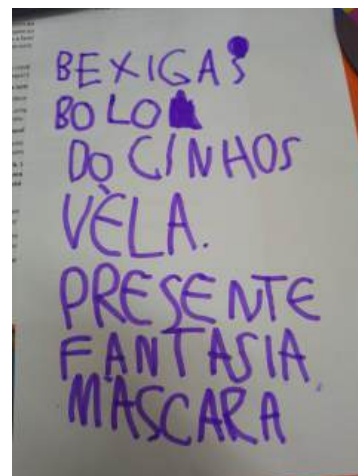
O N II A da professora Maria Inêz se organiza durante o mês inteiro para o dia das celebrações, eles produzem lista de nomes de aniversariantes do mês, escolhem o livro que será o tema da festa, produzem decorações e docinhos pertinentes ao tema. Por aqui já tivemos festa a fantasia, baile de máscaras, festa da Bruxa, caixas de brinquedos.



Festa no Quintal: Celebração e Criatividade!

Nossa alegria bimensal: aniversários no quintal da Manaí! O grupo planeja tudo: bolos, enfeites, docinhos... Muita criatividade para um momento sempre festivo e inesquecível!

Professora Maria Inêz



7. VIVÊNCIAS DO NÍVEL II



As crianças do N II B da professora Karina se encantaram com as sementes, todas as crianças trouxeram sementes de casa, observaram, sentiram o cheiro, observaram, plantaram e montaram uma horta vertical para observar as diferenças das plantas e sentir os aromas.

EXPLORANDO O MUNDO DAS SEMENTES E ACOMPANHAMOS O CRESCIMENTO DAS PLANTAS COM CURIOSIDADE E CUIDADO!

Professora Karina



Equipe EMEI MANAÍ 2025

Professora Coordenadora: Paula Patrícia Nunes de Carvalho

Pedagoga: Eliana Cristina Verrengia de Oliveira

Professora: Karina de Oliveira da Silva

Professora: Sandra Regina do Prado Pavani

Professora: Maria Inez da Silva Lasperg

Professora: Sirlei de Fátima Aguliari

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo maior do projeto é proporcionar às crianças oportunidades de viver boas experiências com a natureza, garantindo que essas experiências se transformem em aprendizagens significativas. A relação com a natureza favorece o desenvolvimento de habilidades motoras, criatividade, inteligência emocional, raciocínio lógico, e promove o senso de pertencimento, autonomia e competência. Além disso, é através da interação com o meio ambiente que as crianças se tornam mais conscientes de seu papel no mundo.

Este projeto propõe não apenas transformar fisicamente os espaços escolares, mas também transformar a forma como as crianças, os educadores e as famílias se relacionam com a natureza, criando uma comunidade escolar mais conectada e engajada.

9. BIBLIOGRAFIA

1. DAHLBERG, Gunilla; MOSS, Peter; PENCE, Alan. Qualidade na educação da primeira infância: perspectivas pós-modernas. Tradução de Maria Lúcia de Oliveira Figueiredo. Porto Alegre: Editora Penso, 2003.
2. GANDINI, Lella; HIL, Lynn; CADWELL, Louise; SCHWALL, Charles. O papel do ateliê na educação infantil: a inspiração de Reggio Emilia. Tradução de Maria Lúcia de Oliveira Figueiredo. Porto Alegre: Editora Penso, 2019.
3. RIBEIRO, Bruna. Reivindicando uma abordagem participativa com DNA brasileiro: uma utopia em construção. São Paulo: Editora Diálogos Embalados, 2024.
4. PROENÇA, Maria Alice. Prática docente: a abordagem de Reggio Emilia e o trabalho com projetos, portfólios e redes formativas. São Paulo: Editora Panda Educação, 2018.
5. JUNDIAÍ (Prefeitura). Desemparedamento da escola: a qualidade do ensino nos contextos do Programa Escola Inovadora. Jundiaí: Editora Prefeitura de Jundiaí, 2023.
6. BRASIL. Base Nacional Comum Curricular: educação é a base. Brasília: Ministério da Educação, 2018.
7. SÃO PAULO (Estado). Currículo Paulista: educação infantil e ensino fundamental. São Paulo: Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, 2019.

Brincadeiras e pesquisa: O desenho de um nova infância

Casa da Criança Maíra

Em cada canto, a infância deixa rastros de sua presença: passos leves, vozes que ecoam, olhares que descobrem. O espaço, antes simples cenário, torna-se território vivo, tecido de brincadeiras, afetos e descobertas. É nele que o tempo se dilata, se reinventa e ganha novas cores, pois a infância, com sua força criadora, transforma qualquer lugar em possibilidade de mundo.

E assim se fez o ensino na CC Maíra nesses meses: entre o desemparedar, que nos levou a buscar a natureza como fonte de aprendizado, e o emparedar, que nos convidou a mergulhar em contextos e investigações.

A educação infantil se revela, assim, como um espaço privilegiado de descobertas, interações e aprendizagens que marcam profundamente a formação da criança. Em constante diálogo com os avanços pedagógicos e com as necessidades do tempo presente, nossa escola reafirma o compromisso de repensar práticas e de buscar propostas que valorizem a escuta, a participação e o protagonismo infantil.

No ano de 2024, fomos convidados, enquanto Rede Municipal de Educação Infantil, a conhecer e nos aprofundar na nova proposta pedagógica, fundamentada nos princípios da pedagogia participativa e inspirada na abordagem de Reggio Emilia. Esse movimento abriu caminho para reflexões coletivas, formações de professores e gestores e, sobretudo, para a construção de um novo olhar sobre a infância e o ato de educar.

Esse processo de formação nos conduziu à elaboração de um projeto alinhado a esses princípios. Após debates e trocas coletivas, optamos por ampliar o uso dos espaços externos da escola, explorando o potencial educativo da natureza e a riqueza de aprendizagens que ela possibilita e os espaços construídos nas salas, os contextos de investigação, de música, de artes, de hospital, de salão de cabeleireiro, de fantasias, de cozinha e muito outros.

Nosso olhar passou a se voltar de maneira mais atenta para os bebês e para as crianças, escutando suas vozes, gestos, curiosidades, descobertas e interesses.



Entre pesquisas e vínculos

Compreendemos que a mudança de paradigma é sempre desafiadora e exige tempo, disponibilidade e coragem para enfrentar resistências. Entretanto, acreditamos que uma pedagogia participativa oferece às crianças a oportunidade de se desenvolverem integralmente — no aspecto cognitivo, social, afetivo e motor — de forma mais autêntica e significativa.

A área externa, nesse sentido, assumiu papel central em nossas práticas. A convivência com os elementos naturais desperta sensibilidade, favorece a imaginação, instiga a curiosidade e fortalece vínculos, tanto entre as crianças quanto entre elas e os adultos. Esses momentos de experimentação e encantamento se tornaram parte essencial do cotidiano escolar.

Apesar das dificuldades iniciais, o percurso já nos mostra resultados promissores. O brilho no olhar e o sorriso das crianças quando participam ativamente das propostas são sinais de que estamos no caminho certo. Cada gesto de encantamento anuncia que o futuro da nossa prática educativa será marcado por um aprendizado mais vivo, humano e participativo.

Sabemos que, por vezes, compreender essa pedagogia exige sensibilidade: é uma escrita que se faz no cotidiano, um pensamento que se concretiza na ação e um sonho que se realiza no coletivo.

As professoras do Maternal 1, Mariliza e Maria sempre estão buscando desafios para as crianças, explorando as riquezas que a parte externa proporciona.



“Ela faz parte da natureza” (pé de jabuticaba)
Yoshio - 2 anos



“Isso é milho”!
Yoshio - 2 anos

“É para dar para passarinho”!
Maria- 2 anos

A procura de tesouros

Na sala do Maternal multisseriado e do Maternal 2, das professoras Giovana, Ana Júlia, Odete e Magda a curiosidade das crianças tem guiado pesquisas cheias de descobertas. Durante os momentos no parque, elas se lançam em verdadeiras expedições, explorando o espaço com olhar atento, em busca de insetos, sementes e outros pequenos tesouros da natureza.

Nas salas a atenção se voltou às lagartas, o Maternal 2 acompanhou o ciclo da lagarta com a expectativa da transformação em borboleta, vivenciaram a experiência e, com encantamento, participaram da soltura. O Maternal multi continua esperando a transformação da lagarta em borboleta.

Outras crianças encontraram sementes e, intrigadas, investigaram de que planta poderiam ser, revelando como o desejo de conhecer move suas aprendizagens cotidianas.



“É frutinha, podemos dar para os passarinhos comer”

Mirian, 3 anos

“Isso é semente, a gente não pode comer, só os passarinhos”.

Bryan, 3 anos



“Por que não encontramos a lagarta?”

Professora Magda - Maternal 2

“Porque ela está dormindo”

Noah, 3 anos

Dentre espaços e canções

Pensamos na organização dos espaços, para conforto das crianças, onde irão despertar sua criatividade, imaginação e a pesquisa.

Um ateliê pensado nas obras de arte, desenhos, esculturas e personagens que poderão ser criados e desenvolvidos pelas crianças.

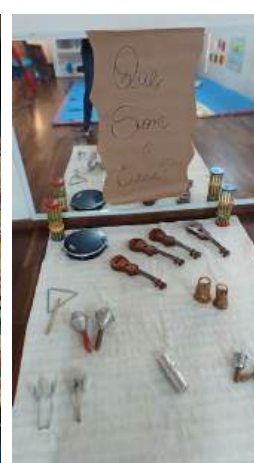
Um espaço de fantasia, para elas serem o que quiserem, vestir-se de imaginação, ser fada, cowboy, princesa ou príncipe, pirata e até mesmo uma borboleta. Viajar pelo faz de conta e expressar-se de várias maneiras.

O espaço da cozinha e casinha, para que possam viver o dia a dia, refletir no espelho dos adultos, fazer comidas, cuidar das bonecas, dos utensílios e móveis do espaço, brincar de lavar louça, de ler um livro no sofá, ficar ao telefone conversando com alguém. Nesses momentos ecoam muitos diálogos pelo ambiente, muitos conhecimentos que as crianças carregam, apenas por observar o mundo ao seu redor.

No espaço externo as professoras estão aproveitando a imensidão de recursos naturais e estimulando as crianças a pensar, a pesquisar e a explorar o que encontram ou colhem.

O espaço da cozinha e casinha, para que possam viver o dia a dia, refletir no espelho dos adultos, fazer comidas, cuidar das bonecas, dos utensílios e móveis do espaço, brincar de lavar louça, de ler um livro no sofá, ficar ao telefone conversando com alguém. Nesses momentos ecoam muitos diálogos pelo ambiente, muitos conhecimentos que as crianças carregam, apenas por observar o mundo ao seu redor.

O espaço da música se mostrou muito rico, as crianças do maternal 2, são apaixonadas pelo violão e os bebês do berçário 1 não ficaram de fora dessa proposta, a professora levou para a sala vários instrumentos musicais, e os bebês se encantaram com eles. A professora Raquel verificando que os bebês adoram os instrumentos, constantemente os envolve entre violas, pandeiros, chocalhos e muito som.



Brincadeiras e cotidiano

Os contextos foram pensados e organizados na sala da professora Rita, nível 1 da EMEI para as crianças brincarem de faz de conta e, ao mesmo tempo, ter experiências divertidas de algumas profissões. Eles são simples, mas muito ricos, porque permitem que as crianças experimentem papéis do dia a dia de forma lúdica. Os contextos do “Médico”, “Escritório” e o do “Cabeleireiro” foram os que as crianças mais gostaram de brincar!

No contexto do médico, por exemplo, as crianças adoram brincar de cuidar umas das outras. Algumas fingem que estão doentes, outras viram médicos(as) ou enfermeiros(as). Nesse momento, elas estão desenvolvendo empatia, aprendendo a escutar e até descobrindo a importância de cuidar da saúde. O contexto do cabeleireiro é puro encanto, principalmente para as meninas. Nele, as crianças soltam a criatividade, cuidam da aparência dos colegas ou bonecas, aprendem a negociar quem faz o quê e ainda trabalham a autoestima. É um espaço cheio de imaginação e interação.

No Contexto do Escritório é ótimo para estimular a escrita e a organização. Ali, a criança pode brincar de anotar recados, atender telefone, mexer no teclado alfanumérico entre outros. Parece só brincadeira, mas na verdade ela está entendendo como a leitura e a escrita funcionam no dia a dia.

Esses contextos não são apenas diversão. Eles ajudam a criança a se expressar, a conviver e a aprender de um jeito natural e prazeroso. Ao organizar esses espaços, cria-se oportunidades riquíssimas de aprendizagem que fazem toda a diferença na rotina escolar.



“Vamos fazer chapinha pra ficar bonita!”

Isabella Rodrigues - 4 anos



“O que você tem, Liz Maria?”

Murilo - 4 anos

“Estou com dor de cabeça”-

Liz Maria - 4 anos



“Qual pizza você vai querer?”

Murilo - 4 anos



Cauã - 2 anos pega o telefone se sente super à vontade

Curiosidades e pesquisa

No nível 2, da professora Eliane as crianças tiveram a oportunidade de vivenciar uma experiência muito significativa, além de pesquisarem sobre o urucum, aprenderam como ele é usado na contemporaneidade e com os povos originários.

A diversidade cultural se revelou como um tecido vivo, entrelaçando identidades, costumes e tradições que acolhem e enriquecem o convívio das crianças.

Nesse caminho de descobertas, elas transformaram o urucum em tinta natural e, encantadas com a cor que brotava da semente, deixaram-se levar pela curiosidade pintando os próprios rostos.



Na sala multisseriada, da professora Débora, a pesquisa sobre as aranhas mostrou-se uma verdadeira riqueza, após o recesso escolar a professora lançou as seguintes consignas: Será que no parque só podemos brincar? O que mais podemos encontrar por lá, além dos brinquedos?

Em seguida, as crianças começaram a levantar muitas hipóteses e logo em seguida foram brincar no parque cheias de curiosidade e com muita imaginação.

O momento mais especial foi o encontro com uma aranha, os olhinhos delas brilharam e diante desse fascínio, a turma decidiu pesquisar, investigar profundamente o universo das aranhas e compreender melhor esse aracnídeo.



Eu vi uma aranha dentro do buraquinho
Gabriel - 5 anos

Onde tem teia, certeza tem aranha”!
Julia - 5 anos



“Gente, tem aranha aqui, olha as teias”.
Miguel - 5 anos



O que será que a aranha come?
Manuely - 5 anos

“Ela come bichos”!
Nicolas Josué - 5 anos

Fraldas e pesquisa

As crianças da sala do Berçário 2, professora Rosângela, vêem qualquer passarinho e mostram para os adultos da escola e aos pais. Esse encantamento das crianças partiu de uma pesquisa que ainda está em andamento, sobre aves.

A consigna foi levantada pelo **Vinicius, 2 anos**, viu um pássaro e chamou a professora, que aproveitando essa curiosidade, trouxe para a sala algumas imagens de passarinhos, algumas professoras foram contribuindo, a professora Raquel trouxe uma calopsita, a professora Rita trouxe ovos de galinha, de codorna, de pata e de pardal.

Em um dia chuvoso, a **Antonella, 2 anos**, falou para a professora “o paxarinho”(passarinho) está “condido” (escondido) embaixo da folha para não se molhar”.

Atualmente as crianças vão ao parque para ver se encontram mais passarinhos e penas caídas pelo chão.



Conclusão

O reconhecimento e a expressão dos sentimentos são habilidades essenciais para o desenvolvimento emocional e social das crianças. elas começam a identificar suas emoções e a perceber os sentimentos dos colegas, esse aprendizado contribui para a construção da empatia, do respeito e da convivência harmoniosa.

As crianças dessa faixa etária são naturalmente curiosas e encantam-se com os fenômenos da natureza, a transformação da lagarta em borboleta, a pesquisa dos passarinhos, a exploração ao parque e a área externa, despertam o interesse e possibilitam uma vivência lúdica e significativa, promovendo aprendizagens essenciais.

Dar oportunidade às crianças de conhecer as etapas de uma pesquisa e conscientizá-las sobre a importância dos seres vivos para o meio ambiente, além disso, iniciar desde cedo o valor do conhecimento.

Nesse sentido construímos nesses meses alicerces que serão a estrutura de uma forma diferente de ensinar.

Autoras:

Diretora: Veridiana Totti Menuzzo

Pedagoga: Alessandra Aparecida Furatini Franco

Professoras:

Ana Júlia Maciel Romeiro
Debora Cristina Pelisson Pereira
Eliane Cristina Nogueira Novaes
Giovana da Silva de Moura
Magda da Penha dos Santos Pereira
Maria Pires Francisco
Mariliza Gomes Da Silva

Nilsa Aparecida de Andrade Trevizan
Odete de Asevedo
Raquel Honorio da Silva
Rita de Cássia da Silva Borges
Rosangela Aparecida Silva Souza
Tania Cristina de Oliveira

5. REFERÊNCIAS

BENDOTTI, M. (2019). Regimento de Escolas e Creches da Infância do Município de Reggio Emilia. (Tradução: Thais Helena Bonini). San Martino in Rio – Reggio Emilia (Itália): Reggio Children.

BONDIOLI, A., & MANTOVANI, S. (1998). Manual da educação infantil de 0 a 3 anos. Porto Alegre: Artes Médicas.

Dicionário de nomes próprios. Significado de Maíra, disponível em: <https://www.dicionariodenomespropios.com.br/maira/>, acesso em 16 de maio de 2025.

GANDINI, L., Hill, L., Cadwell, L., & Schwall, C. (Org.). (2019). O papel do ateliê na educação infantil: a inspiração de Reggio Emilia. Porto Alegre: Penso.

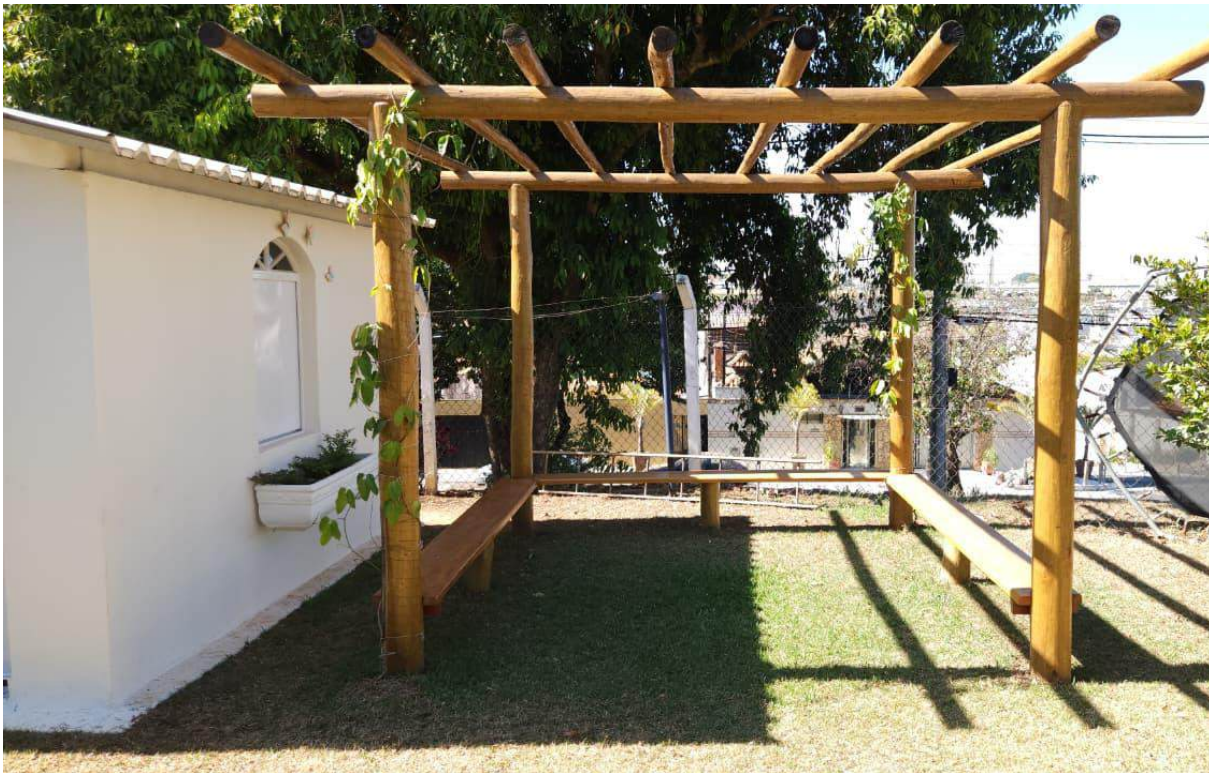
Escola Jardim. Conheça a abordagem Reggio Emilia, que tem transformado a educação infantil, disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/especial-publicitario/escola-jardins/noticia/2024/10/15/conheca-a-abordagem-reggio-emilia-que-tem-transformado-a-educacao-infantil.ghtml>, acesso em 15 de abril de 2025.

Fetalmed. Significado do nome Maíra, disponível em: <https://www.fetalmed.net/ferramentas/significado-de-nomes/nome/maira-2/>, acesso em 07 de maio de 2025.

Gazeta do povo. Reggio Emilia: conheça a proposta pedagógica que revoluciona a educação, disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/conteudo-publicitario/colegio-amplacao/reggio-emilia-conheca-a-proposta-pedagogica-que-revoluciona-a-educacao/>, acesso em 15 de abril de 2025.

O Abrigo que se Faz no Tempo: Narrativas de um Pergolado

“O espaço deve ser uma espécie de aquário que espelhe as ideias, os valores, as atitudes e a cultura das pessoas que vivem nele.”
(MALAGUZZI, 1984 apud EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 1999, p. 145).



Aline Glen Black Polachini - Professora Coordenadora
Roberta Pacheco Pivetta - Pedagoga

Entre natureza e imaginação: o espaço como educador

A partir dos questionamentos lançados pelo Projeto Espaços da Infância e também das necessidades já observadas pela equipe da EMEI Bатуíra, fomos sendo provocadas a olhar para os espaços de nossa escola com mais cuidado e atenção. Percebemos que o desafio que se colocava diante de nós era o de imaginar e construir um espaço que fosse, ao mesmo tempo, abrigo e convite, um lugar de experimentação ativa e pesquisa.

Nos encontros de formação fomos instigadas a compreender que os espaços educam, ensinam e falam. Por isso, cada escolha é carregada de intenções pedagógicas e éticas. Para nós, pensar em um novo espaço era também assumir um compromisso com a infância, com a escuta das crianças e com os direitos de aprendizagem que a BNCC apresenta como fundamentais: o direito de conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se.

Assim, começamos a refletir sobre o que já tínhamos e sobre o que ainda nos faltava. Reconhecemos que nossa escola já oferece momentos de contato com a natureza — quando as crianças deslizam pelo barranco em pedaços de papelão, quando recolhem gravetos e folhas, quando exploram a areia ou sentem o perfume das flores.



No entanto, também percebemos que, diante dos efeitos da urbanização, as crianças têm cada vez menos oportunidades de estar em contato com a natureza.

Foi nesse contexto que surgiu a necessidade de imaginar algo a mais: um espaço que pudesse ampliar essas experiências, mas que não fosse apenas um acréscimo físico. Queríamos algo que representasse nosso modo de compreender a infância e a educação infantil; um espaço que fosse esteticamente bonito, pedagogicamente potente e que se tornasse parte viva de nosso projeto pedagógico.

A ideia do pergolado nasceu, portanto, como resposta a essa escuta e a esse desejo. Um espaço simples em sua estrutura, mas carregado de sentidos: lugar para brincar e descansar, para investigar e se reunir, para conversar e inventar.

Mais do que atender a uma necessidade prática, sua construção significou a oportunidade de reafirmarmos que acreditamos nas crianças como protagonistas de seus processos de aprendizagem e que reconhecemos a importância do espaço como mediador de experiências.

O pergolado: o abrigo que ensina

Quando os primeiros materiais chegaram à escola, o ambiente foi tomado por uma atmosfera de encantamento. Os olhos das crianças brilharam diante das novidades que se apresentavam em meio à rotina. O ferro pesado, as madeiras empilhadas e, em seguida, os sons metálicos das ferramentas em funcionamento despertaram uma infinidade de curiosidades. Perguntas surgiam espontaneamente: “Pra que é?”, “Será que vai ser uma casinha?”, “Quem está construindo isso?”. Essas indagações revelavam não apenas o interesse infantil, mas também a capacidade investigativa de cada criança, que buscava atribuir sentido ao que via e ouvia. Assim, como verdadeiros exploradores, acompanharam cada etapa do processo, atentos às mudanças que se produziam no espaço da escola.

A construção do pergolado foi, em si mesma, um ato educativo. As crianças não ocuparam o lugar de meras espectadoras. Elas assumiram o papel de participantes ativas, capazes de questionar, de opinar e de comparar aquilo que já conheciam com o que estavam descobrindo. A cada visita ao local da obra, ou mesmo em uma simples espiadinha curiosa, surgiam novas descobertas que se tornavam experiências de aprendizagem.

O cheiro da madeira recém cortada, o calor do ferro exposto ao sol, a poeira que se erguia no ar e depois se espalhava lentamente, tudo isso era percebido como matéria-prima para conhecer e compreender o mundo.



Nesse processo, a construção não esteve separada da vida escolar. Ao contrário, integrou-se a ela de maneira profunda e significativa. Entre tantas aprendizagens, as crianças puderam descobrir noções ligadas a medidas, ao conceito de transformação, ao tempo que passa e à importância da espera. Cada detalhe do processo se tornou oportunidade pedagógica. O pergolado, antes mesmo de estar concluído, já cumpria sua função educativa, convidando crianças e adultos a perceberem como o aprender acontece de forma viva e concreta, mesmo em situações do cotidiano que poderiam parecer simples.

Quando finalmente a construção foi concluída, o pergolado revelou-se como algo muito maior do que um simples abrigo. Rapidamente, tornou-se cenário de rodas de conversa e leitura, transformou-se em palco improvisado para apresentações, serviu de ateliê para as produções artísticas e foi espaço de acolhida para diálogos e partilhas. Sob a sua sombra, as crianças se reuniram para brincar, observar o ambiente ao redor, desenhar, pesquisar e, sobretudo, para ouvir e serem ouvidas. Cada momento vivido ali carregava um novo significado. O cotidiano escolar ganhou outros contornos, pois o pergolado se converteu em um espaço de múltiplas possibilidades, um território onde a imaginação, a escuta e o protagonismo infantil se encontram.



A comunidade em movimento

Nada do que foi construído teria sido possível sem a presença viva e ativa da comunidade escolar. O pergolado não surgiu como uma obra isolada, mas como fruto de um movimento coletivo que envolveu crianças, famílias, professoras e funcionárias. As famílias acompanharam cada etapa, algumas vezes com olhares curiosos e, em outras, com palavras de incentivo e apoio. Vibraram junto com os avanços da obra, celebrando quando cada detalhe era concluído. As professoras e funcionárias também se envolveram profundamente, cuidando de aspectos organizativos e refletindo sobre como aquele novo espaço poderia contribuir para o cotidiano pedagógico. Dessa forma, o pergolado passou a ser reconhecido como um símbolo de pertencimento, um lugar que não era apenas da escola, mas de todos que participam da vida escolar.

E as crianças foram capazes de observar, de sugerir, de questionar e de trazer suas interpretações sobre cada mudança. Suas vozes ecoaram durante a construção e permanecem ecoando depois dela, reafirmando que o espaço escolar só ganha vida quando é habitado pelas experiências infantis.

O processo de construção do pergolado nos mostrou, de maneira muito concreta, que a escola não se faz apenas de paredes e muros. Ela se constrói, sobretudo, a partir de vínculos, de relações humanas e de sentimentos compartilhados. A comunidade se reconhece nesse espaço porque ele fala de cuidado, de democracia e de escuta. O pergolado, portanto, não é somente um abrigo físico. É também a expressão material de uma escola que acredita na força do trabalho coletivo, na valorização da infância e na importância de transformar cada espaço em um convite para aprender, conviver e pertencer.



“Porque a sala de aula não é aqui?”
- **Maytê, 5 anos**

“Prô, é mais diferente desenhar aqui, tem mais ar”
- **Gabriel R., 5 anos**

Mirella, 5 anos



Quando o espaço se faz educador

Ao longo desse processo, reafirmamos uma certeza: os espaços também educam. Descobrimos que o brincar, quando vivido em comunidade, adquire sentidos inéditos, tecendo laços de pertencimento e de convivência respeitosa. Percebemos, ainda, que toda aprendizagem floresce da escuta atenta, da curiosidade compartilhada e da participação ativa das crianças, que encontraram no pergolado um território de invenção e pesquisa.

Mais do que uma construção, o pergolado é a expressão concreta de um modo de compreender e viver a educação. Ele se apresenta como

narrativa viva de um projeto pedagógico que valoriza a criança em sua potência criadora, que respeita seu direito de experimentar, imaginar e ser protagonista de suas próprias histórias.

Podemos dizer, portanto, que o pergolado é também um testemunho: testemunho da força da educação pública que se faz em diálogo, da importância de pensar o espaço como mediador de experiências e da confiança em que cada gesto de cuidado e de construção conjunta produz transformação. Ao olharmos para ele, vemos não apenas uma estrutura de madeira, mas um convite permanente para que crianças, professores e famílias sigam acreditando na escola como lugar de encontro, de democracia e de futuro.



Referências bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <<https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 19 set. 2025.

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George (orgs.). As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2016.

RINALDI, Carla. Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar e aprender. Tradução de Vânia Cury. 15. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2012.

REGGIO CHILDREN. Tornando visível a aprendizagem: crianças que aprendem individualmente e em grupo. São Paulo: Phorte, 2014.

CRIANÇAS-PASSARINHAS QUE VOAM POR AQUI!

COORDENADORA: LUCIANA SEGATTI CASORLA

PEDAGOGA: TEREZINHA QUEIRÓS REGATIERI

**PROFESSORAS: GISELE MIRANDOLA ZOPPE; GISELE NAZARÉ AMARAL;
GISLAINE LIMA DE FREITAS; LUCIANA GONÇALVES DE PAULA; LUCIENE
FELIX FERREIRA; LUCIMARA SANCHES PIGNONI.**

EPÍGRAFE:

“PASSARINHOS

SOLTOS A VOAR DISPOSTOS

A ACHAR UM NINHO

NEM QUE SEJA NO PEITO

UM DO OUTRO”

(MÚSICA PASSARINHOS - EMICIDA)

<https://youtu.be/lZRwJjGoW7M?list=RDlZRwJjGoW7M>

ASSIM QUE COMEÇOU...

NOSSA ESCOLA É UM LUGAR DE ACOLHIDA E ALEGRIA, AS CRIANÇAS QUE AQUI FREQUENTAM NOS DIZEM MUITO SOBRE ESTE LUGAR E OBSERVANDO O MOVIMENTAR DELAS PELO ESPAÇO SURTIU O NOSSO PROJETO.

AS IDEIAS DA NOSSA EQUIPE ESCOLAR SURTIRAM PORQUE QUERÍAMOS PROPORCIONAR PARA AS CRIANÇAS VIVÊNCIAS DE EXPLORAÇÃO, INVESTIGAÇÃO, CONHECIMENTO E PESQUISA ACERCA DO ESPAÇO NATURAL NO ENTORNO DA ESCOLA, INICIALMENTE A NOSSA INTENÇÃO FOI DE QUE AS

CRIANÇAS EXPLORASSEM O ESPAÇO OU MELHOR, “VOASSEM” POR ESTE ESPAÇO EM BUSCA DE CONHECIMENTO.

AQUI ENTENDEMOS QUE A CRIANÇA/INFÂNCIA PROTAGONIZA AS SUAS PRÓPRIAS CULTURAS, A PARTIR DE SUAS INTERAÇÕES E BRINCADEIRAS COM O MUNDO FÍSICO E SIMBÓLICO, ELAS CONSEGUEM CRIAR SENTIDO E NARRATIVAS, BEM COMO, ATRIBUÍREM SIGNIFICADOS PARA AS SUAS APRENDIZAGENS TORNANDO-AS MAIS ENVOLVENTES.

E FOI ASSIM QUE AO SE TORNAREM “EXPLORADORES INVESTIGADORES” ELAS NOS DERAM PISTAS DE SEUS INTERESSES E DESCOBERTAS.

E NOSSOS INVESTIGADORES LEVARAM PARA ESTA JORNADA DE EXPLORAÇÃO OBJETOS APRESENTADOS NA SALA E QUE PODERIAM SER USADOS PARA AS SUAS DESCOBERTAS, SEPARARAM CAIXAS, LUPAS, BINÓCULOS, LANTERNAS, ENTRE OUTROS.

1. SOBREVENDO O NOSSO QUINTAL

NESTES MOVIMENTOS DE EXPLORAÇÃO PELA ESCOLA AS CRIANÇAS EM SEUS DIÁLOGOS DEMONSTRARAM TRÊS GRANDES INTERESSES:

- UMA COLMÉIA ENORME QUE NINA E YARA AVISTARAM E LOGO ME CHAMARAM PARA VER GRITANDO “PROFESSORA VEM, CORRE PARECE ABELHAS





- UMA COLA QUE O ALUNO AUGUSTO DIZIA NO SEU ENTENDIMENTO QUE GRUDA NO CORPO E NA ROUPA E QUE SAIA DAQUELA ÁRVORE

- E UM GRANDE BURACO PENDURADO NO GALHO DE OUTRA ÁRVORE QUE DESPERTOU A ATENÇÃO DA MYRELLA QUE DIZIA: "OLHA! O QUE É ISSO?"



AH... E AS DESCOBERTAS FORAM TANTAS QUE AS CRIANÇAS EUFÓRICAS FORAM COLHENDO E MOSTRANDO TUDO QUE ENCONTRAVAM E AS COLOCAVAM EM UMA CAIXA E LEVADOS PARA A SALA PARA SOCIALIZAÇÃO.



AH... E AS DESCOBERTAS FORAM TANTAS QUE AS CRIANÇAS EUFÓRICAS FORAM COLHENDO E MOSTRANDO TUDO QUE ENCONTRAVAM E AS COLOCAVAM EM UMA CAIXA E LEVADOS PARA A SALA PARA SOCIALIZAÇÃO.

2. NOSSO TESOURO NATURAL NAS VIVÊNCIAS PEDAGÓGICAS

NOSSAS VIVÊNCIAS DEPOIS DESTAS DESCOBERTAS FORAM DE EXPLORAÇÃO; CLASSIFICAÇÃO, DESENHOS DE OBSERVAÇÃO, NARRATIVAS E TEXTOS ESCRITOS SOBRE O MUNDO DESCOBERTO.



AMPLIARAM O CONHECIMENTO SOBRE O SOM DOS PÁSSAROS, PERCEBERAM O QUE É UM ASSOBIO E QUE TAMBÉM PODEMOS TENTAR ASSOBIAR, ESSA CONSCIÊNCIA CORPORAL FOI AMPLIADA PARA AS EXPERIÊNCIAS COM AS BRINCADEIRAS DE SOPRO (BOLINHA DE SABÃO, SOPRAR BOLINHAS DE CREPOM, BOLINHAS DE PING PONG) E INSTRUMENTOS MUSICAIS DE SOPRO.



BOLINHA DE SABÃO

CAIXA DE CURIOSIDADE (SOM DOS PÁSSAROS)

COMO OBJETO DE PESQUISA NOS VOLTAMOS PARA A FORMA DE VIDA DOS PÁSSAROS E SEUS NINHOS QUE NA ESCOLA FAZEM MORADA, NUMA OUTRA PROPOSTA DE OBSERVAÇÃO SAÍMOS PARA PROCURAR NINHOS E OS TIPOS DE PÁSSAROS AQUI PASSEIAM.



**PROFESSORA, ESTE TAMBÉM É UM NINHO!
DISSE NICOLE APONTANDO PARA A ÁRVORE.
E TODOS CONCORDARAM.**



**OUTRO DIA OBSERVEI
A CONSTRUÇÃO DE UM NINHO
VI GRAVETO POR GRAVETO
NO BICO DE UM PASSARINHO
PARECIA UM ENGENHEIRO
TÃO FORTE E TÃO LIGEIRO,
MESMO TÃO PEQUENINHO
(...)
(BRÁULIO BESSA)**

MUITOS INTERESSES FORAM SUSCITADOS PELAS CRIANÇAS, COMO “MEU PAI VAI COMPRAR UM PASSARINHO” (GIOVANNA), “PROFESSORA MEU VÔ TEM UMA CHÁCARA E TEM UM LUGAR QUE ELE PÕE COMIDA PARA OS PASSARINHOS” (LETÍCIA); “PROFESSORA AGORA O FABRÍCIO QUER UM PASSARINHO NA GAIOLA” (ARIÁDILA-MÃE); ‘PROFESSORA A MYRELLA TEM TRÊS GANSOS NO ESPAÇO QUE O AVÔ DELA CUIDA DE ALGUNS ANIMAIS DE CRIAÇÃO” (THAYNÁ-MÃE).

COMO INTENÇÃO DE AMPLIAR A NOÇÃO DE VIDA DOS PÁSSAROS E DE AMBIENTES NATURAIS EM QUE ELES VIVEM NA NOSSA CIDADE, ORGANIZAMOS DOIS PASSEIOS-PESQUISA PARA ESTA FINALIDADE, UM DELES FOI AO JARDIM BOTÂNICO E O OUTRO FOI O PARQUE ECOLÓGICO, ONDE PUDERAM PERCEBER OS TIPOS DE PÁSSAROS E PLANTAS QUE LÁ EXISTEM.



AS CONVERSAS E APRENDIZAGENS FORAM MUITO SIGNIFICATIVAS PARA OS PEQUENOS QUE PERCEBERAM OS DIFERENTES TIPOS DE NINHOS E OS MATERIAIS QUE OS PRÓPRIOS PÁSSAROS COLHEM PARA USAR, AS CRIANÇAS PUDEAM CONSTRUIR UM NINHO SUGERINDO OS MATERIAIS A PARTIR DE SUAS OBSERVAÇÕES E CONCLUSÕES, ENTÃO NA CONSTRUÇÃO USARAM ORA PALHA, ORA GALHINHOS E O ARGILA (BARRO) PERCEBENDO ASSIM A VARIEDADE DE ELEMENTOS NATURAIS EXISTENTE NA NATUREZA.



- O NINHO É FEITO DE QUÊ? PERGUNTA A PROFESSORA;
- ELE É FEITO DE PALHINHA BEM PEQUENA PROFESSORA, DISSE A IARA.
- ELA TAMBÉM PODE SER FEITA DE BARRO PROFESSORA, DISSE MYRELLA E TEM GALHINHOS TAMBÉM SEGUNDO GEOVANNA.



NOSSAS CRIANÇAS DE INCLUSÃO TAMBÉM REALIZARAM ESTE PERCURSO DE DESCOBERTAS.



3. CONCLUSÃO O MOVIMENTO NO NOSSO QUINTAL

A MUSICALIDADE NÃO PODERIA FALTAR NUMA TURMA QUE TANTO APRECIA OS RITMOS E OS MOVIMENTOS CORPORAIS E ENTÃO INICIAMOS UMA PESQUISA SOBRE MÚSICAS SOBRE PÁSSAROS, E PARA COMPOR NOSSA PERFORMANCE TEATRAL QUE DE MANEIRA ESTÉTICA UNIU A PESQUISA COM A LINGUAGEM ARTÍSTICA NA FESTA CULTURAL NO MÊS DE JUNHO, UMA DAS MÚSICAS PREFERIDAS DA SALA FOI A “SABIÁ LÁ NA GAIOLA” ONDE AS CRIANÇAS EXPLORARAM OS MOVIMENTOS, OS GESTOS, A AFETIVIDADE NA RELAÇÃO DA MENINA E SEU PÁSSARO QUE VOOU, A LINGUAGEM ESCRITA, A SONORIDADE, O USO DE UMA GAIOLA PARA DAR EXPRESSIVIDADE E PROFUNDIDADE AO TEMA.

O CENÁRIO TAMBÉM FOI CONSTRUÍDO PARA DAR SENTIDO E CELEBRAR A NOSSA APRESENTAÇÃO ARTÍSTICA E SEGUE O LINK DA NOSSA APRESENTAÇÃO.

[A](#) [CAL](#)



REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

BONINI. Thaís Helena, (2013), Regimento Escolas e Creches para a Infância da Comuna de Reggio Emilia, Itália, Reggio Children.

BRASIL, (2018). Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, MEC.

FREIRE, Madalena (2011). A paixão de conhecer o mundo. São Paulo, Editora Paz e Terra.

Fundação Feac, Universidade Estadual de Campinas, Núcleo de Estudos e Políticas Públicas, Programa de Estudos Para Políticas Públicas para Educação Infantil. 2021. NEEP/FEAC, Novo Olhar Para a Infância, a Pesquisa das Crianças e o Professor Pesquisador, v.2, Campinas.

O Programa a União Faz a Vida na Educação Infantil, (2019), Fundação Sicredi.

MARINHO, Patrícia, Os benefícios de brincar na natureza, <https://youtu.be/6F0xR0zGyEc>, www.tempojunto.com, 2022, acesso 08/2025.

QUINTAIS BRINCANTES, Sobrevoos por vivências educativas brasileiras, Movimento dos Quintais Brincantes, <https://criancaenatureza.org.br/wp-content/uploads/2022/10/Quintais-Brincantes-Sobrevoos-por-Vivencias-Educativas-Brasileiras.pdf>. Alana; Criança e natureza, 2022, Brasil.

Capítulo 7 Tecendo vínculos: a escola que abraça a família

A construção de uma cultura educativa compartilhada nasce do encontro entre escola e família, dois territórios fundamentais da infância que, quando dialogam, ampliam o sentido de aprender e conviver. Uma escola que abraça a família reconhece que as crianças vivem entre diferentes mundos — o familiar e o escolar — e que esses mundos, ao se entrelaçarem, fortalecem o desenvolvimento integral. A escola deve ser um espaço de relações, onde as vozes das famílias são acolhidas, escutadas e consideradas na construção do cotidiano pedagógico.

Nesse contexto, a presença da família não é apenas informativa ou protocolar; ela é constitutiva. As famílias carregam narrativas, singularidades, saberes, culturas e expectativas que enriquecem o projeto pedagógico. Quando a escola abre suas portas para essa diversidade, ela se torna mais sensível, mais humana e mais capaz de compreender quem são as crianças que a habitam. Assim, cria-se um ambiente cooperativo, em que educadores e familiares se reconhecem como parceiros e corresponsáveis pela formação da criança.

A participação da família deve ser vista como prática viva, que se expressa em múltiplas formas: conversas cotidianas, projetos compartilhados, documentos enviados para casa, assembleias, escutas atentas, encontros de estudo e momentos de celebração do percurso das crianças. Esses gestos constroem confiança e possibilitam que o olhar sobre a infância seja ampliado. A escola democrática escuta as famílias não para cumprir um rito, mas porque acredita na potência da troca e da colaboração.

Nesse movimento, o educador também se transforma. Ele aprende sobre a criança ao escutar seus familiares e reconhece que a pedagogia se faz de relações — relações que cuidam, acolhem, investigam e se responsabilizam. A presença ativa das famílias permite compreender a criança em sua totalidade, honrando sua história e seu pertencimento. Ao mesmo tempo, as famílias descobrem a escola como lugar de participação e autoria, e não apenas de acompanhamento distante.

Tecem-se, assim, vínculos de confiança que sustentam uma comunidade educativa forte e afetiva. Uma escola que abraça a família é aquela que constrói com ela, e não para ela. É aquela que reconhece que educar é uma ação coletiva, tecida no diálogo, no respeito e na partilha de valores. Quando essa parceria se consolida, as crianças crescem entre redes de cuidado e significado, vivendo a educação como projeto comum, tecido por muitas mãos.

Brincar a linguagem da infância: onde a Imaginação encontra o mundo.

Autores:

*Leide Cristina Pigatto - Diretora
Angela Regina da Conceição - Pedagoga
(Equipe Casa da criança Arapiranga
2025.)*

*"Roda mundo, roda gigante. Roda
moinho, roda pião. O tempo rodou num
instante. Nas voltas do meu coração."*

(Chico Buarque)

Introdução

Num mundo em que as telas brilham sem descanso, nossas crianças se conectam ao digital mais do que ao quintal da vida.

Resgatar o brincar em família tornou-se um desafio urgente, pois sabemos: é no laço de afeto que nasce o desenvolvimento saudável.

Brincar em família não é apenas diversão, é semear qualidade de vida é criar memórias que não se apagam.

Em meio à rotina marcada pela tecnologia o lúdico parece, por vezes, supérfluo, mas é nele que encontramos um caminho de cuidado e proximidade.

jogos e brincadeiras, quando reintegrados ao lar, tecem vínculos, acolhem emoções, aliviam o peso do dia a dia.

O brincar em família transcende o instante, é linguagem afetiva, é forma de comunicação é investimento no bem-estar comum.

Projeto: Resgatando momentos de brincadeiras com as famílias

Na Casa da Criança Arapiranga, um olhar atento se fez pergunta: como florescer a infância, se as telas roubam o tempo de brincar?

Na roda de conversa da equipe, brotou um sonho coletivo: resgatar as brincadeiras que dançam no vento, acolher as famílias no círculo da infância e assim costurar sorrisos onde antes morava o excesso de luz artificial.

O projeto nasceu de uma investigação, onde vimos a necessidade das crianças descobrirem o mundo com as mãos, com o corpo e com o coração, reforçando vínculos entre famílias, incluindo a escola como mediadora ativa.



No início de 2025, a escola se encheu de amarelinha, bolinhas de gude, passa anel, cinco marias, entre outras brincadeiras.

As crianças, curiosas, mergulharam no novo, ou melhor, no antigo descobrindo um mundo de movimento, de risos compartilhados, tão diferente do brilho solitário das telas.

As famílias trouxeram suas lembranças, partilharam histórias e se deixaram encantar pelas escolhas das próprias crianças, que levaram para casa a “Sacola Brincante”, um convite para brincar em família.

Brinquedos de materiais simples se transformaram em tesouros criativos.

E em cada encontro o afeto a escuta e aprendizado floresceram.

Como nos lembra Friedrich Fröbel (apud KISHIMOTO, 2011, p. 25): *“Brincar é a linguagem da infância.”* E foi nessa língua viva e alegre que todos aprenderam juntos: crianças, famílias e escola.

Mais que jogos, construíram-se memórias. Mais que atividades, fortaleceram-se vínculos. E a comunidade fez parte da infância..



Projetos que vão além dos muros da escola

Os portões se abriram largos, para o dia do brincar e na escola se fez um quintal de encontros, onde avós, pais, filhos e filhas, partilharam o mesmo chão, na dança viva das brincadeiras.

A cada corrida, salto ou giro de corda, as memórias escondidas se revelaram: pátios antigos voltaram a existir, pneus rodaram, petecas voaram como pássaros, e no lugar do “deletar”, brotou o “resgatar”.

As gerações se entrelaçaram, a emoção transbordou e o pertencimento se fez sentir. “No centro de tudo, a criança, protagonista da infância, construindo cultura, descobrindo sentidos, reinventando o mundo pelo brincar.” (BRASIL, 2010, p. 7).



O que resultou desse trabalho: Relatos escritos pelas famílias

“Foi um dia legal e marcante, foi muito prazeroso recordar brincadeiras antigas com o meu filho e criar juntos novas recordações. Ele se divertiu bastante. Que a escola possa criar mais dias como esse para que haja uma união entre escola e família”.

Família do Isaque.

*“É uma corda e segurando numa corda, levantando ela e empinando assim” - **Isaque de Souza Bonin, 5 anos***



“A experiência que tivemos com nossos filhos no dia da família foi incrível, pois nos divertimos muito com eles. Brincamos de várias brincadeiras que nunca tínhamos brincado, jogamos bola, brincamos de bambolê, pega-pega e pé de lata. Lembrança que ficará marcada para sempre em nossos corações, que todos deveriam tirar um tempo para a família”.

Família do Khauã Gonçalves Correia, 3 anos.

Memórias que perpetuarão na identidade da escola

Entre telas e tecnologias que tantas vezes distanciam, a experiência vivida mostrou que o brincar aproxima. Ao resgatar as brincadeiras antigas, construímos novas histórias com crianças e famílias lado a lado.

Descobrimos que pular corda, rodar pneu, jogar bolinha de gude ou inventar brinquedos simples é muito mais do que passatempo: é oportunidade de afeto, é espaço de escuta, é teia de pertencimento.

As crianças, protagonistas de sua infância, mostraram que brincar é linguagem, é criação de cultura, é aprendizado que ultrapassa a sala de aula.

As famílias, por sua vez, redescobriram que o tempo dedicado ao brincar é também tempo de cuidar, de se reconhecer e se fortalecer.

Assim, concluímos que projetos como este não se encerram em uma proposta escolar, mas seguem vivos na memória, nas casas e nos quintais, onde cada gesto brincante se transforma em herança afetiva, assim caminhamos para um futuro mais humano.

Resgatando momentos de Brincadeiras com as famílias



Mais do que um simples momento, um reencontro com a magia da infância, um laço silencioso entre gerações, tecido com afeto, simplicidade e o doce prazer de brincadeiras

Valorizamos o que conhecemos!!! O resgate das brincadeiras tradicionais vai além do brincar, trazem memórias vivenciadas pelas famílias na sua infância, valorizando as diferentes culturas e as aproximando de nossa escola, oportunizando momentos para que conheçam como as aprendizagens acontecem no cotidiano da educação infantil.

Brincar é libertar a mente e dar asas ao coração



A brincadeira escapa pelos portões, voa leve entre as casas, invade salas, corações. Vai nos risos da calçada, no quintal, no corredor, vira dança improvisada, vira jogo encantador.

Onde há tempo e fantasia, onde a vida quer sonhar, o brincar cria morada, não precisa nem chamar. É semente da infância livre, é caminho e é lugar. Brincar é ponte que une escola, lar e o mundo a girar.



Mãos curiosas

Com alegria e mãos curiosas, brinquedos foram confeccionados para que além dos muros da escola, a brincadeira voasse longe até o tapete da sala, o gramado do quintal. Entre risos e fitas coloridas aprenderam o prazer de criar com as próprias mãos.



A brincadeira se espalha como um cometa a fantasia, despertando nos pequenos um olhar especial no olhar. A cada salto, um riso solto; a cada movimento, uma pequena vitória celebrada com alegria genuína. As crianças se entregam a brincadeira com o coração leve, como se o mundo coubesse inteiro entre uma pedrinha e o céu.

Casa da Criança Arapiranga 2025

Prancha - Exposta na mostra cultural da Educação Infantil. (2025)

Referências bibliográficas:

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil*. Brasília: MEC/SEB, 2010.

BUARQUE, Chico. *Roda Viva*. [Gravação musical]. São Paulo: RGE, 1968. LP.

Disponível em:

<https://www.discogs.com/release/5864558-Chico-Buarque-De-Hollanda-Roda-Viva>. Acesso em: 19 set. 2025.

Memórias e afetos construídos no Projeto Colcha de Retalhos

Casa da Criança Baeti NEPP Unicamp

Nomes das autoras: Marinalva Lima dos Santos (Diretora), Terezinha Queirós Regatieri (Pedagoga). **Professoras da Casa da Criança Baeti- CRECHE:** Gislaine; Isabel Cristina; Maria Isabel; Patrícia; Inez; Norma; Eunice; Maria Helena; Maria Auxiliadora; Juliana Souza; Tânia; Maria José; Renata; **EMEI:** Lílian; Márcia; Fabiana; Francisca; Etelvina; Maria Panhossi; Raquel; Juliana Godoy.

EPÍGRAFE:

Sou feita de retalhos

Pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha e que vou costurando na alma. Nem sempre bonitos, nem sempre felizes, mas me acrescentam e me fazem ser quem eu sou.

Em cada encontro, em cada contato, vou ficando maior... Em cada retalho, uma vida, uma lição, um carinho, uma saudade... Que me tornam mais pessoa, mais humana, mais completa.

E penso que é assim mesmo que a vida se faz: de pedaços de outras gentes que vão se tornando parte da gente também. E a melhor parte é que nunca estaremos prontos, finalizados... Haverá sempre um retalho novo para adicionar à alma.

Portanto, obrigada a cada um de vocês, que fazem parte da minha vida e que me permitem engrandecer minha história com os retalhos deixados em mim. Que eu também possa deixar pedacinhos de mim pelos caminhos e que eles possam ser parte das suas histórias.

E que assim, de retalho em retalho, possamos nos tornar, um dia, um imenso bordado de “nós”.

Autora: Cris Pizzimenti

<https://revistaconsciencia.com/sou-feita-de-retalhos/>

INTRODUÇÃO

Através de um olhar sensível, da troca de ideias e aprendizados, nasce o projeto Colcha de Retalhos...

O olhar atento e o coração aberto das professoras perceberam algo mágico: o brilho nos olhos das crianças, encantadas com a história “Colcha de Retalhos”, da autora Conceil Corrêa da Silva. Foi nesse momento de conexão profunda que nasceu, com ternura e entusiasmo, o nosso projeto.

A leitura virou inspiração. As crianças se envolveram com curiosidade e alegria, e entre conversas cheias de propósito, surgiu a ideia de criar algo coletivo – como quem costura juntos os pedaços de uma história comum. Assim nasceu o **Projeto Colcha de Retalhos**, envolvendo toda a escola: da Creche à EMEI.

Duas professoras, que há mais de vinte anos trabalham na nossa unidade, trouxeram à memória um projeto antigo, também chamado Colcha de Retalhos, realizado pela Casa da Criança Baeti. Naquela época, a comunidade participou com entusiasmo, e o projeto ficou guardado na memória como um capítulo cheio de afeto e alegria.

Hoje, retomamos esse fio com delicadeza, prontos para costurar novas histórias, com as mãos dadas e os corações entrelaçados.

Posteriormente, introduzimos o livro “A união faz a colcha”, dos autores Enéas Guerra e Antonio Miranda, que nos traz a pergunta: “E os retalhos, de onde vêm?” – vêm de lugares e de pessoas diferentes. Cada uma com seu jeito de vestir; cada costura, com seu jeito de unir; cada cor, com sua maneira de colorir... E depois, vieram muitos outros livros, que continuam trazendo a leitura com seu encanto peculiar, trazendo um conhecimento que não pode parar.

Cada turma, desenhou sua própria colcha, passo a passo, retalho a retalho, num trabalho individual e coletivo que uniu professoras, crianças, familiares, funcionárias e pessoas da comunidade.

Foi um exercício de cooperação, empatia e união, onde cada ponto bordado trouxe à tona o valor de estar junto, de aprender com o outro e de construir, juntos, uma história cheia de significados.

1. Colcha de Retalhos: Tecendo Memórias, Afetos e Aprendizagens na Comunidade Escolar



O projeto denominado "Colcha de Retalhos" veio com o intuito de enriquecer o aprendizado, mas também criar um ambiente onde as memórias e os afetos sejam construídos e celebrados, contribuindo para uma educação mais completa e integrada.

Além disso, ao proporcionar experiências marcantes e valorizar a participação da comunidade escolar, o projeto fortaleceu vínculos entre crianças, famílias e educadoras, estimulando o diálogo, a escuta sensível e o respeito às histórias individuais.

Dessa forma, cada pedaço costurado na colcha representa não só a criatividade e o afeto coletivo, mas também a riqueza de memórias compartilhadas, que passam a compor a identidade do grupo e a inspirar novas aprendizagens e trocas afetivas no cotidiano escolar.



Participação das famílias que enviaram fotos e registros, representando momentos significativos com os filhos.

**Turma da Prof^a Lilian –
Nível I**

2. Contação de histórias

O projeto "Colcha de Retalhos", contribui para uma educação mais completa e integrada, através da contação de histórias.



Acima, as **Professoras de Creche**: Maria Auxiliadora (MM – Maternal I e II); Eunice (Maternal I); Maria Isabel (Berçário II); Maria José (Maternal II) e as **Professoras de EMEI**: Lílian e Márcia (Nível I), contam a história da Colcha de Retalhos às crianças que ouvem, com muita atenção.

A leitura do livro “A Colcha de Retalhos”, encantou os pequenos com sua narrativa sensível e imagens coloridas. A leitura foi conduzida com muita afetividade, despertando o interesse, a escuta atenta e a curiosidade dos pequenos.

Na contação de histórias, as crianças expressam curiosidades e os adultos, escutam com o coração.



Durante a contação de história da prof^a Etelvina, o Gustavo pergunta: *“O que é a colcha de retalhos?”* Emily responde: *“São vários retalhos colocados um pertinho do outro.”*
Gustavo e Emily – 5 anos – Nível II – Prof^a Etelvina



A professora Fabiana do Nível I, iniciou o trabalho lendo o livro “A Colcha de retalhos” e conversando com as crianças sobre o que sabiam de saudade, de quem sentiam saudade e muitos contaram sobre os avós, o pai que havia acabado de separar da mãe, a mãe que mora em outra cidade, entre outras saudades!!!!

Prof^a Fabiana – Nível I

3. *Uma construção envolvente entre crianças, professores e a comunidade*

Colaboração Comunitária no Ateliê de Costura

A realização do ateliê de costura das Colchas de Retalhos foi marcada pela colaboração fundamental de membros da comunidade escolar. Destacamos aqui, o apoio da Dona Sirlei, costureira reconhecida na região, cuja habilidade e dedicação foram essenciais para o desenvolvimento das atividades propostas no projeto. Além disso, sua ligação familiar com a nossa cozinheira Sueli – carinhosamente chamada de “Su”, trouxe ainda mais integração ao grupo. Su, além de irmã de Dona Sirlei, é uma cozinheira habilidosa da escola, conhecida por contribuir para o bem-estar das crianças e da equipe. Juntas, elas fortaleceram o espírito de união e cooperação, tornando o ateliê de costura um espaço de aprendizagem, troca de saberes e valorização das relações comunitárias.



Os pequeninos da **profª Tânia, do Maternal I**, curiosos para ver como acontece a costura dos retalhos e como vai se formando a colcha.



A costureira Dona Sirlei e a nossa querida cozinheira Sueli, colaborando com o nosso projeto.

4. O protagonismo das crianças na voz e escuta das professoras

É de suma importância reconhecer as crianças como sujeitos ativos no processo educativo., escutar suas ideias, sentimentos e opiniões, permitindo que participem das decisões e construam saberes junto às professoras.



Ao receber o retalho para desenhar, Henry disse:
“Vou desenhar o meu papai.” - **Henry – 3 anos – Maternal II – Profª Maria Auxiliadora**

Nesse processo, houve a escuta sensível e respeitosa das professoras, tornando o ambiente escolar mais afetivo e significativo. E assim, fortalecendo os vínculos e promovendo autonomia.

Aqui deixamos o relato de algumas professoras a respeito da realização do projeto “Colcha de Retalhos”.

“No projeto Colcha de retalhos, iniciamos com a leitura, na qual, os pequeninos se mantiveram atentos e encantados, durante todo o tempo. Depois, com a entrega dos retalhos, as próprias crianças reconheciam o trabalho feito junto à família, que participou com entusiasmo da confecção e, após o término, utilizamos a colcha para a exploração e encantamento dos bebês.” **Profª Isabel Cristina – Berçário I**

“Reunimos as crianças para acompanhar o processo de costura da colcha de retalhos. Uma convidada especial utilizou a máquina de costura, mostrando às crianças como os pedaços de pano se unem para formar algo maior, cheio de significados.

Cada família enviou um retalho cheio de carinho, pintado, desenhado ou escrito com mensagens especiais.

Juntamos todos e criamos uma colcha única, que guarda um pedacinho de cada um de nós.” **Profª Patrícia – Berçário II**

“Mostrando os retalhos que as famílias fizeram em casa com as crianças, eles reconheceram seus desenhos, combinando arte, afeto e criatividade transformando os retalhos em uma história visual única e divertida, cada pedaço conta uma história.” **Profª Inez – Maternal I**



No desenho dos retalhos, as crianças participaram trocando as cores das canetinhas, escolhendo suas preferidas.

Profª Inez – Maternal I

“Projeto Colcha de Retalhos”, envolveu o despertar de emoções e relações humanas usando a história da colcha e a confecção da mesma, trazendo diferentes histórias e incentivando as crianças a conectar suas histórias pessoais com as experiências das famílias, promovendo a união e empatia. Quando usamos a colcha com as crianças para contação de histórias ou brincadeiras elas reconhecem seus retalhos, comentam e mostram para os amigos com sentimento genuíno de diferentes emoções.” **Profª Maria Auxiliadora – Multisseriada (Maternal I e II)**

“No trabalho do projeto Colcha de Retalhos com as crianças, as vivências com as histórias, proporcionaram o pensamento lúdico e simbólico em que as famílias participaram trazendo para a escola os retalhos desenhados pelas crianças e familiares.

Durante o processo, observamos grande entusiasmo delas, ao participarem ativamente da escolha e manuseio dos retalhos para a costura da colcha.” **Profª Tânia Sávio – Maternal II**

“Na construção do projeto as crianças se interessaram pelo livro, prestando atenção na história e fazendo perguntas. Os pais foram participativos quanto ao desenho afetivo, realizado em casa com as crianças.” **Profª Márcia Liasch – Nível I**

“Com muita dedicação e esforço desenvolvemos um bom trabalho. Foi realizado através de fotos enviadas pelos pais das crianças, pelas memórias afetivas e identidade de cada criança, proporcionando um espaço de troca e reflexão sobre a vida de cada uma vez que, falamos sobre sentimentos.” **Profª Raquel – NII**



“Posso dizer que foi importante, pois promoveu a união de diferentes vivências e saberes.”
Profª Raquel – NII



“Com AMOR e SAUDADE, deixamos o registro de nossas vivências no Projeto Colcha de Retalhos, com o nosso abraço coletivo.” **Profª Francisca – Classe Multisseriada (NI e NII)**

5. Vivências nos mini ateliês e a presença das famílias

Dando continuidade ao nosso Projeto Colcha de Retalhos, convidamos as famílias para participar da atividade na escola e juntos confeccionarmos as colchas com desenhos que foram realizados pelas crianças e as famílias, tornando esse momento ainda mais especial e significativo para as nossas crianças.

A professora Lílian, do Nível I, realizou uma pesquisa com as famílias sobre momentos vividos entre eles e os filhos e que foram significativos. Na roda da conversa compartilharam as pesquisas com os amigos.



“Fui passear em Holambra com o papai, a mamãe e os Dindos, meu tio Willian e tio David. Lá eu vi um lago com patinhos, tomei um sorvete feito de flores que era rosa e marrom e muito doce. Fui no brinquedo do pedalinho junto com a mamãe. Lá tinha um parquinho com escorregador e areia. Eu fiz um buraco na areia e também vi uma capivara nadando no rio. Foi um dia muito divertido.” -

Ághata – 4 anos – Nível I – Profª Lílian



“Eu fiz este desenho, pois gosto muito de ir com os meus pais ver o trem passar e ouvir o sino da igreja tocar.” -

Lucas – 4 anos – Nível I – Profª Lílian

Teodoro: *“O que vou fazer para preencher esse pedacinho?”*

Professora: *“Como você acha que deve fazer?”*

Teodoro: *“Mudei a posição do pedacinho de tecido e deu certo.”*

Teodoro – 5 anos – Nível II – Profª Francisca



Em papel sulfite colorido, montamos uma grande colcha de retalhos, com a participação de cada criança.

Na foto - **Alice – 4 anos – Nível I – Profª Márcia**

Quantos retalhos vamos precisar para fazer uma colcha para nossa turma?



Lara: *“Um pra cada criança.”*

Professora: *“Mas quantas crianças têm na sala?”*

Alice: *“Vinte e sete.”*

Lara e Alice Cruz – 5 anos – Nível II – Profª Maria Panhossi

No grupo do Daniel, Riquelme, Pedro e Bernardo, Pedro falou: *“Tem que pintar um de cada vez. Eu pinto, depois o outro pinta, o outro pinta, se pintar todo mundo junto vai ‘rabiscar’.”*

Daniel falou: *“Tive que esperar para pintar.”*

Pedro falou: *“Tem que ter paciência, Daniel.”*

Daniel, Riquelme, Pedro e Bernardo – 5 anos – Nível II – Profª Francisca

Rute lembrou: *“Vou fazer listrado de roxo e laranja, foi a cor do tecido que minha mãe mandou na costureira pra fazer um vestido pra ela e um pra mim.”*

Rute – 5 anos – Nível II – Profª Maria Panhossi

As famílias estiveram presentes, colaboraram e prestigiaram o nosso projeto.

A família do Ítalo escolheu um retalho afetivo, para fazer parte da nossa colcha de retalhos.

“Esse paninho é um pedaço do sling. Quando eu era bebezinho, minha mãe me carregava nele, eu adorava e ficava muito quietinho. Colocamos um ursinho aviador porque foi o tema do meu chá de fralda.”

**Ítalo – 1 ano e 8 meses –
Berçário II – Profª Patrícia**



Mãe da Laura: *“Conhecer o desenvolvimento deles, sobre a rotina, acho que cria mais laços entre a mãe, o filho e a escola.”*

**Laura – 4 anos – NI –
Classe Multisseriada –
Profª Francisca**

Avó da Emilly: *“Você gostou de fazer a colcha de retalhos?”*

Emilly: *“Gostei tanto, que quero aprender a costurar.”*

**Emilly – 5 anos – Nível II
– Profª Etelvina**

A mãe da pequenina Luísa, esteve presente na escola, num momento especial para as duas.

**Luísa – 1 ano e 7 meses
– Berçário I – Profª
Gislaine e Profª Isabel
Cristina**



Desenhos de todo tipo, desenhos de toda gente. A união faz a força. De desenhos e retalhos, faz-se a colcha.

Adaptado do livro: *“A União faz a colcha”*

Conclusão

Reflexões da Direção e Coordenação Pedagógica sobre o Projeto Colcha de Retalhos

Compartilhamos aqui nossas principais reflexões, sentimentos e sistematização sobre a construção do Projeto Colcha de Retalhos, sob o olhar da direção e da coordenação pedagógica.

Ao assumirmos a unidade, no início de 2025, sentimos uma preocupação genuína ao percebermos que, em relação ao projeto proposto pela Unicamp, nossa escola ainda não havia avançado tanto quanto outras unidades — especialmente na escolha de um tema e na resposta aos questionários sugeridos.

Foi então que, em diálogo com o professor Murilo - NEPP/Unicamp, recebemos acolhimento, escuta e orientação. Ao compartilharmos nossa realidade, ele nos disse com serenidade que poderíamos partir do marco zero. E foi a partir desse ponto que decidimos caminhar com coragem e determinação.

Mesmo partindo do início, fizemos um esforço coletivo, refletimos com cuidado e demos impulso ao projeto. Caminhamos com passos mais lentos, é verdade, mas com firmeza e persistência. Hoje, olhamos para os resultados com gratidão — pois tudo foi construído com o envolvimento de professoras, funcionárias, famílias e comunidade. Um verdadeiro trabalho de mãos dadas.

Nas conversas pedagógicas entre direção e coordenação, percebemos que cada pessoa interpretou o projeto Colcha de Retalhos de forma única. E foi justamente essa diversidade de olhares, modos de fazer e contribuições que tornou o processo tão rico. Ver o produto final, tecido por tantas mãos e histórias, foi emocionante.

A intencionalidade do projeto se alinha aos princípios dos mini ateliês, com uma proposta voltada à construção de valores essenciais: o respeito às diferentes formas de ser e viver, o reconhecimento das histórias e sentimentos de cada um, a amizade, a solidariedade, a empatia e a cooperação. Tudo isso trouxe também uma diversificação das práticas pedagógicas.

Lembrando que, foi muito significativa a participação dos pais, se envolvendo com olhares carinhosos e felizes.

Este projeto ainda está em construção. E sonhamos, com esperança e entusiasmo, em criar um grande ateliê permanente na Casa da Criança Baeti. Por enquanto, é um sonho — mas um sonho que pulsa forte e que, com o envolvimento de todos, pode se tornar realidade.

Equipe da Escola Casa da Criança Baeti: Direção; Pedagoga; Professoras, 328 funcionárias e famílias.

Referências Bibliográficas

- O Sentido e o Papel do Ateliê na Educação Infantil: A Experiência das Escolas Reggio Emilia. Disponível em: <https://www.cadernosuninter.com/index.php/intersaberes/article/view/1999> Acesso em: 28 set. 2025.
- Práticas cotidianas na Educação Infantil. Disponível em: https://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relat_seb_praticas_cotidianas.pdf Acesso em: 28 set. 2025.
- O espaço físico e sua relação no desenvolvimento e aprendizagem da criança. Disponível em: <https://meuartigo.brasilescola.uol.com.br/educacao/o-espaco-fisico-sua-relacao-n-o-desenvolvimento-aprendizagem-.htm> Acesso em: 28 set.2025.
- Como organizar ateliês: Um passo-a-passo básico e os principais cuidados ao preparar espaços de aprendizagem. Disponível em: <https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/ZRYrG7EdEktHER3AXeR7acr37ezAgWF8CyadnPuJFS5dY8gw8ra8ZUB9dyuK/ei-organizacao-de-atelies-ebook-final.pdf> Acesso em: 28 set. 2025.
- O dia da escola é todo dia. Disponível em: <https://dialogosembalados.com.br/blog/o-dia-da-escola-e-todo-dia/> Acesso em: 28 set. 2025.
- Revista Consciência | Diário fundado em 13 de maio de 2000. Disponível em: <https://revistaconsciencia.com/sou-feita-de-retalhos/> Acesso em: 28 set. 2025.
- BARBOSA, Maria Carmem Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. Projetos Pedagógicos na Educação Infantil.
- Brasil. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular - BNCC: Educação é a Base - Educação Infantil. Brasília, DF: MEC, 2017.
- PPP - Projeto Político Pedagógico - Casa da Criança Baeti - 2024 - Secretaria de Educação - Prefeitura Municipal de Americana -SP.
- UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Núcleo de Estudos de Políticas Públicas. Novo Olhar para a Infância - volume 1: O projeto educativo da Educação Infantil. Instituto Arcor Brasil; Fundação Feac.
- UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Núcleo de Estudos de Políticas Públicas. Novo Olhar para a Infância - volume 2: A pesquisa das crianças e o professor pesquisador. Instituto Arcor Brasil; Fundação Feac.

- UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Núcleo de Estudos de Políticas Públicas. Novo Olhar para a Infância - volume 4: As cem linguagens da criança, a cultura e a arte. Instituto Arcor Brasil; Fundação Feac.
- INSTITUTO ARCOR DO BRASIL; FUNDAÇÃO FEAC; UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Núcleo de Estudos de Políticas Públicas; SECRETARIA MUNICIPAL DE RIOS DAS PEDRAS. Novo olhar para a Educação Infantil: as escolas em transformação. Campinas, SP: NEPP/FEAC, 2022.
- BORGES, Roberta Rocha (Org.). Novo olhar para os espaços escolares. Campinas, SP: Instituto Arcor; Fundação Feac; NEPP, 2023.
- SILVA, Conceil Corrêa da; RIBEIRO, Nye. A colcha de retalhos. 2. ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2010.
- GUERRA, Enéas; MIRANDA, Antonio. *A união faz a colcha*. Salvador: Solisluna Editora, [s.d.].

Palavras finais: Uma escola que pulsa - territórios de possibilidades

A Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, é um território vivo que acolhe bebês e crianças pequenas. Na creche e na pré-escola, cuidado e educação acontecem juntos, como dimensões inseparáveis que sustentam o desenvolvimento integral. Esses espaços não são apenas lugares de passagem: são mundos que pulsam, onde a infância encontra tempo, linguagem, cultura e pertencimento.

Pensar a identidade de uma escola da infância é reconhecê-la como um organismo em movimento, tecido por valores éticos, estéticos e políticos. É um ambiente que escuta e se deixa afetar pelas cem linguagens das crianças — linguagens do corpo e da matéria, do som e do gesto, da imaginação e das tecnologias. Aqui, o digital não sobrepõe nem substitui o real: ele se mistura, se contamina e se reconstrói no diálogo com o analógico, com a natureza e com as experiências sensoriais. A tecnologia torna-se artesanal quando se dobra à mão da criança, quando serve ao pensamento, à exploração e ao encantamento.

Numa escola que pulsa, aprender é atravessar fronteiras: entre o dentro e o fora, o natural e o digital, o pensamento e a matéria. O ambiente, pensado como terceiro educador, oferece múltiplos planos de representação para que as crianças experimentem, criem hipóteses, construam imagens e reconfigurem sentidos. Cada espaço — um ateliê, um jardim, uma sala de acolhimento — funciona como território de possibilidade, sustentando vínculos, narrativas e projetos coletivos.

A prática educativa desse lugar vivo é democrática. Reconhece o direito de todos à voz e à escuta e compreende que cidadania se aprende desde o berço das relações. O Projeto Educativo expressa essa ética: organizar tempos, espaços e materiais não é apenas uma decisão metodológica, mas um posicionamento político, que afirma respeito, cuidado, solidariedade e diálogo.

O professor pesquisador é quem acompanha o cotidiano com atenção sensível. Ele observa, registra, experimenta e pensa com as crianças, transformando o ordinário em conhecimento. A documentação pedagógica, entendida como linguagem, não apenas torna visíveis os processos de aprendizagem: ela revela o valor da infância e do trabalho docente, ampliando o olhar sobre o que as crianças são capazes de fazer, imaginar e compreender.

As famílias também são parte essencial desse movimento pulsante. São parceiras de reflexão, presença e construção de comunidade. Quando a escola aprende com as famílias, seus territórios de possibilidade se ampliam e sua cultura de participação se fortalece.

Assim, nossa escola é viva porque se reinventa. É investigativa porque acolhe perguntas. É aberta porque reconhece que aprender é sempre atravessar fronteiras. É nesse encontro — entre crianças, professores, famílias, natureza e tecnologias — que afirmamos a escola como território pulsante, lugar de criação e cuidado.

Como lembra Rinaldi (2012, p. 39), “as escolas são locais de construção de valores, tais como amizade, solidariedade, respeito pelas diferenças, diálogo, emoção e afeição.”

Em cada som, imagem, gesto e palavra, reafirmamos a escola como um mundo que pulsa: um território de possibilidades onde educar é investigar, criar e honrar a infância em sua plenitude.

Profa. Dra. Roberta Rocha Borges

- Coordenadora do Programa de Estudos em Políticas Públicas para Educação Infantil (PEPPEI) / Núcleo de Estudos de Políticas Públicas (NEPP);
- Coordenadoria de Centros e Núcleos Interdisciplinares de Pesquisa (COCEN)/Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP);
- Professora do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação (FE/UNICAMP)

Prof. Me. Murilo Braga

Coordenador grupo de estudos POÍESIS/PEPPEI/NEPP/UNICAMP